



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO

AFETIVIDADE E ESTIMA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS
AFETIVOS DE MULHERES VENEZUELANAS EM BOA VISTA (RR)

FORTALEZA

2023

HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO

AFETIVIDADE E ESTIMA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS
AFETIVOS DE MULHERES VENEZUELANAS EM BOA VISTA (RR)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira
Áurea Cruz Bomfim.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B42a** Bento, Halaine Cristina Pessoa.
Afetividade e Estima de Lugar : a construção dos mapas afetivos de mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR) / Halaine Cristina Pessoa Bento. – 2023.
160 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Zulmira Aúrea Cruz Bomfim.
1. afetividade. 2. migração. 3. venezuelanas. 4. mapas afetivos. 5. estima de lugar. I. Título.
CDD 150
-

HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO

AFETIVIDADE E ESTIMA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS
AFETIVOS DE MULHERES VENEZUELANAS EM BOA VISTA (RR)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 27/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcelo Naputano
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Aos meus pais, nordestinos em terras nortistas, meus exemplos de vida, amor e respeito (filha do Norte, neta do Nordeste); a todas as famílias venezuelanas pela luta diária por melhores condições de vida no Brasil; e a todas as mulheres venezuelanas residentes em Roraima, em especial na minha cidade natal Boa Vista.

AGRADECIMENTOS

Com os olhos marejados e o coração muito grato, começo meus agradecimentos com a certeza de que a vida é uma caixinha de surpresas e nesses últimos anos, com todas as situações inesperadas, pude crescer cada vez mais como ser humano. Primeiramente, agradeço à vida e aos anjos de luz pela oportunidade de caminhar ao lado de pessoas tão importantes e especiais para mim. Minha mãe, Raimunda Pessoa, e meu pai, Valdemir Bento, só tenho a imensa alegria de tê-los como meus guias de vida e a cada dia aprender com base no respeito, amor, sabedoria e dignidade. Meus fiéis incentivadores da educação, na busca pelo o que é nosso e na luta para conquistar o que possa vir a ser nosso. Também agradeço ao meu irmão, Pedro Bento, com o qual cresci aprendendo com ele. Seu esforço, sua perseverança e seu coração tão grande levando amor ao próximo. Juntos crescemos vendo o esforço dos nossos pais e nisso aprendemos os verdadeiros significados da vida. Eu amo vocês, mãe, pai e irmão.

Ao meu primeiro sobrinho Théo que está a caminho, agradeço também pela alegria em saber que você já existe entre nós e será mais um amor na nossa vida. Que venha com muita saúde em 2023. Agradecida também pelo o apoio da Cássia, Malu e Letícia nessa caminhada.

Agradeço aos amigos da família Luzia e Edmilson, presentes na minha vida desde quando eu era criança e sempre incentivaram muito os sonhos da minha família.

Agradeço à minha família - tios, tias, primos e primas - que se encontra no Ceará por todo apoio e carinho no tempo que ficamos juntos, sobretudo, no período pandêmico COVID-19. O suporte e atenção de vocês foi muito importante nessa etapa da minha vida.

Agradeço à Universidade Federal de Roraima (UFRR) pelas oportunidades que me foram dadas para que eu pudesse seguir em frente com o sonho da vida acadêmica. Especialmente, agradeço à professora Talitha Macêdo por todos os ensinamentos e incentivos que me foram dados, para que o meu conhecimento teórico e prático formasse a profissional que sou hoje. Agradeço ao professor Marcelo Naputano, que desde o meu trabalho de conclusão de curso em Psicologia esteve presente nessa caminhada e foi também incentivador para que eu continuasse dando prosseguimento a minha vida acadêmica. Gratidão por aceitar também o convite nessa experiência do mestrado.

Agradeço pelas amigas que foram conquistadas em cada espaço da UFRR, afinal sem elas não seria possível enfrentar os desafios de uma universidade pública, como foi Isabela Reis na minha vida. De coração, agradeço por cada palavra dita, pelas

boas conversas, pela grande companheira e amiga que tem sido na minha vida. Agradeço ao meu amigo Gilskey Coelho pelos os incentivos e conversas diárias sobre o futuro. Agradeço, ainda, as grandes amigas Ana Luiza Coêlho, Izabela Melo, Yara Micaella e Marianna Hidalgo pelas forças dadas nessa longa trajetória.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pela oportunidade que me foi dada em aprofundar os meus conhecimentos na instituição na área dos Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global. Agradeço, imensamente à Universidade Federal do Ceará e, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela possibilidade de cursar o tão sonhado mestrado com grandes mestres e doutores da Psicologia no Brasil. Retornar para a terra dos meus pais e, ainda, com muito esforço conquistar o primeiro título de mestrado da Família Pessoa Bento tem um grande significado para a história da minha família; gratidão UFC, por fazer parte dessa história. Deixo aos meus professores do mestrado: Zulmira Bomfim, Verônica Ximenes, João Paulo Barros, Aluísio Lima, Karla Martins, Luciana Miranda, Ricardo Mello, Walberto Santos e Veriana Colaço, os agradecimentos por todos os ensinamentos que foram dados por meio das disciplinas do mestrado, eventos científicos e produções científicas.

A minha imensa gratidão vai para a minha orientadora, Profa. Zulmira Bomfim, que com toda paciência me acolheu no Ceará, na sua casa e no Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS). Todas as suas palavras e ensinamentos levarei para a vida, com a certeza de que as aprendizagens conquistadas foram muito importantes para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Gratidão aos amigos e colegas do LOCUS pelo acolhimento, carinho e aprendizagem constante junto a vocês, nos nossos grupos de estudos, eventos e produções. Meus sinceros agradecimentos a Andie Lima, Mônica Martins, Fábio Pacheco, Mayara Rocha, Hellen Barreto, Maria Zelfa e Yasmin Cordeiro por me ensinarem tanto sobre a vida acadêmica.

Minha grande amiga do mestrado, Andie Lima, não sei o que seria de mim sem você no mestrado. Quantos desafios, momentos difíceis e vitórias tivemos juntas. Cresci muito lendo as suas palavras e ouvindo os seus conselhos, saiba que levarei todos comigo. Você é uma grande potência e inspiração para todos que estão ao seu redor. Gratidão por tudo que criamos e crescemos juntas nesse mestrado, espero que muitos outros planejamentos venham pela frente.

Meus agradecimentos à Profa. Nara Rocha, pelos ensinamentos que foram dados enquanto educadora no LOCUS. Lembro-me que no primeiro dia no laboratório tive a

oportunidade de encontrá-la pela primeira vez e, muito carismática, desejou-me boas-vindas pelo ingresso na nova universidade. Nessa etapa final, ter a sua presença na banca tem um significado especial, da mesma forma como a encontrei pela primeira vez.

Gratidão também muito especial à Profa. Verônica Ximenes, pelas oportunidades que me foram dadas ao aprender com ela por meio das aulas, qualificação do mestrado e trocas de experiências por meio do livro “Viver nas Ruas”. Minha imensa gratidão por também fazer parte desta minha caminhada acadêmica.

Meus sinceros agradecimentos às organizações não-governamentais Fraternidade Sem Fronteiras (FSF) e Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR-Boa Vista). A FSF através de grandes companheiros - Arthur Dias e Vanessa Epifânio - abriram as portas para que eu pudesse melhor conhecer a realidade dos migrantes e refugiados no Brasil por meio da monografia e, posteriormente, como psicóloga da organização e estudante de mestrado. Ao SJMR-Boa Vista, eu só tenho a agradecer pela oportunidade que me foi dada enquanto psicóloga voluntária na pandemia e depois enquanto profissional da instituição, trabalhando diretamente com a população migrante e refugiada.

Deixo o meu carinho à equipe do SJMR-Boa Vista e, principalmente, aos(as) amigos(as) Maia, Verônica, Mayra, Beatriz, Matheus Moura, Hoyos, Onogifro, Ives, Fernando, coordenação e todos(as) demais colegas de trabalho por também fazerem parte da história desse mestrado, compartilhando muitos trabalhos, mas também boas risadas, café, chá, traduções de materiais, indicando leituras e participantes para a pesquisa. Gratidão pela oportunidade de aprender com vocês enquanto profissional e ser humano, vocês são incríveis!

Não poderia deixar de agradecer ao Seu Oliveira do Clube dos Livros, Boa Vista (RR), que com todo carinho convidou participantes para a pesquisa e disponibilizou o espaço da sua biblioteca para eu realizar as entrevistas, minha imensa gratidão. Meus sinceros agradecimentos, ainda, a Escola CEM VII e, especialmente, a professora Ray Pessoa (minha mãe) que convidou mais participantes para o estudo e disponibilizou o espaço do laboratório para eu aplicar a pesquisa.

Meus agradecimentos às participantes da pesquisa, pela confiança que me foi dada ao dividirem seus espaços de convivência e suas histórias em um momento de extrema vulnerabilidade. Conhecê-las de perto, suas dificuldades e lutas diárias só fez aumentar a minha admiração pelas grandes mulheres e migrantes que todas são na América Latina. Grandes mulheres, filhas, companheiras, profissionais, amigas e mães.

E para chegar até aqui, e como cria das políticas públicas educativas no território brasileiro, não poderia deixar de agradecer a resistência que o Brasil teve para suportar entre os anos 2019-2022 o desmonte do Governo Federal. A vitória do novo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2023 significa a reconstrução de uma nação, a reconstrução da dignidade humana e o respeito ao próximo. Que possamos ir à luta e em busca de melhores condições de vida, por meio de uma educação de qualidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Sem cada um de vocês nada disso seria possível, gratidão por essa caminhada,
meus e minhas companheiras!

Onde a máquina me leva não há nada; Horizontes e fronteiras são iguais; Se agora tudo que eu mais quero já ficou pra trás; Qualquer um que leva a vida nessa estrada; Só precisa de uma sombra pra chegar; A saudade vai batendo e o coração dispara.

In: *Retrovisor*. Música ouvida pelos meus pais (cearenses) quando chegaram em Boa Vista, Roraima.

RESUMO

O extremo norte do Brasil tem sido via de ingresso de mulheres venezuelanas em busca de melhores condições de vida devido à crise econômica, política e social que aflige o país de origem, e o estado de Roraima tem sido impactado por uma nova realidade a partir desta migração. É notório que este fenômeno envolve aspectos sociais, econômicos, culturais, linguísticos e, também, afetivos, entendido aqui como sentimentos e emoções, isto é, a Afetividade, como categoria de observação e de análise; e mais especificamente, a Estima de Lugar, como uma forma de avaliação dos afetos das mulheres estudadas com seus lugares de origem e seu novo lar. O presente estudo, então, tem como objetivo compreender a Afetividade e a Estima de Lugar de mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR) a partir da construção dos seus mapas afetivos, da aferição da Estima de Lugar, e da compreensão das vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento. Para isto, fundamentada na Psicologia Social e Ambiental de base sócio-histórica, esta pesquisa utilizou o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) e a entrevista semiestruturada para levantamento dos dados. As participantes foram 16 (dezesesseis) venezuelanas, na faixa etária entre 18 e 52 anos, na condição de residente ou refugiada no Brasil, distribuídas entre pardas (06), pretas (05), indígenas (03) e brancas (02), morando em casa própria, alugada ou ocupação urbana. Posteriormente, as informações foram tratadas, transcritas e analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram um predomínio de Estima de Lugar Potencializadora, com prevalência de Imagem Afetiva de Pertencimento e Agradabilidade, em razão de que Roraima é vista por elas como lugar de recordações, recomeço e aprendizagens. Já nas entrevistas, foi possível entender o campo das vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento, no que diz respeito à situação de rua, preconceitos, dificuldades com o idioma, desemprego, perdas familiares, dentre outros. Por fim, com os resultados desta pesquisa, espera-se que sejam indicadores para outros públicos de migrantes e refugiados no território brasileiro, além de promover um maior aprofundamento sobre a temática apresentada, propiciando suporte para o fortalecimento de ações de enfrentamento e de implementação de políticas públicas que atendam a esta população migrante em situação de vulnerabilidades sociais e de sofrimento ético-político.

Palavras-chave: afetividade; migração; venezuelanas; mapas afetivos; estima de lugar.

ABSTRACT

The extreme north of Brazil has been a gateway for Venezuelan women in search of better living conditions due to the economic, political and social crisis that afflicts the country of origin, and the state of Roraima has been impacted by a new reality from this migration. It is notorious that this phenomenon involves social, economic, cultural, linguistic and also affective aspects, understood here as: feelings and emoticons, that is, Affectivity, as a category of observation and analysis; and more specifically, the Esteem of Place, as a way of evaluating the affections of the women studied with their places of origin and their new home. The present study, therefore, aims to understand the Affectivity and the Esteem of Place of Venezuelan women in Boa Vista (RR) from the construction of their affective maps, the measurement of the Esteem of Place, and the understanding of the vulnerabilities and strategies of confrontation. For this, based on Social and Environmental Psychology of socio-historical basis, this research used the Instrument Generator of Affective Maps (IGMA) and the semi-structured interview for data collection. The participants were 16 (sixteen) Venezuelans, aged between 18 and 52 years, as residents or refugees in Brazil, distributed among brown (06), black (05), indigenous (03) and white (02), living own, rented or urban occupation. Subsequently, the information was treated, transcribed and analyzed from the perspective of Content Analysis. The results showed a predominance of Empowering Esteem of Place, with a prevalence of Affective Image of Belonging and Pleasantness, as Roraima is seen by them as a place of memories, new beginnings and learnings. Already in the interviews, it was possible to understand the field of vulnerabilities and coping strategies, with regard to homelessness, prejudice, language difficulties, unemployment, family losses, among others. Finally, with the results of this research, it is expected that they will be indicators for other groups of migrants and refugees in the Brazilian territory, in addition to promoting a greater depth on the theme presented, providing support for the strengthening of actions to confront and implement public policies that assist this migrant population in a situation of social vulnerabilities and ethical-political suffering.

Keywords: affectivity; migration; Venezuelans; affective maps; place esteem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Entradas de mulheres venezuelanas no território brasileiro nos pontos de fronteira, Brasil, 2011 - 2020.....	57
Figura 1 - Equipe do projeto “Voluntariação”.....	19
Figura 2 - Trabalho da Psicologia na Fraternidade Sem Fronteiras.....	21
Figura 3 - Atividades do Moro no Brasil com grupo de mulheres venezuelanas.....	23
Figura 4 - Atividades do Linhas Sem Fronteiras com oficina de bordado para as mulheres brasileiras e venezuelanas na Comunidade João de Barro.....	24
Figura 5 - Atividades do NPI EXPAND com as mulheres venezuelanas da Ocupação Pricumã.....	24
Figura 6 - Divisa entre Brasil e Venezuela.....	36
Figura 7 - Pontos frequentados pela população de Boa Vista-RR.....	38
Figura 8 – Abrigos apoiados pela Operação Acolhida em Boa Vista-RR.....	44
Figura 9 - Pontos de Apoio Operação Acolhida em Boa Vista-RR.....	46
Figura 10 - Pontos de Apoio Operação Acolhida em Manaus-AM.....	46
Figura 11 - Ocupações urbanas de famílias venezuelanas em Boa Vista-RR.....	47
Figura 12 - Casa da Mulher Brasileira em Boa Vista-RR.....	61
Figura 13 - Entrevista na Comunidade João de Barro, Boa Vista-RR.....	78
Figura 14 - Entrevista na Ocupação Coronel Monteiro, Boa Vista-RR.....	79
Figura 15 - Entrevista na Escola Maria dos Prazeres Mota, Boa Vista-RR.....	79
Figura 16 - Entrevista em uma Praça de Alimentação Pública, Boa Vista-RR.....	79
Figura 17 - Entrevista em uma biblioteca particular, Boa Vista-RR.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição das Imagens Afetivas da Estima de Lugar.....	74
Quadro 2 - Componentes do IGMA.....	82
Quadro 3 - Modelo de quadro categorial.....	84
Quadro 4 - Mapa Afetivo Maribel.....	92
Quadro 5 - Mapa Afetivo Daniela.....	93
Quadro 6 - Mapa Afetivo Margarita.....	94
Quadro 7 - Mapa Afetivo Ana.....	95
Quadro 8 - Mapa Afetivo Escarcha.....	96
Quadro 9 - Mapa Afetivo Carolina.....	97
Quadro 10 - Mapa Afetivo Lali.....	98
Quadro 11 - Mapa Afetivo Lismarie.....	99
Quadro 12 - Mapa Afetivo Emilia.....	100
Quadro 13 - Mapa Afetivo Maria.....	101
Quadro 14 - Mapa Afetivo Yei.....	102
Quadro 15 - Mapa Afetivo Margarida.....	103
Quadro 16 - Mapa Afetivo Anaís.....	104
Quadro 17 - Mapa Afetivo Sara.....	105
Quadro 18 - Mapa Afetivo Mariza.....	106
Quadro 19 - Mapa Afetivo Victoria.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações sobre as participantes da pesquisa.....	87
Tabela 2 - Informações migratórias e renda das participantes da pesquisa.....	88
Tabela 3 - Índice de Estima de Lugar (IEL) e Imagem Afetiva das participantes da pesquisa.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AVSI	Associação Voluntários para o Serviço Internacional Brasil
APITSM	Associação dos Povos Indígenas da Terra de São Marcos
CADH	Convenção Americana sobre Direitos Humanos
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CORTE IDH	Corte Interamericana de Direitos Humanos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FSF	Fraternidade Sem Fronteiras
FUNAI	Fundo Nacional do Índio
LOCUS	Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PIBIC	Programa de Iniciação Científica
SJMR	Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados
UERR	Universidade Estadual de Roraima
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	História de vida e antecedentes da pesquisa.....	16
1.2	Trajetos da pesquisa.....	25
2	MARCO TEÓRICO	26
2.1	A crise na Venezuela e a legislação brasileira sobre as migrações.....	26
2.2	Roraima e os desafios de acolhimento da migração venezuelana.....	35
2.3	Feminização das migrações e a chegada das mulheres venezuelanas em Roraima.....	51
2.4	Psicologia Social e Afetividade: suas bases teóricas.....	62
2.4.1	<i>Psicologia Socioambiental e a construção dos Mapas Afetivos e a Estima de lugar</i>	68
3	CAMINHOS DA PESQUISA	75
3.1	Natureza do estudo.....	75
3.2	Cuidados éticos da pesquisa.....	76
3.3	Inserção e contato com o campo de pesquisa.....	77
3.4	Crterios para seleçao das participantes.....	80
3.5	Instrumentos de pesquisa utilizados.....	81
3.6	Procedimentos de aplicao do estudo.....	83
3.7	Anlise de dados.....	84
4	RESULTADOS E DISCUSSOES	86
4.1	Perfil e caractersticas das participantes.....	86
4.2	ndice de Estima de Lugar (IEL) e Imagem Afetiva	90
4.3	Elaborao dos Mapas Afetivos.....	91
4.4	O campo das vulnerabilidades e as estratgias de enfrentamento.....	107
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	113
	ANEXO A - APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA	127
	APÊNDICE A - TCLE EM PORTUGUÊS	131

APÊNDICE B – TCLE EM ESPANHOL.....	133
APÊNDICE C – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS	135
APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	141
APÊNDICE E – PARECER E TRADUÇÕES DO IGMA E ENTREVISTA.....	142

1 INTRODUÇÃO

Embora não muito usual, optei por uma divisão da introdução em dois subtópicos e com a inclusão de fotografias para aproximar os/as leitores/as aos relatos. No primeiro subtópico, vou apresentar a minha história familiar, acadêmica e profissional, que está diretamente ligada ao real sentido da pesquisa na minha vida. Já no segundo subtópico, serão explicadas as categorias psicológicas que nortearão o estudo, o seu campo de reflexão e o seu desenvolvimento nas etapas seguintes.

1.1 História de vida e antecedentes da pesquisa

A minha história começa no interior do estado do Ceará, quando meus pais, Valdemir Bento e Raimunda Pessoa, filho e filha de pais cearenses semialfabetizados, em 1989, saíram da cidade de Aracati para o estado de Roraima com o meu irmão Pedro Neto, com apenas seis meses de idade. Como migrantes nordestinos que sequer conheciam alguém na cidade de Boa Vista, a não ser alguns outros também amigos cearenses que embarcaram na ideia, meus pais passaram por muitas dificuldades, pois não tinham nenhuma condição financeira, de moradia e/ou de trabalho, mas sempre muito dispostos a lutar por um recomeço e por melhores condições de vida.

Por muitos anos sem conseguir visitar o Ceará novamente, meus pais trabalharam muito para conquistar a casa própria e ter as condições básicas para o pleno desenvolvimento do meu irmão. Segunda filha e caçula do casal, nasci em 1995 na cidade de Boa Vista, com seis anos de diferença do primogênito. Crescemos e aprendemos com os nossos pais o significado do amor, respeito, companheirismo e lutar pelos nossos sonhos através dos estudos e trabalho. Tenho muito orgulho das minhas raízes e da minha história familiar.

Minha mãe e pai são as minhas referências de vida. Filha de uma licenciada em matemática pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e professora de escola pública há 31 anos, vejo-a como minha inspiração de mulher, mãe e profissional. Filha de pai autônomo com apenas o ensino médio, ele me ensinou os exemplos diários de fortaleza, humildade e bondade. Sozinhos, criaram os dois filhos no ensino público, o primeiro filho formado em Direito pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), exercendo a advocacia e a procuradoria de uma empresa pública.

Em 2014, aos 19 anos, ingressei no curso de Psicologia na UFRR, através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sou cria das políticas públicas do nosso país. Falo que a Psicologia foi um campo do saber que aprendi aos poucos a amar. O meu

primeiro ano de curso foi o mais difícil, pois tive contato com disciplinas introdutórias como de sociologia, filosofia e estatística e não estava, ainda, identificando-me com a formação.

Já no final do segundo semestre e início do segundo ano, a convite da Profa. Msc. Talitha Macêdo do curso de Psicologia, comecei a participar de um projeto de extensão intitulado “Adolescência e Sexualidade” em uma escola pública de Boa Vista (RR). Trabalhando durante oito meses com uma equipe de cinco mulheres e quatro homens do curso de Psicologia, as ações proporcionaram-me um olhar mais crítico da Psicologia em campo, compreender a importância de projetos socioeducativos nas instituições de ensino no campo da sexualidade e os desafios das mediações de grupos (SILVA; BENTO; LIMA, 2019).

A partir do contato com uma gestante na escola e com os altos índices de gravidez na adolescência em Roraima, durante dois anos fui bolsista de Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e pesquisei sobre maternidade na adolescência na cidade de Boa Vista (SILVA; BENTO, 2018; BENTO; SILVA, 2020). Não posso deixar de destacar que as oportunidades oferecidas pela Profa. Talitha Macêdo, no meu primeiro projeto de extensão e nas pesquisas de iniciação científica, possibilitaram-me um melhor entendimento sobre a Psicologia como ciência e suas nuances na área acadêmica.

Com essas experiências, as disciplinas do curso foram tendo mais sentido atreladas à prática acadêmica, e com a participação em eventos científicos para apresentação de trabalhos em outros estados brasileiros (Ceará, Minas Gerais e Rio de Janeiro) e em outros países (Argentina). Por meio do ensino público, bolsas de pesquisa e com financiamento para participação em eventos, a academia foi me conquistando pouco a pouco e a percebi como um campo a ser investido cada vez mais na minha carreira profissional.

Além disso, durante a minha trajetória acadêmica, pude presenciar um dos maiores impactos sociais e econômicos vivenciados no estado de Roraima: a migração por sobrevivência da população venezuelana. A migração consiste no deslocamento de qualquer pessoa ou grupo que se mude ou se desloque dentro de um Estado ou nas fronteiras internacionais. Dentre as modalidades de migração existentes, temos, por exemplo, pessoas imigrantes e refugiadas. A primeira, é a pessoa de outro país que se estabelece de forma temporária ou definitiva em outra nação; e a segunda, é a condição de proteção do Estado para pessoas em violação de direitos humanos no país de origem (OIM, 2011).

Nesse sentido, a crise política, econômica e social que aflige a Venezuela, após o governo de Nicolás Maduro nos últimos dez anos, fez com que as famílias venezuelanas sofressem os efeitos do autoritarismo imposto no país. Assim, o colapso instaurado com a falta de emprego, escassez de alimentos – e, conseqüentemente, a elevação da taxa de desnutrição no país –, carência de remédios, aumento da criminalidade e perseguições políticas fizeram com que mais de seis milhões de venezuelanos migrassem para nações vizinhas em busca de refúgio e melhores condições de vida (AZEVEDO, 2019).

Quanto aos locais escolhidos como refúgio, o Brasil tem sido a quinta nação mais procurada pela população venezuelana, ficando atrás da Colômbia, Peru, Chile e Equador (FGV, 2020). Contudo, o Brasil é o país com maior número de pessoas venezuelanas reconhecidas como refugiadas na América Latina (SILVA *et al.*, 2021). Tal fato é considerado um grande marco quando se fala em direitos migratórios internacionais em razão dos avanços das leis que regem o território brasileiro ao longo da história nacional.

A maioria das famílias venezuelanas que entram em terras brasileiras a fazem por meio da cidade de Pacaraima, região norte do estado de Roraima e fronteira com Santa Elena do Uairén, Venezuela. Em sua maioria, trata-se de uma população adulta, entre 20 e 39 anos, com perfis diversos, dentre os quais é forte a presença de mulheres (SIMÕES, 2018). Ressalto que Roraima não estava preparada para receber um expressivo contingente migratório, assim os trabalhos realizados por comunidades locais, voluntários e universidades foram fundamentais para possibilitar um acolhimento às famílias venezuelanas.

Entre os anos de 2017-2018, em razão da intensificação migratória da população venezuelana para a cidade de Boa Vista, e à convite da minha orientadora Talitha Macêdo, tive a oportunidade de integrar um grupo de voluntários chamado “Ação Social”. Com essa equipe, formada em torno de quinze profissionais de diferentes áreas e estudantes, pudemos auxiliar na distribuição de alimentos, roupas e atendimento em saúde às famílias vivendo aos arredores da Rodoviária Internacional José Amador de Oliveira, na capital de Roraima.

Depois de algumas semanas em ação durante os fins de semana, a professora Talitha junto a mim e outras colegas do curso de Psicologia e Medicina, decidimos institucionalizar pela UFRR um projeto de extensão chamado “Voluntariação”. A participação e a força feminina foram muito importantes para a execução do voluntariado, pois o grupo era formado por sete mulheres e outros voluntários (Figura 1).

Anterior ao surgimento da Operação Acolhida, o “Voluntariação” tinha o objetivo de promover responsabilidade social e o desenvolvimento de intervenções humanitárias com a população venezuelana em situação de rua e abrigos de Roraima. O projeto possibilitou-me enxergar uma realidade preocupante que a cidade de Boa Vista estava vivenciando com a chegada das famílias venezuelanas em situação de extrema vulnerabilidade. Pessoas em situação de rua, com dificuldades para comunicar-se, com problemas de saúde, necessitando de atendimento médico, sem ter o que comer, beber, vestir e onde trabalhar (SILVA *et al.*, 2019).

Figura 1 - Equipe do projeto “Voluntariação”.



Fonte: elaboração própria (2018)¹.

Enquanto aluna e pesquisadora, tive como me aproximar das famílias, ouvir suas histórias e lutas diárias, explicar sobre os serviços de saúde, educação e segurança na cidade, participar de atividades recreativas, compartilhar de lanches, doações e muitas trocas culturais por meio de momentos festivos. Muitas vezes, não tinha o que oferecer em relação a moradia ou uma oportunidade de emprego, mas se sentar ao lado das pessoas, oferecer a minha escuta, ouvir suas narrativas e proporcionar um pouco de alívio em meio a tanta dor, saudade e solidão era a minha única ferramenta de cuidado.

Tocada por esses momentos e com base nas minhas experiências anteriores na pesquisa e extensão, em 2018, para o desenvolvimento da minha monografia, estudei sobre a realidade dos imigrantes venezuelanos no extremo Norte do Brasil. Nas entrevistas, compreendi que por mais que a migração não tenha sido um desejo a priori das famílias, tornou-se necessária por questões de sobrevivência. Porém, ao chegarem em

¹ Fotos autorizadas para divulgação pelo projeto “Voluntariação”:
https://www.instagram.com/voluntaria_acao/

Roraima, ainda enfrentam uma série de dificuldades de reinserção socioeconômica, preconceito e xenofobia. Torna-se necessário melhor compreender a realidade local para intervir nesse contexto, respeitando as diversidades culturais e buscando estratégias de acolhimento (BENTO, 2019).

Cabe destacar que, depois de meses, apenas a sociedade civil atuando no acolhimento das famílias venezuelanas em Boa Vista, surge em março de 2018 a Operação Acolhida – Força-Tarefa Logística Humanitária em Roraima. A Operação foi uma medida emergencial no fluxo migratório de venezuelanos no Brasil ao realizar o ordenamento da fronteira, abrigamento e interiorização. Diversas instituições públicas e privadas, organizações não-governamentais internacionais e nacionais vieram desenvolver trabalhos na fronteira com a Venezuela, na capital de Roraima e do Amazonas (OLIVEIRA, 2021).

Além disso, já no início da minha carreira profissional em 2019, no meu primeiro trabalho como psicóloga, fui contratada para acompanhar famílias venezuelanas em um centro de acolhimento gerenciado pela organização humanitária e não-governamental Fraternidade Sem Fronteiras (FSF), através do projeto *“Brasil, um coração que acolhe”*. O contato com esse público trouxe-me diversas reflexões, pois as pessoas migrantes chegavam ao espaço com diversas demandas psicológicas, necessitando de tratamento e encaminhamentos à rede pública de Boa Vista, com dificuldades na língua portuguesa, dentre outros aspectos.

Tal contexto me fez pensar sobre o meu papel enquanto profissional, de entender os impactos da migração vivenciadas por essas pessoas; sobretudo, de perceber o meu dever enquanto ser humano de acolher suas demandas e, ainda, o prazer de possibilitar um novo recomeço para elas no Brasil. Enquanto primeira psicóloga contratada pela FSF para o devido projeto, atuei acompanhando os casos de proteção e a participação dos migrantes (crianças, adolescentes, adultos e idosos) nos cursos, capacitações, trabalhos com grupos focais, cuidados com o espaço e regras de convivência (Figura 2).

Figura 2 - Trabalho da Psicologia na Fraternidade Sem Fronteiras.



Fonte: elaboração própria (2019)².

Sobre os grupos focais, a minha função tinha algumas demandas específicas, como rodas de conversas com grupo de mulheres. Muitas mães, casadas e algumas solteiras trouxeram-me a oportunidade de discutir sobre violência baseada em gênero, os serviços de denúncia e proteção no Brasil, o campo da sexualidade acerca da higiene íntima, infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Um trabalho muito enriquecedor para conhecê-las e ao mesmo tempo criar uma confiança para que elas pudessem trazer suas dúvidas, questionamentos e trocas de experiências (BENTO; LIMA; BOMFIM, 2020).

Esse trabalho mais específico realizado com o grupo de venezuelanas também foi levantado por mim, pensando nos altos índices de violência contra mulher no Brasil e, especificamente, em Roraima. O estado de Roraima em 2018 apresentou o maior número de feminicídio do Brasil, 10,4 mortes para cada 100 mil mulheres, um aumento de mais 20% comparado ao ano de 2017 e, ainda, cerca de 60% das vítimas eram negras, 55% com idade entre 20 e 39 anos e 70,7% com apenas o ensino fundamental. Nesse mesmo ano, o número de casos de violência doméstica em Roraima foi de 94 casos para cada 100 mil mulheres e a taxa de estupro foi de 88 para cada 100 mil mulheres (BRASIL, 2020a). Portanto, o grave contexto de violência envolvendo o público feminino no extremo Norte do Brasil levanta a importância de ampliar os estudos com esse público e pensar no planejamento de políticas públicas para atuar no campo preventivo.

Em 2020, nos meus 24 anos, mudei-me para Fortaleza para cursar o Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Fotos autorizadas através de documento assinado pelos imigrantes à instituição: <https://www.fraternidadesemfronteiras.org.br/portfolio/brasil-um-coracao-que-acolhe-4/>

Com o sonho de conseguir o primeiro título de mestrado da Família Pessoa Bento, cheguei na UFC com muitas ideias a serem exploradas sobre a temática de migração em Roraima e mulheres venezuelanas³. Assim, o cumprimento das disciplinas da pós-graduação e o acolhimento dos membros, amigos e pesquisas do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus) foram fundamentais para o desenvolvimento do meu estudo.

Desde 2003, o Locus é um Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental vinculado ao Departamento de Psicologia da UFC e coordenado pela professora e minha orientadora de mestrado Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim. Os membros do laboratório são estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia e outros cursos da UFC, além de psicólogos de outras instituições e profissionais voluntários. As pesquisas realizadas por estudantes e professores são da área da Psicologia Ambiental e Psicologia Social de vertente sócio-histórica acerca de contextos urbanos e rurais, políticas públicas e direitos humanos, povos tradicionais, interculturalidade, interseccionalidade, dentre outras temáticas.

A Psicologia Ambiental trouxe-me a oportunidade de compreender o fenômeno da migração venezuelana a partir dos comportamentos, percepções e inter-relações entre pessoas e ambiente (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). Arelada a essa perspectiva, a Psicologia Social na abordagem sócio-histórica proporcionou-me reflexões sobre as desigualdades sociais, vulnerabilidades sociais, sofrimentos psicológicos, afetos e emoções no meio social (LANE, 1981; SAWAIA, 2009).

Nesse sentido, dentro desse meu processo formativo, não posso deixar de mencionar a chegada da pandemia COVID-19. Todo um trabalho psíquico e pessoal para lidar com os desafios de estudar em *home office*, retornar para Roraima e não conseguir ter contato durante um ano e meio com o meu campo de pesquisa. Assim, entre janeiro de 2021 e março de 2022 fiz uma Especialização à distância voltada para a área de Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) para melhor compreender o campo das migrações como um direito humano e garantido na história mundial através da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

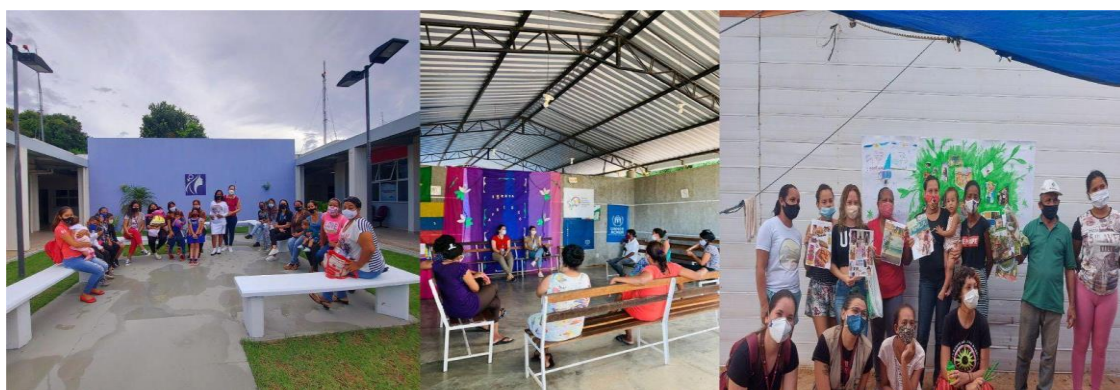
O meu trabalho intitulado “*Uma revisão de escopo sobre a migração e refúgio da população venezuelana no Brasil*” através da análise de doze artigos científicos trouxe a

³ Devido a importância de gênero no meu trabalho, toda vez que me manifestar sobre a população venezuelana migrante será no feminino, exceto nas citações.

oportunidade melhor entender o campo teórico da crise na Venezuela, e também o Brasil, no seu processo de acolhimento das famílias migrantes e os trabalhos de assistência humanitária em Roraima. Junto aos estudos do mestrado, essa produção foi a possibilidade de aprofundar o meu conhecimento sobre migração e refúgio no Brasil, ter um olhar mais crítico sobre as políticas migratórias brasileiras e trazer novos campos de reflexões na área dos Direitos Humanos.

Como também, a partir de junho de 2021, com todos os cuidados sanitários, diminuição de casos e o avanço na vacinação contra a doença pandêmica, comecei a acompanhar a Equipe de Proteção (psicólogos, assistente social e advogados) do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR). Especialmente, através dos grupos de mulheres venezuelanas do Projeto “*Moro no Brasil*”, que vivem nas ocupações urbanas em Boa Vista e são assistidas por várias organizações não-governamentais (Figura 3).

Figura 3 - Atividades do *Moro no Brasil* com grupo de mulheres venezuelanas.



Fonte: elaboração própria (2021)⁴.

O contato com as mulheres venezuelanas no projeto supracitado da Comunidade Aprisco e da Comunidade Terra Prometida foi muito importante para ampliar o meu olhar para fora dos abrigos. Em outubro de 2022 fui contratada como Psicóloga Comunitária da Equipe de Proteção do SJMR-Boa Vista e, assim, fui conhecer diretamente o apoio de organizações não-governamentais para a população venezuelana nas ocupações e, ainda, entender a própria logística das comunidades em um novo território.

Por meio dos projetos “*Linhas Sem Fronteiras*” custeado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e “*Projeto NPI EXPAND: Resposta à COVID-19 na Região Amazônica Brasileira (Fase 2)*” financiado pela Agência de

⁴ Fotos autorizadas para divulgação pela instituição parceira: <https://sjmrbrasil.org/sjmrbov-moro-brasil/>

Desenvolvimento Internacional dos EUA (USAID), ambos executados pelo SJMR-Boa Vista, permitiu-me ter um maior contato com grupos de mulheres venezuelanas vivendo em comunidades em Boa Vista. Permitiu também explicar sobre Violência Baseada em Gênero (VBG), entendendo as suas experiências enquanto migrantes no Brasil, suas dificuldades e redes de apoio, o fortalecimento comunitário junto a mulheres brasileiras, suas inserções nas políticas públicas, o empoderamento para um conhecimento profissional e técnico e a possibilidade da independência financeira por meio de um negócio próprio (Figura 4 e 5).

Figura 4 - Atividades do *Linhas Sem Fronteiras* com oficina de bordado para as mulheres brasileiras e venezuelanas da Comunidade João de Barro.



Fonte: elaboração própria (2022)⁵.

Figura 5 - Atividades do *NPI EXPAND* com as venezuelanas da Ocupação Pricumã.



Fonte: elaboração própria (2023)⁶.

Pensando nisso e no meu contato com o campo de pesquisa, constatei a necessidade de compreender o fenômeno da migração a partir de como ele é vivido pela

⁵ Fotos autorizadas para divulgação pela instituição parceira: <https://sjmrbrasil.org/category/boa-vista/>

⁶ Fotos autorizadas para divulgação pela instituição parceira: <https://sjmrbrasil.org/category/boa-vista/>

venezuelana, tendo em vista que tal situação implica sair do seu espaço onde foi construída a sua história afetiva para atirar-se em um local de pouca ou nenhuma vinculação (MARANDOLA; GALLO, 2010). O país que acolhe é uma nova realidade para a mulher venezuelana, na qual enfrentará uma série de desafios não só de ordem prática e comportamental, mas também de mudanças de cunho afetivo e emocional.

1.2 Trajetos da pesquisa

Considerando a temática da migração de mulheres venezuelanas no estado de Roraima, destaco algumas categorias que nortearam a pesquisa a partir do olhar da Psicologia Ambiental (MOSER, 2018) e da Psicologia Social em uma vertente sócio-histórica (LANE, 1984; VYGOTSKY, 2006; BOMFIM, 2010): a Afetividade, Mapas Afetivos e a Estima de Lugar. A Afetividade é a dimensão humana dos sentimentos e das emoções e traz o seu caráter de mediação na integração com a realidade social (SAWAIA, 2014a).

Na Afetividade, podemos encontrar a base de todas as ações humanas. Desse modo, em pesquisas, funciona como eixo de observação, investigação e análise das contradições sociais (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). Bomfim (2010), explica que os afetos são fontes importantes para entender a dinâmica de um local, os sentidos, percepções, sentimentos e emoções das pessoas em relação aos ambientes. Assim, o Mapa Afetivo é uma categoria que revela os sentimentos, emoções, percepções e representações sobre um dado ambiente através dos afetos e a Estima de Lugar (SAWAIA, 2009).

A Afetividade é uma categoria de análise da inter-relação humano-ambiental, enquanto a Estima de Lugar é uma categoria social específica de conhecimento que traz o significado do ambiente construído a partir da dimensão das emoções e sentimentos (Ibidem; BOMFIM, 2010). Assim, partindo do que foi exposto anteriormente, surgiu o seguinte problema de pesquisa: quais os impactos afetivos da migração para mulheres venezuelanas na cidade de Boa Vista? A partir desse questionamento, pretendo *compreender a afetividade e a estima de lugar de mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR) a partir da construção dos seus mapas afetivos*. Tal objetivo estende-se aos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar os Índices de Estima de Lugar (IEL) e as Imagens Afetivas das mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR);

- b) Avaliar como a Afetividade e a Estima de Lugar permeia o campo das vulnerabilidades vivenciadas por mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR);
- c) Verificar possíveis estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades apoiadas na Afetividade e Estima de Lugar das mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR).

Para responder aos objetivos supracitados, em um primeiro momento, foram desenvolvidos capítulos para contextualizar a crise na Venezuela e a legislação brasileira sobre as migrações. Depois os desafios do estado de Roraima ao receber a migração venezuelana e, especificamente, o público de mulheres venezuelanas; e, posteriormente, a construção das categorias psicológicas que conduziram a pesquisa através do subtópico *2 - Marco Teórico*.

Dando continuidade, esclareço sobre os procedimentos metodológicos percorridos para realização da pesquisa, apresentando a natureza do estudo, os cuidados éticos do estudo, a inserção e contato com o campo, os critérios de seleção das participantes, os instrumentos de pesquisa utilizados, os procedimentos de aplicação e análise dos dados por meio do subtópico *3 - Caminhos da Pesquisa*.

Logo após, apresento os resultados do estudo mediante descrição do perfil e características das participantes, a identificação dos seus Índices de Estima de Lugar (IEL) e as Imagens Afetivas, os Mapas Afetivos das mulheres venezuelanas, as vulnerabilidades vivenciadas por elas e suas estratégias de enfrentamento através do subtópico *4 - Resultados e Discussões*.

Por último, revelo no subtópico *5 - Considerações Finais*, a retomada dos objetivos do estudo e possibilidades de desenvolver novas pesquisas.

Por fim, além de possibilitar o acesso compreensivo da realidade social para qual essa pesquisa se inclina, o estudo colaborou para que novas ações e/ou estratégias sociais possam ser pensadas e, posteriormente, efetivadas com o intuito de acolher a mulher venezuelana no Brasil, melhorar a sua qualidade de vida e, conseqüentemente, da sua família.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 A crise na Venezuela e a legislação brasileira sobre as migrações

A República Bolivariana da Venezuela é um país localizado na América do Sul e faz fronteira com o Brasil e com os países da Colômbia e República Cooperativa da

Guiana. Sobre a economia da Venezuela, desde 1920 a exploração do petróleo foi a principal atividade econômica que impulsionou o desenvolvimento do país e, até meados de 1950, tornou-se a maior produtora mundial de petróleo (SANTORO, 2009). Contudo, essa *commodity* sempre ficou sujeita à variação do preço internacional, bem como os lucros dessa exploração e a riqueza da Venezuela estavam concentradas no governo, na classe burguesa e nas empresas estrangeiras, gerando diversas insatisfações da classe média trabalhadora e militar (UDUWANAGE, 2020).

Após a Segunda Guerra Mundial, sucessões de golpes e instalações militares aconteceram. Em 1958 o maior partido político na Venezuela denominado Ação Democrática, junto com outro partido do Comitê de Organização Política Eleitoral Independente criaram o Pacto de Punto Fijo. Este estabelecia a alternância do Poder Executivo entre esses dois partidos, com a falsa ideia de democracia na Venezuela (Ibidem). Afirma-se, também, que esse acordo foi pensado pelos Estados Unidos da América, com o intuito de assegurar uma estabilidade política ao seu principal fornecedor de petróleo (GOTT, 2004).

Até final de 1970, os poderes de Estado da Venezuela foram se alternando entre os dois partidos através de eleições livres e diretas. Porém, a partir da década de 80, o preço do barril do petróleo estava cada vez mais elevado no mercado internacional e os níveis de desigualdade e pobreza aumentando no país. Em 1989, as medidas econômicas neoliberais do presidente Carlos Andrés Pérez trouxeram uma imediata insatisfação popular e os movimentos sociais tomaram força no país (Ibidem).

O tenente-coronel Hugo Chávez, conhecido pelos seus movimentos revolucionários, liderou, em 1992, o Movimento Bolivariano Revolucionário 200, formado por militares das Forças Armadas. As reivindicações não deram certo e todos os envolvidos acabaram sendo presos, inclusive Hugo Chávez, porém o nome de Chávez tomou força no país. Após o governo de Pérez ser alvo de *impeachment* por corrupção, em 1994 o Rafael Caldera assume a presidência e liberta os militantes do movimento de 1992 na Venezuela (UDUWANAGE, 2020).

Chávez tomou a postura de criar o partido político Movimento Quinta República e começou a viajar pelo país para se aproximar da população. Para colocar em prática suas ideias, seu objetivo era candidatar-se futuramente à presidência da Venezuela, depois dissolver o Congresso e convocar uma Assembleia Constituinte. Durante esse processo, o Pacto de Punto Fijo e o governo de Rafael Caldera foram perdendo força por não conseguir melhorar as condições socioeconômicas do país. Assim, prometendo uma

maior distribuição das riquezas do petróleo, combate às elites e uma melhor qualidade de vida aos venezuelanos, Hugo Chávez é eleito, em 1998, Presidente da República (Ibidem).

Para diminuir os poderes de oligarquias na Venezuela e com aprovação de 88% dos eleitores, Hugo Chávez solicita em 1999 uma Assembleia Constituinte e, com a maioria dos apoiadores, conseguiu alterar a Constituição a partir dos seus interesses: presidente da República passou a ter seis anos de mandato e com possibilidade de reeleição consecutiva; enfraqueceu partidos com perfil de oligarquia e construiu uma Assembleia Legislativa Nacional, constituída por deputados eleitos de forma proporcional (WILLIAMSON, 2013).

Hugo Chávez lançou diversos programas sociais para buscar estabilizar a economia do país, o que gerou também uma série de insatisfações da elite venezuelana e tentativas de golpe de Estado. A Venezuela ficou dividida entre os apoiadores do presidente, partidos pequenos e pessoas de baixa renda, e antigos partidos de grande poder. Mesmo sendo alvo de muitas greves de comerciantes e indústrias, Chávez foi reeleito em 2006 e criou o Partido Socialista Unido da Venezuela, para unir os partidos que o apoiavam (Ibidem).

A partir de um referendo popular, Chávez, em 2009, conseguiu reeleição ilimitada para os Poderes Executivo e Legislativo, com a finalidade de garantir sua candidatura em 2012. Várias críticas internacionais surgiram ao constatarem o autoritarismo do governo de Estado. Assim, em 2011, quando Hugo Chávez foi diagnosticado com câncer e seu estado de saúde cada vez mais grave, o seu vice, Nicolás Maduro, assumiu o seu lugar. Chávez morreu em março de 2013 e, com o apoio das Forças Armadas, Maduro tornou-se Presidente (Ibidem).

Chávez reduziu bastante os índices de pobreza e mortalidade infantil por meio dos seus programas sociais, porém a falta de investimento em infraestrutura e uma maior diversificação da economia conduziram novamente a Venezuela para graves problemas sociais. Na eleição de abril de 2013, a população venezuelana ficou dividida se iria manter ou não o chavismo, tanto é que Nicolás Maduro ganhou a presidência com 50,75% dos votos contra 48,97% do seu opositor, Henrique Capriles. Mesmo sendo alvo de muitas críticas e uma eleição não aceita, principalmente, pelos Estados Unidos, Maduro iniciou o seu governo em crise, com desvalorização cambial e sem produtos de subsistência para a população (BASTOS; OBREGÓN, 2018).

Em 2014, a desvalorização do petróleo no mercado internacional e a má gestão da estatal venezuelana trouxe para o país, ainda mais, a queda do seu lucro na indústria petrolífera. Conseqüentemente, uma onda de protestos começou a surgir contra o governo, contudo Maduro fortaleceu as suas alianças militares através da promoção de diversos integrantes das Forças Armadas. Assim, durante muitas manifestações, pessoas foram presas e até mortas pelo fato de serem contra o atual presidente (Ibidem).

Desde 2015, a nação venezuelana entrou em situação de calamidade com a crise econômica, política e social que afeta o país por diversas razões. A ausência de dólares e o aumento dos gastos do governo fizeram a inflação aumentar, a moeda oficial - bolívar - do país desvalorizar, o desemprego se intensificar, ocasionando a falta de produtos alimentícios e de medicamentos (FGV, 2020). Maduro passou a ser fortemente criticado pela comunidade internacional, sobretudo pelos Estados Unidos, Colômbia, Costa Rica, Canadá, Argentina, Panamá, Peru e Brasil, gerando em 2016 a retirada da Venezuela do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em razão da violação de direitos humanos, atitudes antidemocráticas e a direta responsabilidade do presidente na crise humanitária venezuelana (SEELKE, 2020).

Maduro, em 2017, com intuito de enfraquecer opositores na Assembleia Nacional, instaura uma Assembleia Constituinte para que possa propor e aprovar leis sem nenhum referendo. Além disso, a sua reeleição em 2018 foi alvo de muitas rejeições e argumentos de fraude no país, porém o mesmo tomou posse no seu segundo mandato em 2019. Cabe considerar que Nicolás Maduro nunca quis ajuda humanitária de outras nações, pois considera um plano de invasão à Venezuela dos seus opositores (UDUWANAGE, 2020).

Diante desse cenário de crise que assola a Venezuela desde o século XX e cada vez mais preocupante nos últimos anos, para muitas famílias venezuelanas a única solução na busca de melhores condições de vida tem sido migrar para os países vizinhos. Javier Garavito (2020) apresenta no seu livro “*Venezuela: la diáspora del siglo XXI*” a crise na Venezuela como uma das maiores diásporas envolvendo as Américas. Tal realidade tem obrigado a população, em um contexto de crise humanitária, a buscar apoio em outros países:

Lo que está sucediendo en Venezuela con la emigración masiva de sus habitantes es algo muy complejo. Este desplazamiento no sucede por una causa única que pudiéramos englobar en la crisis humanitaria. Buena parte de los migrantes, los más pobres, que son los más vulnerables, lo hacen por la urgencia de cubrir sus necesidades básicas. En algunos casos miembros más jóvenes y fuertes del grupo familiar, emigran para poder enviar dinero o

insumos a los que se quedan. En otros, todo el grupo familiar se ha marchado (GAVARITO, 2020, p. 64).

Em razão dos altos custos para conseguir migrar todos os membros familiares, os venezuelanos optam por migrar uma parte da família. Geralmente, os mais jovens e pessoas que estejam precisando de atendimento de saúde imediato. Após conseguir uma estabilidade no novo país, os venezuelanos optam por trazer o restante da família. Na visão de Milesi, Coury e Rovey (2018), os que ficam na espera têm experimentado a violação de direitos fundamentais (saúde, educação, trabalho e segurança alimentar), chegando a um nível de 80% da população em extrema pobreza. Além disso, os índices de violência crescem cada vez mais devido a furtos ou a protestos reprimidos pelas forças policiais.

Soma-se a isto a problemática envolvendo o presidente Nicolás Maduro, e seus líderes, na negação da realidade atual da diáspora venezuelana e a não busca por solucionar as problemáticas do país. Quem se opõem ao governo Maduro acaba sofrendo perseguições políticas: “(...) una gran mayoría de la población está opuesta a la línea de pensamiento de la dictadura (...) En cuanto más fuertes y abiertas son sus posiciones, sus críticas o sus acciones en contra de la tiranía, más clara y evidente es la persecución” (GARAVITO, 2020, p. 77).

Maduro chega a acusar os Estados Unidos e organizações internacionais do ACNUR de criarem informações falsas sobre a realidade da crise migratória (Ibidem). Desse modo, diante das impossibilidades do atual governo venezuelano de solucionar as problemáticas sociais e econômicas inerentes ao país bolivariano, migrar para pedir ajuda em outras nações tem sido o único meio de sobrevivência.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2011), a migração humana consiste no movimento de uma pessoa ou grupo, através da fronteira internacional ou do próprio Estado, e que pode ter como origem as mais diversas causas, finalidades, extensões e composições. Preconizada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, migrar é um direito humano no qual temos a liberdade de locomoção e moradia dentro das fronteiras de cada Estado, bem como podemos deixar qualquer país, inclusive o de origem, e a este, ainda, regressar e nos beneficiar de asilo e refúgio em outras nações (AZEVEDO, 2019).

Todos os países signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos, inclusive o Brasil, têm o compromisso de possibilitar a livre circulação entre territórios.

Contudo, é necessário também entender as soberanias, leis e burocracias que regem cada nação para o fluxo e recebimento de pessoas de outras nacionalidades. O próprio território brasileiro na sua história nacional passou por uma série de modificações na sua legislação para respaldar as migrações internacionais, demonstrando importantes avanços na área humanitária do país.

No início dos anos de 1920, o Brasil, com o Decreto nº 4.247/1921, regulamentou a entrada de estrangeiros⁷ no país, porém com um perfil separatista e eugênico⁸ para o nosso território:

“Art. 1º E' lícito ao Poder Executivo impedir a entrada no território nacional: 1º, de todo estrangeiro nas condições do art. 2º desta lei; 2º, de todo estrangeiro mutilado, aleijado, cego, louco, mendigo, portador de moléstia incurável ou de moléstia contagiosa grave” (BRASIL, 1921, p. 1).

Além disso, a expulsão dos indesejáveis foi implementada e regulamentada pelo Decreto nº 16.761/1924 para reforçar, ainda mais, a proibição de determinados grupos no país (BRASIL, 1924).

Por conseguinte, a Constituição de 1934 instaura o sistema de cotas da migração internacional, para que o número de pessoas estrangeiras não exceda, anualmente, dois por cento do quantitativo de nacionais fixos no Brasil (BRASIL, 1934). Contudo, o período entre guerras no mundo trouxe um maior fluxo migratório entre nações e a necessidade de deslocamentos forçados para diversos outros países. Assim, com receio de prejudicar a imagem da nação perante a comunidade internacional, o Brasil assinou o Decreto nº 406/1938, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros com o perfil de trabalhadores qualificados (BRASIL, 1938).

Também, em 1945 foi promulgado o Decreto nº 7.967/1945, que trouxe os aspectos centrais da Constituição de 1934 e o Decreto nº 406/1938. Porém, estes decretos reforçaram bem mais a necessidade de preservar a ascendência europeia, o trabalhador nacional e a cota da migração internacional (BRASIL, 1945). Após a Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, em 19 de agosto de 1980, foi sancionada a Lei nº 6.815/1980, conhecida como o Estatuto do Estrangeiro, com o intuito de defender o

⁷O termo “estrangeiro” não é mais utilizado na forma política-jurídica no Brasil para designar pessoas fora do país por significar “estranho” no latim *extranĕus*. No texto será utilizado apenas para explicar a história brasileira no contexto das migrações internacionais.

⁸O termo “eugenia” foi criado em 1883 pelo antropólogo inglês Francis Galton e o seu significado gira em torno da ideia de “bem-nascido” (TEIXEIRA; SILVA, 2017).

trabalhador nacional e focar em mão de obra especializada para a Política Nacional de Desenvolvimento do Brasil (BRASIL, 1980).

O Estatuto do Estrangeiro, elaborado durante a ditadura civil-militar, preconizava o estrangeiro como uma ameaça à estabilidade e à segurança nacional. Por mais que o migrante estivesse regularizado, a sua estadia poderia ser questionada e ser expulso do Brasil a qualquer momento (Ibidem). Pensando nesses tais aspectos, em 2010, a chegada dos haitianos no Brasil trouxe ao território brasileiro a problemática em gerir migrantes de outras nações visando atender aos seus direitos básicos de sobrevivência.

Nesse sentido, a partir de tratados internacionais advindos da Organização das Nações Unidas (ONU) e iniciativas do Poder Executivo do Brasil, foi elaborado o Projeto de Lei 288/2013 com a proposta de avançar o estatuto jurídico da questão migratória na garantia de direitos e assegurar a integração dos imigrantes em território brasileiro (BRASIL, 2013). Assim, o Estatuto do Estrangeiro foi revisto e a Nova Lei de Migração nº 13.445/2017 foi sancionada em 24 de maio de 2017, pelo ex-presidente da República Michel Temer. Esta trouxe avanços na garantia de direitos para aqueles que migram, desde os imigrantes que chegam no Brasil até os brasileiros que emigram para outras nações (BRASIL, 2017a), pois rege-se na nova política migratória:

a universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; o repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; a não criminalização da migração; a não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional; a promoção de entrada regular e de regularização documental; a acolhida humanitária; a garantia do direito à reunião familiar; a igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares; a inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas; o acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social; a promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante; a cooperação internacional com Estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos humanos do migrante; a proteção integral e atenção ao superior interesse da criança e do adolescente migrante; a proteção ao brasileiro no exterior; a promoção do reconhecimento acadêmico e do exercício profissional no Brasil, nos termos da lei; e o repúdio a práticas de expulsão ou de deportação coletivas (OLIVEIRA, 2017, p. 175).

Além disso, foram criadas as categorias de mobilidade humana na Nova Lei de Migração, como direito das pessoas de se regularizarem no Brasil através dos órgãos

competentes⁹, são elas: *imigrante* - pessoa de outro país ou apátrida que já estabelece uma relação temporária ou definitiva no Brasil; *emigrante* - brasileiro que vive de forma temporária ou definitiva em outra nação; *residente fronteiro* - indivíduo de país vizinho ou apátrida que mantém residência em município de fronteira com o seu país; *visitante* - pessoa de outra nação ou apátrida que vem para o Brasil passar curto período de tempo sem pretensão de moradia definitiva (BRASIL, 2017a).

Ainda houve um acréscimo de novas categorias através do Decreto nº 9.199 de 20 de novembro de 2017. Este trouxe as definições de *migrante* - pessoa que se desloca de um país, sejam eles imigrantes, emigrante e apátrida; *refugiado* - indivíduo protegido pelo Estado Brasileiro em razão de perseguição por religião, nacionalidade, guerras, grupo social, opiniões políticas ou grande e generalizada violação de direitos humanos no país de origem, mediante a Lei nº 9.474/1997; e *ano migratório* - período máximo de doze meses do visitante no Brasil a partir da sua entrada no território brasileiro (BRASIL, 2017b).

Além da legislação brasileira voltada aos direitos dos imigrantes em território nacional, o Brasil é signatário da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (CADH, 1969) e da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CORTE IDH, 1979). Com tais compromissos, é firmado o dever de não violação de direitos humanos e a garantia do acesso básico à saúde, educação, trabalho, liberdade, igualdade, proteção de honra e dignidade, dentre outros aspectos.

Vale destacar que, dentre as modalidades de migração no Brasil, optei na minha pesquisa por tratar as participantes migrantes/refugiadas/residentes como migrantes por tais motivos, a saber: a) reforçar o direito à mobilidade; b) as pessoas, devido suas circunstâncias de instabilidade socioeconômica, podem não fixar moradia no novo destino; c) toda pessoa refugiada é migrante, mas nem toda migrante é refugiada; d) existe um período de espera até ser concedido o refúgio e/ou residência. Portanto, considera-se que a migração perpassa o desvincula-se do seu espaço para viver em outro e, ainda, tem o desafio de experienciar um novo contexto sociocultural, político, histórico, jurídico e relacional (OLIVEIRA, 2020).

Para a complementaridade das reflexões sobre migração e refúgio, Alexander Betts (2010) traz este fenômeno a partir do conceito de migração por sobrevivência,

⁹Órgãos brasileiros responsáveis pela regularização dos imigrantes: Polícia Federal, Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e Conselho Nacional da Imigração (CNIg).

abrangendo as pessoas que estão fora do seu país de origem em razão da sua existência encontrar-se ameaçada. Diante da impossibilidade de encontrar uma solução imediata que promova condições dignas de sobrevivência para a população, obter o status de refúgio em outra nação é uma tentativa de buscar melhores condições socioeconômicas, como vivenciado pela população venezuelana nos países vizinho.

Segundo informações da Plataforma de Coordenação Inter-agencial para Refugiados e Migrantes (R4V, 2023)¹⁰, são mais de sete milhões de pessoas venezuelanas que já saíram da sua terra natal. Na mesma Plataforma, são oferecidos o número de venezuelanos presentes na América Latina e Caribe em 17 países, o que já chega a quase 6 milhões de habitantes (5.986.946). Para os 10 (dez) primeiros países que mais recebem venezuelanos na América Latina e Caribe podem ser distribuídos da seguinte forma decrescente: Colômbia (2.477.588); Peru (1.490.673); Equador (502.214); Chile (444.423); Brasil (388.120); Argentina (171.050); Panamá (146.358); República Dominicana (115.283); México (87.152) e Trindade e Tobago (35.314). Seguidos das nações de Costa Rica, Guiana, Aruba, Curaçao, Uruguai, Bolívia e Paraguai. O Brasil é a quinta nação mais procurada.

Na mesma Plataforma são oferecidos os números de venezuelanos com residência e estadia regular concedida por 16 países na América Latina e Caribe, o que já ultrapassa quatro milhões de habitantes (4.154.188). Tais solicitações de residência e estadia regular são distribuídas entre: Colômbia (730K)¹¹; Peru (362.8K); Argentina (345.5K); Brasil (320.8K); Equador (202.5K); Chile (160.7K); Panamá (99.5K); México (83.3K); Uruguai (20.1K) e República Dominicana (20.6K). Seguidos de Uruguai, Guiana, Trindade e Tobago, Costa Rica, Bolívia, Curaçao e Paraguai (Ibidem).

No que diz respeito às informações sobre o número de pedidos de refúgio, os dados constam em 2022 com 1.039.207 pedidos de refúgio nos países da América Latina e Caribe, onde a maioria ocorreu para o Peru (531.6K); Brasil (94.5K); Colômbia (26.8K); Trindade e Tobago (16.3K); México (13.5K); Costa Rica (7.9K); Equador (6.6k); Chile (6.5K) Argentina (5.6K); Uruguai (2.7K); e Panamá (2.5K). Seguidos do Paraguai, República Dominicana e Bolívia (Ibidem).

¹⁰A Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela é constituída por um conjunto de agências do sistema das Nações Unidas e mais parceiros da sociedade civil para que juntos possam, de forma coordenada, responder ao fluxo de venezuelanos na América Latina e Caribe (R4V, 2023).

¹¹O símbolo K é um prefixo em grego do Sistema Internacional de Unidades que indica que a unidade de medida padrão foi multiplicada por mil.

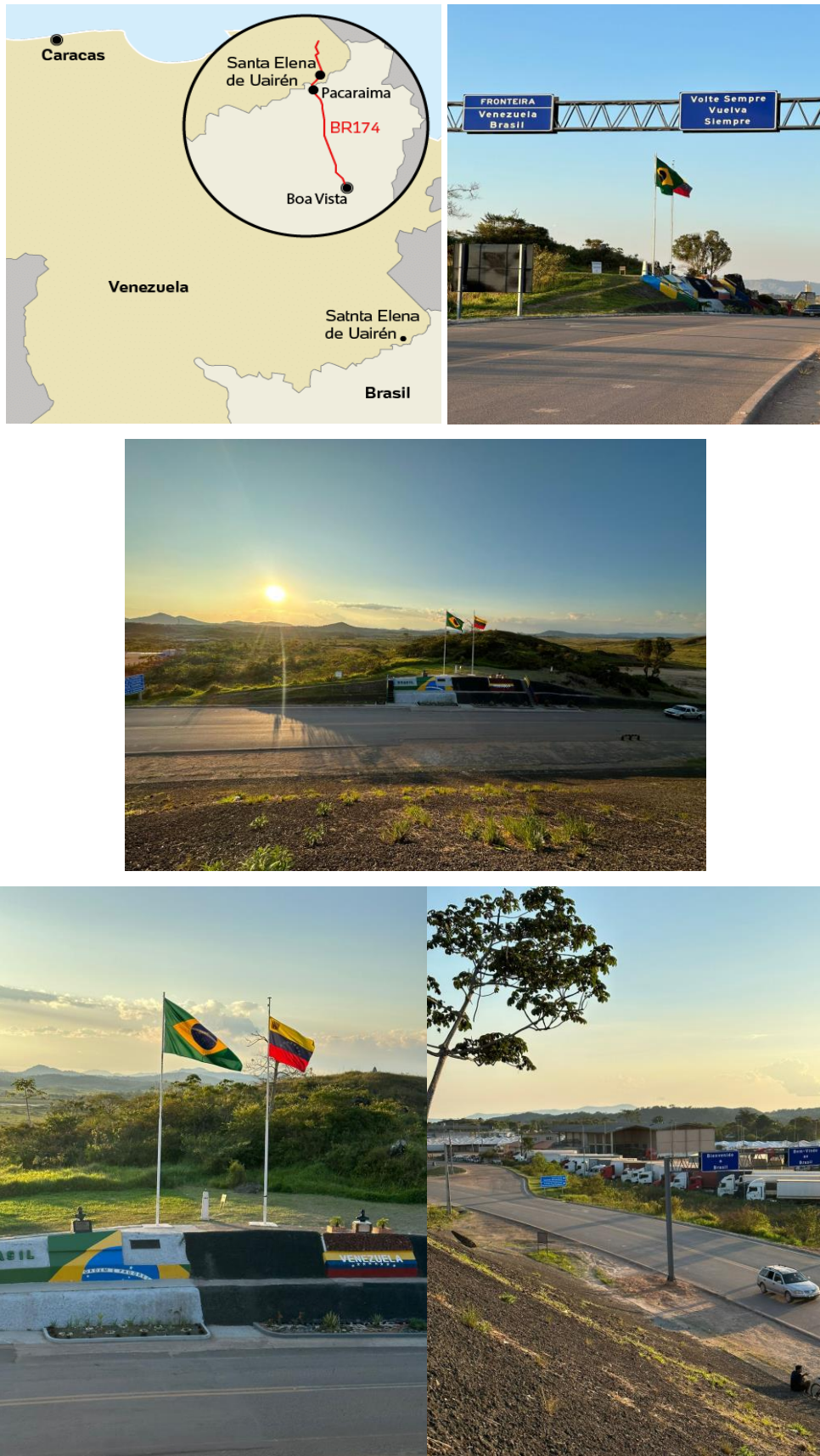
Desse total de pedidos, apenas 211.944 foram reconhecidos pelos comitês nacionais, sendo o Brasil, com mais de 50 mil, o maior quantitativo de refugiados venezuelanos na América Latina, direito este fundamental de proteção em uma nova nação (Ibidem). Portanto, é possível constatar que um número expressivo de pessoas venezuelanas está se deslocando para o Brasil. Assim, torna-se importante compreender sobre o contexto da porta de entrada das migrantes venezuelanas no território brasileiro através do estado de Roraima e as políticas públicas de acolhimento das famílias venezuelanas.

2.2 Roraima e os desafios de acolhimento da migração venezuelana

O estado de Roraima, com 34 anos de existência, possui fronteiras com a República Cooperativista da Guiana (964 km de extensão, ao leste) e com a República Bolivariana da Venezuela (958 km de extensão, ao norte) e, ainda, uma estimativa de 652.713 habitantes (IBGE, 2022). Sua capital é Boa Vista, com cerca de 436.591 habitantes, mais outros 14 municípios. Ao sul do estado, Roraima faz divisa com o Amazonas e Pará, bem como ao norte, o município que faz fronteira com a cidade venezuelana - Santa Elena do Uairén - é Pacaraima (FREITAS, 2009).

Pacaraima é a primeira cidade brasileira impactada pela chegada das famílias venezuelanas em Roraima (Figura 6). Com estimativa de 20.108 habitantes, apresenta o Marco BV-8 como representação da divisa entre Brasil e Venezuela, e através da BR-174, a distância entre Pacaraima e Boa Vista é de 214,80 km (IBGE, 2022; FREITAS, 2009). O município limita-se em território ao norte com a Venezuela, ao sul com Boa Vista e Amajari, ao leste com o Uiramutã e ao oeste com Amajari. A extensão territorial é predominantemente em área indígena (96,08%), o que corresponde a 7.938,19 km² de extensão, como as terras indígenas de São Marcos (80,96%) e Raposa Serra do Sol (15,12%) (PAZ; RODRIGUES; JÚNIOR, 2021).

Figura 6 - Divisa entre Brasil e Venezuela.





Fonte: Marchao (2018); elaboração própria (2023).

As terras indígenas de São Marcos são formadas pelas etnias Macuxi, Taurepang e Wapichana, abrangendo os municípios de Pacaraima e Boa Vista, e a Raposa Serra do Sol é composta pelas etnias ingarikó, macuxi, patamona, taurepang e wapichana, presentes nas cidades de Pacaraima, Uiramutã e Normandia. Os territórios indígenas são acompanhados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos (APITSM) e, ainda, ao todo são 67 comunidades indígenas presentes (ISA, 2020).

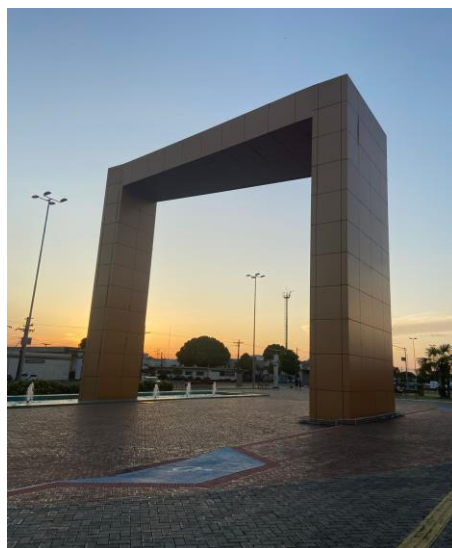
A cidade de Pacaraima não apresenta área rural e a delimitação da área urbana encontra-se em discussão desde a sua criação, em 1995. Tramita em acordo com a comunidade indígena de São Marcos e suas lideranças ceder mil hectares de território indígena (0,13%) para criar a sede urbana do município, porém já é possível observar um pequeno comércio e a formação de sete bairros. A população local é bem miscigenada, formada por nortistas, nordestinos, venezuelanos e indígenas, bem como a dinâmica linguística é constituída pelo português, espanhol, macuxi, pemóng e wapichana (Ibidem).

A partir do ano de 2010 com a intensificação da circulação de migrantes venezuelanos na fronteira com Pacaraima, a cidade começou a ampliar o seu mercado consumidor varejista com a Venezuela, portanto, o terceiro setor com o comércio e serviço público é a principal renda e fonte de trabalho da região. O setor primário é prioritário no território indígena, contudo sem expressão rentável. O uso da terra em outros espaços com agricultura é inexpressivo, assim como a pastagem teve alguns

impactos ao longo dos anos. Cabe destacar que o município apresenta serviços básicos de posto de saúde, hospital, escolas, cartório, farmácias, rodoviária, dentre outros serviços (PAZ; RODRIGUES; JÚNIOR, 2021).

Enquanto Pacaraima é um município entre serras e com clima ameno, a segunda cidade impactada pela migração venezuelana é a cidade de Boa Vista, com seu clima quente, ruas largas e arborizadas, praças e parques públicos em diferentes pontos da capital, para que a população possa desfrutar. Abaixo, apresento fotos de Boa Vista com alguns dos seus pontos frequentados pela população, como o Portal do Milênio, Praça das Águas e Parque do Rio Branco (Figura 7).

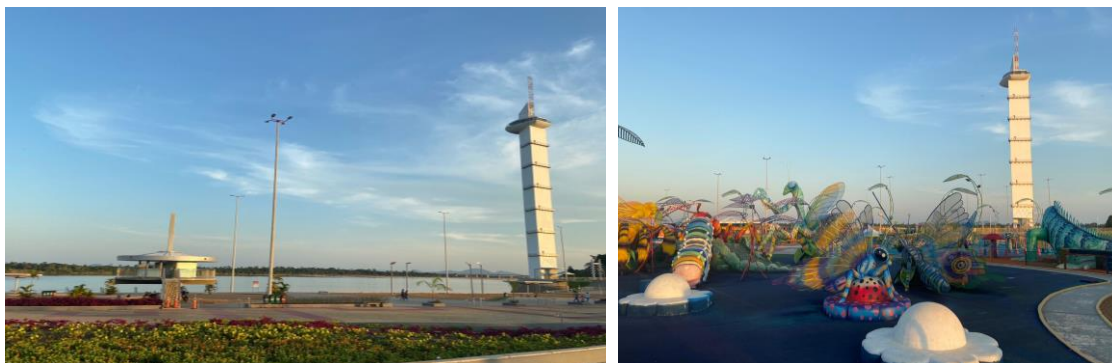
Figura 7 - Pontos frequentados pela população de Boa Vista-RR.



Fonte: Portal do Milênio (AUTORA, 2022).



Fonte: Praça das Águas (AUTORA, 2022).



Fonte: Parque do Rio Branco (AUTORA, 2022).

Cabe considerar que a cidade de Boa Vista também passou por um processo de expansão urbana que multiplicou os bairros periféricos, bastante motivado pelo o garimpo e incentivo às migrações. Somado a isso, os próprios programas habitacionais, como “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal, incentivou o surgimento de novas zonas urbanas na capital, gerando um crescimento populacional e novas demais de serviços públicos (OLIVEIRA; COSTA, 2018).

Quanto aos serviços de saúde públicos, são oferecidos em torno de dezesseis unidades básicas de saúde, um Hospital Geral de Roraima, um Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Nazaré, um Hospital da Criança Santo Antônio, um Hospital das Clínicas, um centro especializado, Hospital Coronel Mota e três Centros de Atenção Psicossocial, dentre outros serviços de saúde oferecidos por organizações filantrópicas (Ibidem; ALVES, 2021).

Sobre a educação, Boa Vista apresenta 307 escolas distribuídas entre públicas (82%) e privadas (18%), 101 mil matrículas, as creches públicas e o Ensino Fundamental é da responsabilidade da Prefeitura de Boa Vista, o Ensino Médio e o Ensino de Jovens e Adultos é da incumbência do governo do estado de Roraima. No ensino técnico público, existe o Instituto Federal de Roraima e outras seis particulares, no ensino superior público, a UFRR e UERR e as particulares, em torno de 18 instituições (QEDU, 2020). No que se refere à economia de Boa Vista, apresenta-se em desenvolvimento para a pecuária e agricultura, principalmente, com destino de produção para outros estados brasileiros e países. Já o setor industrial é bastante incipiente, portanto são poucas as oportunidades de emprego nessa área. Majoritariamente, o estado funciona a partir do comércio local e funcionalismo público, tanto é que Roraima, desde a década de 80, apresenta históricos de migrações brasileiras visando recomeçar a vida no Norte do país (OLIVEIRA; COSTA, 2018).

Um fato curioso é que Roraima tornou-se estado apenas na Constituição Brasileira de 1988 e, assim, na década de 90, com o início dos primeiros concursos públicos, as migrações de outros estados brasileiros passaram a ocorrer frequentemente. Além disso, as migrações em Roraima sempre foram muito marcadas em razão do garimpo interno, ainda presente, e também nos países vizinhos (FREITAS, 2009). Contudo, uma migração com um número elevado de pessoas atravessando a fronteira entre Brasil e Venezuela em situação de extrema vulnerabilidade para buscar sobreviver é um fenômeno novo em Roraima.

Cabe considerar que o Brasil já apresenta, também, os seus desafios de índices de desigualdades sociais e pobreza alarmantes. Pobreza entendida não apenas por questões monetárias e privação de direitos básicos de saúde, educação, segurança, alimentação e trabalho, mas também envolvendo correntes ideológicas de marginalização e de culpabilização pela situação da vulnerabilidade (SEN, 2000; JÚNIOR *et al.*, 2014). Segundo dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares e divulgados pelo IBGE (2019), a partir do ano de 2018, houve um aumento progressivo da insegurança alimentar no país, e voltamos ao mapa da fome, cenário presente anteriormente no Brasil no ano de 2004.

A crise da insegurança alimentar começou antes da pandemia e foi agravada com a chegada da COVID-19. Especificamente, o estado de Roraima apresentou o índice de pobreza em 46,16% da sua população, ou seja, as famílias vivem com menos de R\$ 500,00 por mês, muitas delas dependem do terceiro setor para manter-se e 39% vivem em insegurança alimentar (FGV, 2022). Portanto, é desafiador promover a proteção humanitária às famílias venezuelanas, tendo em vista os próprios problemas internos não resolvidos e cada vez mais graves. Contudo, é necessário pensar a realidade psíquica, simbólica e política experienciadas por pessoas nessa condição, pois a pobreza vivenciada pelos povos latinoamericanos não anula a capacidade de enfrentar e transformar as desigualdades sociais (CIDADE; JÚNIOR; XIMENES, 2012).

Por mais que a chegada das famílias venezuelanas em Roraima fosse em um contexto de sobrevivência e recomeço para muitas delas, o acolhimento não deixou de ser alvo de muitas críticas pela população local. Uma série de conflitos entre brasileiros e venezuelanos em Boa Vista trouxeram discussões nas instituições públicas para “higienização” e expulsão de famílias venezuelanas das praças da cidade. Além disso, as condições precárias dos primeiros abrigos improvisados no ano de 2017, denúncias de trabalho escravo e policiamento ostensivo, protagonizou em intervenções da Polícia Federal de deportação em massa de venezuelanos (VASCONCELOS, 2018).

Outra situação foi que com a chegada da população venezuelana em Roraima trouxe um novo cenário para a cidade de Boa Vista. Ao circular pela cidade, facilmente são identificados estabelecimentos com nomes e fachadas em espanhol e, por vezes, ocorre uma disputa do idioma espanhol no lugar do português, ocasionando mais conflitos (Ibidem). Dentro da multiculturalidade entre brasileiros e venezuelanos, isto é, formas de viver, expressar, apresentar seus costumes e modos de vida de formas distintas, a interculturalidade, por vezes, pode aparecer de maneira conturbada. O conceito do intercultural é que culturas, cada uma nas suas particularidades, possam entrar em diálogo, se entrelaçam, sem anular uma a outra ou obstrua as diferenças (WEISSMANN, 2018).

Mas, esse projeto de interculturalidade como resposta educativa em uma sociedade multicultural - pessoas venezuelanas e brasileiras - pode ser marcado por conflitos. Portanto, constato que as políticas públicas migratórias no Brasil precisam de reformulações, principalmente visando uma maior integração com a população local para um melhor acolhimento das famílias venezuelanas no território brasileiro. Explicar a necessidade da migração venezuelana e a importância dos trabalhos de acolhimento, visando respeitar as diferenças e possibilitando as trocas culturais.

Assim, o Brasil na sua Constituição Cidadã já prevê a garantia dos Direitos Humanos para pessoas de outras nacionalidades no seu artigo 5º, a saber: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”(BRASIL, 1988). Além disso, os princípios da dignidade e solidariedade são fundamentais para nortear as políticas públicas de promoção da igualdade entre brasileiros e imigrantes, afastando a desumanização em situação de pobreza. A título de exemplo, existe o papel da assistência social às pessoas migrantes e refugiadas dentro da Política Nacional de Assistência Social, enquanto cidadãs de direitos humanos, jurídicos, trabalhistas, de segurança pública, educação, saúde e seguridade social, através do Centro de Referência da Assistência Social (BRASIL, 2016a).

No que tange, especificamente, à resposta à migração venezuelana em Roraima, no ano de 2018 foi decretada a Lei nº 13.684 sobre as medidas de assistência emergencial para o acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, em razão de fluxo migratório em contexto de crise humanitária (BRASIL, 2018). As ações devem ocorrer

de modo integrado pelo governo federal, estadual e municipal, visando ampliar as políticas públicas de:

I – proteção social; II – atenção à saúde; III – oferta de atividades educacionais; IV – formação e qualificação profissional; V – garantia dos direitos humanos; VI – proteção dos direitos das mulheres, das crianças, dos adolescentes, dos idosos, das pessoas com deficiência, da população indígena, das comunidades tradicionais atingidas e de outros grupos sociais vulneráveis; VII – oferta de infraestrutura e saneamento; VIII – segurança pública e fortalecimento do controle de fronteiras; IX – logística e distribuição de insumos; e X – mobilidade (Ibidem, 2018).

Fundamentada nesses princípios e a partir da Legislação Brasileira, dos Tratados Internacionais e dos últimos avanços no que diz respeito às leis migratórias no Brasil, surge em março de 2018 a Força-Tarefa Logística Humanitária em Roraima - Operação Acolhida, como a primeira missão humanitária em território nacional para responder ao fluxo migratório de venezuelanos no Brasil. Trata-se de um esforço de vários órgãos e agências. Por exemplo: Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica), Polícia Federal, Civil e Guarda Municipal, governo do estado de Roraima, prefeituras municipais, Ministérios da Saúde, Educação e Trabalho, Ministério Público, Defensoria Pública, Médicos Sem Fronteiras, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Associação Voluntários para o Serviço Internacional Brasil (AVSI), FSF, SJMR, OIM, ACNUR, dentre outras (OLIVEIRA, 2021). Todas as organizações atuando de forma humanitária para acolher as pessoas migrantes e refugiadas em Roraima. A Operação Acolhida se estrutura em três eixos de atuação (BRASIL, 2022a):

I - Ordenamento da fronteira: centros de triagem, documentação e vacinação. Logo na fronteira, no Posto de Registro e Identificação da PF, pode ser solicitada a entrada como visitante, solicitante de refúgio ou solicitante de residência temporária. Após a vacinação, os solicitantes de refúgio ou residência temporária são encaminhados para o Posto de Triagem (P-Trig) em Pacaraima, ou já em Boa Vista, para os próximos passos do processo.

No P-Trig os solicitantes de refúgio são recepcionados pelo agente de proteção do ACNUR, na qual é orientado sobre os seus direitos e preenchimento do Sisconare. Este é um sistema de solicitação de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil que da Polícia Federal, posteriormente, será encaminhado ao Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) que dará a decisão final da concessão de refúgio. Enquanto isso, o imigrante recebe o protocolo de solicitação. Ao todo, já são 763.074 entradas no Brasil

através de Pacaraima, Manaus e São Paulo, mas também 397.087 saídas por meio de Pacaraima, São Paulo e Rio Grande do Sul, 301.880 autorização de residência, 92.994 solicitações de refúgio, 49.805 pessoas refugiadas reconhecidas, mais de 450 mil CPFs emitidos (52% homens e 48% mulheres) em sua maioria entre 30 a 59 anos.

II - Abrigamento: são sete abrigos com capacidade total de mais de 8 mil vagas para migrantes e refugiados em Roraima, distribuídos entre 5 (cinco) em Boa Vista e 2 (dois) em Pacaraima. Dos 5 (cinco) abrigos, 3 (três) são apenas para indígenas (1 em Pacaraima e 2 em Boa Vista). Totalizando em 7.221 abrigados, 1.904 grupos familiares, 146 idosos, 1.379 mulheres chefes de família, a maioria encontra-se entre 18 e 59 anos, e 1.783 indígenas, maioria da etnia Warao, Eñepá, Kariña e Akawaio.

III - Interiorização: consiste no deslocamento planejado de imigrantes venezuelanos para outros estados brasileiros, com oportunidades de emprego e/ou reunificação familiar, social e institucional. Desde a implementação desta política de assistência aos imigrantes, já são mais de 89 mil venezuelanos interiorizados, sendo 39% homens e 29% mulheres, maiores de idade, para 872 cidades brasileiras, nas 26 unidades da Federação, a maioria para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Para melhor compreender o fluxo migratório Venezuela-Brasil através da cidade de Pacaraima, apresento a seguir os serviços oferecidos logo na fronteira, e ao atravessá-la, os venezuelanos encontram as primeiras bases com função logística humanitária da Operação Acolhida, divididas entre: 1 (um) abrigo (Abrigo Janokoida, específico para indígenas, com capacidade para 400 pessoas e coordenado pela AVSI Brasil); e 1 (um) Alojamento BV-8 (com capacidade para 2 mil pessoas, é destinado aos não indígenas e também administrado pela AVSI Brasil).

Existem, ainda, mais 3 (três) postos de atendimento, como o Posto de Recepção e Identificação - PRI (recepção, orientação, controle, imunização, regularização migratória e garantia de direitos), o Posto de Interiorização e Triagem - P-Trig (cadastro e regularização migratória, emissão de CPF, atendimento social, proteção e defesa de direitos) e o Núcleo de Saúde da Acolhida (atenção médica de emergência e casos de isolamento); 1 (um) Posto de Atendimento Avançado - PAA para atendimento das agências internacionais (UNFPA, UNICEF, OIM, ACNUR), Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Ministério da Cidadania, Tribunal de Justiça de Roraima, Defensoria Pública da União, Delegacia da Polícia Federal, Receita Federal; e o apoio das Forças Armadas Brasileiras (Reforço 3º PEF) (BRASIL, 2019).

Ao seguir, com o percurso migratório, as famílias venezuelanas chegam, em sua maioria, à capital do estado de Roraima. É em Boa Vista onde se encontra o maior campo logístico da Operação Acolhida em território nacional. Por exemplo, na Figura 8 existem alguns dos cinco abrigos da capital dando suporte com moradia, alimentação, distribuição de itens pessoais e higiene, segurança, preparação para o processo de interiorização, dentre outras atividades (BRASIL, 2022a).

Figura 8 - Abrigos apoiados pela Operação Acolhida em Boa Vista - RR



Fonte: Elaboração própria (2022).

Os abrigos na cidade de Boa Vista - RR são coordenados pela AVSI Brasil (4) e Organização Fraternidade Sem Fronteiras (3) com apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, Forças Armadas, organizações não-governamentais, instituições públicas e privadas. Lembrando que os abrigos do Waraotuma a Tuaranoko e Jardim Floresta são destinados aos povos indígenas provenientes da Venezuela. Vale destacar que os abrigos não são a solução para a migração venezuelana em Roraima, porém uma medida paliativa e temporária que precisa ser constantemente reavaliada para que não seja um acentuador da crise humanitária.

Por meio de uma participação minha, Halaine Bento, de Andie Lima e de Zulmira Bomfim (2022) no livro *“Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências”*, sob organização de Verônica Ximenes, Andrea Esmeraldo e Carlos Filho, com o capítulo *“Um olhar socioambiental sobre a imigração venezuelana no Brasil: da situação de rua para o acolhimento institucional”*, descrevemos o trabalho que é realizado com as famílias

venezuelanas que vivem em abrigo, mas também trazendo a relevância da independência financeira e planejamento familiar para um recomeço dessas pessoas no Brasil.

Através do projeto “Brasil, um coração que acolhe” desenvolvido pela FSF em Boa Vista, tivemos como entender as atividades desenvolvidas com intuito de resgate da dignidade humana, ao atender as necessidades básicas dos venezuelanos que chegavam ao abrigo. Necessidades básicas de ter onde dormir, comer, tomar banho, receber kits básicos de higiene, incluí-los nos programas sociais e participar de ações que viessem preparar as famílias para o processo de interiorização. A preparação consistia em um acompanhamento psicossocial, aulas de português, adaptação cultural para entender os serviços públicos de saúde, educação, trabalho e segurança, leis sobre migrantes e refugiados no Brasil, participação em oficinas profissionalizantes, dentre outros trabalhos. Com essas frentes de trabalho, era possível preparar as famílias para um recomeço em outros estados brasileiros, pois a finalidade do projeto era a reinserção socioeconômica e autonomia individual/familiar dessas pessoas, seja qual for o destino escolhido por elas (Ibidem).

Portanto, aponto o quão importante tem sido o apoio dos abrigos para as famílias venezuelanas que chegam no Norte do Brasil, embora envolva também algumas problemáticas explicadas pelos seus beneficiários. No estudo desenvolvido por Loeste de Arruda-Barbosa *et al.* (2020) observou-se que, o suporte nutricional, com três refeições diárias nos espaços, tem sido fundamental, entretanto, às vezes, insuficiente. O espaço de moradia é permeado por barracas muito pequenas e quentes, em razão das altas temperaturas em Roraima, e pouca privacidade ao dividir o espaço com outras famílias. No entanto, consideram melhor do que morar na rua. Os moradores dos abrigos afirmam estarem satisfeitos com os cuidados interdisciplinares em saúde e distribuição de medicamentos, apesar de que o acesso nos atendimentos multiprofissionais é limitado para a alta demanda nos espaços.

Mesmo com os impasses nos abrigos, há sentimentos de gratidão dos migrantes e refugiados venezuelanos por viverem no Brasil. Os participantes escolheram o território brasileiro para migrar em razão da proximidade geográfica com a Venezuela, com possibilidades de mandar mantimentos para os que ficaram, bem como pela posição econômica do Brasil na América do Sul. Assim, teriam mais oportunidades de empregabilidade, acesso a saúde e educação (ARRUDA-BARBOSA *et al.*, 2020).

Além dos abrigos, existem os Pontos de Apoio da Operação Acolhida. Isto é, o Posto de Recepção e Apoio (PRA) na Rodoviária Internacional e PI-Trg em Boa Vista

(Figura 9) e o Posto de Recepção e Apoio e Alojamento de Trânsito (ATM) na capital do estado do Amazonas, Manaus (Figura 10). As pessoas interiorizadas por Manaus na Operação Acolhida podem utilizar o espaço do ATM para depois seguir viagem.

Figura 9 - Pontos de Apoio Operação Acolhida em Boa Vista-RR.



Fonte: Operação Acolhida (BRASIL, 2019).

Fonte: PI-Trg Boa Vista (AUTORA, 2023).

Figura 10 - Pontos de Apoio Operação Acolhida em Manaus-AM.



Fonte: Operação Acolhida (BRASIL, 2019).

Vale destacar, ainda, o perfil dos migrantes e refugiados venezuelanos em Roraima fora dos abrigos, por exemplo, venezuelanos vivendo em situação de rua, espaços ocupados, públicos e privados, e Posto de Recepção e Apoio da Operação Acolhida. Em Boa Vista, temos 1.869 pessoas vivendo em 14 ocupações urbanas (Figura 11) e 2.193 em Pacaraima nas 15 ocupações urbanas, totalizando em 4.062 pessoas, sendo 1.409 (gênero masculino), 1.087 (gênero feminino) e 1.566 (menores de 18 anos). Tais espaços têm o apoio logístico de algumas organizações não governamentais para suprir necessidades básicas de alimentação, higiene e acesso aos serviços públicos, fora os

trabalhos socioeducativos com as comunidades, visando uma maior integração social (OIM, 2022).

Figura 11 - Ocupações urbanas de famílias venezuelanas em Boa Vista-RR



Fonte: elaboração própria (2023)¹².

O Projeto “Moro no Brasil” na qual fiz parte enquanto voluntária pelo SJMR-Boa Vista realizava um trabalho diretamente em três ocupações da capital de Roraima. Ao longo dos três meses de projeto foi possível discutir junto aos migrantes direito à documentação civil básica, direito à cultura, ao esporte e lazer, direito à benefícios assistenciais, diretos das crianças, adolescentes, mulheres e idosos, direitos das pessoas com deficiência e direito ao trabalho. As ações tiveram um impacto de 75 pessoas beneficiadas distribuídas entre adolescentes, mulheres e homens entre 13 e 66 anos (BENTO; PEREZ; MAIA, 2022):

A Equipe de Proteção do SJMR percebeu que essas pessoas migrantes e refugiadas venezuelanas em Boa Vista (RR) vivenciam uma nova realidade, a qual enfrentam uma série de desafios e adaptações não só de ordem prática e comportamental, mas também de mudanças no modo de viver, gerando,

¹² Fotos autorizadas para divulgação pela instituição parceira: <https://sjmrbrasil.org/category/boa-vista/>

possivelmente, impactos psicossociais. Impactos psicossociais que dizem respeito ao campo das necessidades sociais, emocionais, de saúde física e mental, qualidade de vida, experiências pessoais e em grupo, redes de apoio e atenção psicológica, possibilidades de mudanças e enfrentamento às adversidades (Ibidem, p. 863).

Assim, os encontros com as comunidades possibilitaram um fortalecimento dos grupos para buscar solucionar as problemáticas na qual eles estavam vivenciando no Brasil. Ao compartilharem suas vivências enquanto migrantes em Boa Vista (RR) trouxe uma série de identificações, reflexões e perspectivas de melhorias para as suas vidas. Além disso, levar a informação e tirar suas dúvidas sobre os serviços públicos existentes no território brasileiro levantou um campo da sensibilização dos cuidados em saúde, educação, trabalho e integração com a comunidade brasileira (Ibidem).

Outro perfil de venezuelanos também migrantes e refugiados no Brasil, são dos povos indígenas provenientes das etnias warao, pemón, e'ñepá, kariña, wayúu, ye'kwana e baniva, estima-se que 5.799 indígenas venezuelanos, quase 70% correspondentes à etnia warao, vivem em 23 estados brasileiros (ACNUR, 2021a). São povos provenientes dos estados de Delta Amacuro, Monagas e Bolívar, especificamente, nos municípios de Tucupita, Antonio Díaz e Maturín, viviam da pesca, coleta de horticultura e artesanato na Venezuela e tiveram que migrar para o Brasil em busca de atendimento médico, emprego, vender artesanato, reunir a família e procurar lugar para morar (BRASIL, 2021a).

A maioria dos grupos encontram-se na região Norte do país (Roraima, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins), seguidos do Nordeste (Maranhão e Pernambuco) e Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal). Quanto à escolaridade das pessoas indígenas, os índices de analfabetismo correspondem a 24% e apenas com ensino fundamental incompleto apresenta-se em 15%. Sobre a diversidade linguística, a maioria fala warao (92%), espanhol (77%) e português (40%), bem como a inserção educacional é de 30% no Norte, 20% no Centro-Oeste e 15% no Nordeste (Ibidem).

Portanto, são diversos os perfis de pessoas venezuelanas no Brasil. Cada um com os seus campos de vulnerabilidades e necessidade de atendimentos específicos. Tanto é que com a chegada da pandemia COVID-19 no Brasil, estes públicos passaram a vivenciar novos desafios, tendo em vista os novos cuidados sanitários e de saúde. Enquanto a Venezuela chegou a uma margem de 551 mil casos confirmados e 5.843 mortes por COVID-19, o Brasil disparou para mais de 35 milhões de casos e mais de 696 mil óbitos pela doença pandêmica (OCHA, 2023; BRASIL, 2023b).

É um cenário bastante preocupante tendo em vista que a doença da COVID-19 demanda uma série de cuidados sanitários de isolamento social, uso de máscaras e higienização com água e sabão. Pessoas venezuelanas vivendo em situação de rua e/ou ocupações urbanas, não necessariamente terão acesso à água e sabão, máscara limpa e isolamento social para casos confirmados entre familiares. Além disso, devido às medidas de isolamento social, muitos refugiados e migrantes venezuelanos não conseguiram permanecer com suas atividades econômicas e perderam suas fontes de renda. No que diz respeito às oportunidades de emprego, através da interiorização da Operação Acolhida, estas permaneceram, porém de forma reduzida em razão das novas medidas sanitárias no Brasil (ACNUR, 2021b).

Tal contexto de vulnerabilidade tornou-se, ainda mais, alarmante quando em março de 2020 a fronteira entre Brasil-Venezuela foi fechada para circulação de pessoas - autorizada apenas circulação de mercadorias - por determinação da presidência do Brasil para conter a disseminação do coronavírus no país (BRASIL, 2020b). Assim, a única opção para muitas famílias venezuelanas de buscarem sobrevivência em território brasileiro foram descartadas pelas vias legais, todavia muitos venezuelanos continuaram entrando no Brasil por meio de rotas clandestinas nas chamadas “trochas” (FERNANDES, 2021a):

As restrições de entrada resultam em um aumento do número de venezuelanos que cruzam irregularmente a fronteira do Brasil em situações de extrema vulnerabilidade, expostas ao tráfico humano, à exploração e ao abuso. Além disso, sem caminho para regularização e documentação, as pessoas de interesse do ACNUR estão enfrentando desafios adicionais para exercer seus direitos (ACNUR, 2021b, p. 2).

Sobre a regularização e documentação, seguindo medidas de contenção da COVID-19, a Polícia Federal suspendeu seus serviços presenciais e passou a operar com uma capacidade reduzida (Ibidem). Consequentemente, solicitações de refúgio e renovações de documentos ficaram limitadas e muitos venezuelanos ficaram por meses sem documentação em Roraima. Já com mais de um ano de fronteira fechada, em junho de 2021, saiu uma nova portaria do Governo Federal para circulação parcial de migrantes e refugiados, mediante controle do número de pessoas por dia atravessando a fronteira, exames clínicos da COVID-19, quarentena, avaliação médica e vacinação (BRASIL, 2021b).

Em julho de 2021, para o caso das Unidades Federativas que recebem imigrantes e refugiados provenientes de fluxo migratório, o Ministério da Cidadania disponibilizou um repasse emergencial de recursos para a execução de ações socioassistenciais aos municípios que recepcionam essas pessoas em situação de crise humanitária agravada pelo contexto pandêmico (BRASIL, 2021c). Vale destacar que, para o controle da disseminação da COVID-19 em Roraima, também foram criadas campanhas de prevenção do contágio da doença e testes para diagnosticar a doença para toda população (ACNUR, 2021b).

Além da ampliação e assistência em saúde nos abrigos, foi criada a Área de Proteção e Cuidados (Hospital Campanha) para pessoas infectadas e com suspeita de COVID-19. Assim como, foram distribuídos kits de higiene, limpeza e roupa pelas agências da Nações Unidas e organizações da sociedade civil às famílias em situação de vulnerabilidade fora dos abrigos (ALVES, 2021). Mesmo com todos esses cuidados sanitários e saúde, Roraima apresentou mais de 181 mil casos confirmados e 2.180 mortes por COVID-19 (BRASIL, 2023b)¹³. Desse modo, demonstra a importância da vacinação iniciada em fevereiro de 2021 no Brasil para a população em geral, inclusive para pessoas de outras nacionalidades como os migrantes e refugiados venezuelanos, que apresentam os mesmos direitos de acesso à vacina.

Por fim, outra ação também de inclusão das famílias venezuelanas em políticas públicas brasileiras foi entrar no cadastro do Auxílio Emergencial do período pandêmico. Segundo Rodrigues, Cavalcante e Faerstein (2020), este benefício temporário de proteção social visou minimizar os efeitos da pandemia para a população em situação de vulnerabilidade no Brasil, garantindo alimentação e outros materiais de subsistência, mas veio também acompanhado de algumas problemáticas para os venezuelanos em Roraima.

Um exemplo, foi a revolta da população local brasileira pela inclusão de venezuelanos no benefício, ocasionando muitas barreiras na questão documental. Casos de irregularidade migratória e/ou ausência de algum documento necessário para o cadastro que impossibilitaram incluir o migrante e/ou refugiado venezuelano para ganhar o benefício (Ibidem). Assim, percebo a necessidade da criação de uma política pública que seja mais inclusiva, reconsidere a condição de acessibilidade aos serviços de regularização documental. Ainda mais, após completar dois anos de fronteira fechada, o

¹³ Não foram encontrados dados epidemiológicos em sites oficiais do Ministério da Saúde e da Operação Acolhida sobre número de infecções e/ou mortes por COVID-19 entre migrantes e refugiados venezuelanos.

governo de Nicolás Maduro, em março de 2022, reabriu oficialmente a fronteira com o Brasil e a população venezuelana já entra no território brasileiro com novas demandas sociais (REUTERS, 2022).

Desse modo, levando em consideração o público no qual a pesquisa se inclinou, é importante compreender o contexto da feminização das migrações e as nuances que envolvem a migração de mulheres venezuelanas para Roraima. Bem como, entender as políticas públicas voltadas para este público migrante, tendo em vista o cenário preocupante de questões de gênero no extremo Norte brasileiro.

2.3 Feminização das migrações e a chegada das mulheres venezuelanas em Roraima

Até cinco décadas atrás, a feminização das migrações era um tema pouco discutido nos campos de pesquisas e literaturas, pois predominava-se um modelo patriarcal de família, mulheres dependentes dos seus maridos e os homens responsáveis pelo sustento do lar. Até a década de 1960, as mulheres não predominavam no mercado de trabalho, bem como eram consideradas economicamente inativas.

Assim, tal contexto influenciava nas teorias migratórias (MIRANDA, 2009), onde o fluxo, majoritariamente masculino, acontecia em razão que as mulheres eram relegadas para o espaço privado da casa, sua contribuição econômica era largamente ignorada e sua participação em fluxos migratórios aconteciam na figura enquanto esposa, mãe ou filha de um migrante masculino (OSO; CATARINO, 1996). Além disso, Zlotnik (2003) salienta que as estatísticas contribuíram para a invisibilidade das mulheres na migração internacional, pois não incluíam a categoria gênero nas pesquisas e elas acabavam sendo subestimadas em dados oficiais, uma vez que, em sua maioria, estavam em trabalhos informais - cuidados domésticos, familiares e prostituição.

Nas últimas décadas, com os movimentos feministas, nós mulheres temos conseguido diversas conquistas com relação à passagem do espaço privado para a esfera pública. Nos anos de 1970, a implementação das políticas migratórias na Europa trouxe, não só o aumento do número de mulheres migrantes, mas também uma aceitação da mulher migrante. Uma maior visibilidade da mulher consistia em uma estratégia de migração não resultante de uma decisão individual, porém uma estratégia familiar e comunitária para buscar melhores condições de vida (MIRANDA, 2009).

Já no século XXI, por mais que o número de pessoas do gênero masculino (52%) ainda seja maior do que o do número do gênero feminino (48%), para o total de mais de 20.4 milhões de refugiados e/ou situações similares de refúgio no mundo (ACNUR,

2019), não se pode desconsiderar a relevância da participação feminina nas migrações em deslocamentos de longa distância:

Nos estudos clássicos de migração, as mulheres eram descritas como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos, sem evidenciar, por exemplo, a importância de seus ganhos para a renda familiar. Portanto, as análises muitas vezes não só encobriam a participação das mulheres, como também não percebiam que a migração de longa distância ocorre articulada em uma complexa rede de relações sociais nas quais as mulheres têm uma importante participação (ASSIS, 2007, p. 767).

Acrescentando a essa reflexão, Márcia Oliveira (2016) traz que a mulher migrante não é a mesma de tempos atrás. Esta mudou com o tempo e a sua experiência migratória contribuiu para que ela fosse mais protagonista, independente e autônoma. Contudo, ainda enfrentam desafios de dominação e exploração, tornando-se um público mais vulnerável nos contextos migratórios. Cada vez mais mulheres têm migrado sozinhas, mas também têm aumentado as preocupações no que diz respeito aos riscos a que somos expostas historicamente e socialmente (UNFPA, 2006).

Nos deslocamentos de longa distância, muitas famílias são separadas e mulheres estão mais expostas a situação de agressão e estupro (ACNUR, 2017). Dados apontam que uma a cada cinco mulheres refugiadas no mundo são vítimas de violência sexual, bem como no contexto de extrema vulnerabilidade as mulheres estão mais expostas ao sexo coercivo e a exploração sexual, portanto: “Sobreviventes sofrem traumas psicológicos e físicos, assim como gravidezes não intencionais e infecções transmitidas sexualmente, incluindo o HIV” (UNFPA, 2019, p. 92).

Assim, entender a inserção da mulher no campo das migrações não é apenas ressaltar a sua participação, mas contemplar aspectos de gênero, classe e raça, sobre os quais considero fundamental trazer a discussão para melhor entender a feminização das migrações. Segundo Biroli e Miguel (2015), tais conceitos são utilizados para entender as desigualdades presentes na sociedade, sejam elas: opressão de gênero (sexismo), opressão de classe (classismo) e opressão étnico-racial (racismo).

A autora Joan Scott (1995) apresenta o termo “gênero” para designar as relações sociais entre os sexos, assim o seu uso pode rejeitar explicações biológicas das pessoas. O gênero indica “construções sociais”, isto é, a criação social de ideias sobre papéis para mulheres e homens, pensar em informações sobre as mulheres é pensar também em informações para os homens. No contexto sócio-histórico, as mulheres são vistas como

menos capazes em relação aos homens por motivos que eles são considerados, simplesmente, superiores, portanto, a desigualdade de gênero traz uma realidade de mulheres vulnerabilizadas (MARQUES; SOUZA, 2021).

Judith Butler (2003) e Guacira Louro (2008) discutem a teoria contemporânea de gênero para romper com a ideologia de que, por natureza, os homens são mais potentes do que as mulheres cisgênero¹⁴ e, ainda, que as pessoas LGBTI+¹⁵ é sinal de doença. Romper com tais ideias é essencial para derrubar o sexismo. Assim, as violências de gênero aqui pensadas correspondem à lesbifobia, homofobia, bifobia, transfobia, machismo, dentre outras.

Para entender tais aspectos, as autoras supracitadas buscam derrubar a relação de causalidade entre identidade social de gênero, sexo (órgão sexual) e sexualidade, pois identidade e sexualidade são construções sociais e psicológicas independentes da biologia corporal do ser humano. A identidade de gênero perpassa como etapa processual da vida, inacabada, fragmentada, em conflito e plural (BUTLER, 2003). Portanto, é importante romper com rótulos atribuídos às mulheres, aos homens e pessoas LGBTI+. Caso contrário, por exemplo, as diferentes formas de violência contra mulher - mulheres devem ser femininas, mães, ganhem menos que os homens e o feminicídio em massa - estarão presentes em um sistema cada vez mais patriarcal.

Na perspectiva de Heleieth Saffioti (2004), as desigualdades de gênero são postas por tradições culturais, pelas estruturas de poder e pelos agentes envolvidos em relações sociais. O entendimento generalizado de que os homens heterossexuais são superiores acaba por influenciar as decisões das mulheres e, por vezes, até desacreditando na sua capacidade em construir sua vida independente da figura masculina. Contudo, nós, mulheres, temos buscado cada vez mais o nosso espaço dentro da sociedade. Como agentes sociais de mudanças e melhorias, levamos às ruas e aos movimentos sociais os nossos valores e objetivos de alcançarmos o nosso espaço de fala e atuação social.

Outro ponto a debater sobre as mulheres é a respeito da raça e racismo. Por mais que na contemporaneidade constata-se que não existem marcadores biológicos que separem grupos raciais superiores e inferiores, no aspecto psicossocial, a raça apresenta um importante aspecto a ser considerado nas relações sociais. A partir do olhar de Oracy

¹⁴ Na pessoa cisgênero existe concordância entre a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) e o gênero que lhe foi conferido ao nascer.

¹⁵ LGBTI+ é uma sigla utilizada para se referir à comunidade lésbica, gay, bissexual, transexual, intersexual e outras orientações sexuais.

Nogueira (2007), o racismo no Brasil consiste na hierarquização em que um grupo racial com fenótipo negro (preto e pardo) é inferior ao grupo racial com fenótipo branco (branco europeu). Assim, a discriminação racial refere-se a qualquer exclusão, diferença, restrição ou preferência fundada em raça/cor, etnia e origem (BRASIL, 1969).

Sobre as situações consideradas discriminatórias voltadas, especificamente, à população migrante e refugiada, estas são denominadas de xenofobia (do grego *xenos*, estranho, e *phonia*, medo ou aversão), ou seja, são ações e “discursos de ódio e de repulsa ao ‘diferente’, ao/à estrangeiro/a, ao não familiar, vistos como ameaça” (SANTOS, 2011, p. 8). Tal violência vem perpetuando-se cada vez mais no Brasil, principalmente, para o público em situação de vulnerabilidade, como no caso das pessoas refugiadas.

Cabe aqui explicitar, ainda, o termo “Aporofobia” criado pela filósofa espanhola Adela Cortina, que em 1995 publicou pela primeira vez esta palavra em uma conferência euromediterrânea em Barcelona e, posteriormente, tornou-se referência com várias publicações e palestras na área. Com inclusão do termo até no Dicionário da Língua Espanhola, Cortina (2020), preocupada com uma sociedade cada vez mais violenta, afirma:

Convencida de que não se rejeita tanto os estrangeiros quanto os pobres, busquei em meu dicionário grego dos tempos de bacharelado um termo para designar o pobre, sem recursos, e encontrei o vocábulo *áporos*. Contando com ele, me permiti construir o termo “aporofobia”, por analogia com “xenofobia” e com “homofobia” (CORTINA, 2020, p. 27).

A filósofa traz a discussão de que o estrangeiro que chega à Europa para passear e movimentar a economia local, se vê diante de um território “acolhedor”, porém quando se fala de uma pessoa refugiada pobre, o tratamento é outro. A fobia ou ódio aos pobres, o pobre sem o vínculo com a sociedade, o “sem-lugar” e que não tem nada a oferecer na sociedade de troca que vivemos, é o campo de estudo de Cortina, ao falar sobre os migrantes pobres chegando em um novo lugar.

Percebe-se, claramente, a opressão de classe na qual mulheres refugiadas podem viver no país que recebe. O Brasil já vivencia fortemente o contexto de pobreza, esta entendida como uma construção social que transcorre aspectos históricos e estruturais de exclusão e desigualdades sociais (ACCORSSI, 2011), assim, o rebaixamento de pessoas pobres e negras pode ser mais massivo em um sistema opressivo e violento.

Desse modo, as discussões de gênero, raça e classe ganham novos caminhos através da teoria da interseccionalidade discutida por Angela Davis (2016). A filósofa, na

luta pelos direitos feministas, traz o entendimento de interseccionalidade em formas de opressão (racismo, classismo e sexismo) constituídas umas nas outras. A dominação de privilegiar alguns e ferir outros acontece na integralidade, isto é, uma sociedade que privilegia o branco e desmoraliza o pobre e negro.

A teoria da interseccionalidade permite compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, classe e raça, dado que “o enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão, que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais” (BILGE, 2009, p. 70).

Portanto, é fundamental uma leitura interseccional vivenciada pelas mulheres no Brasil, buscando considerar o contexto econômico, cultural, político e subjetivo no qual estamos inseridas (AKOTIRENE, 2019). Pensando nisso e nas estratégias de sobrevivência das mulheres migrantes que podem ser mais limitadas diante das desigualdades de gênero (MARQUES; SOUZA, 2021), apresento a importância de refletir sobre a migração de mulheres venezuelanas para o Brasil e suas especificidades no estado de Roraima.

Em 2020, com o aumento expressivo de violência contra mulher no Brasil por conta do isolamento na pandemia, Roraima registrou uma média de 11,92 mulheres vítimas de violência doméstica por dia (FERNANDES, 2021b). Além disso, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), Roraima teve a maior taxa de estupro de mulheres no Brasil em 2021, 154,6 casos para cada 100 mil mulheres, um crescimento de 16% de casos comparado a 2020. São dados preocupantes considerando que milhares de venezuelanas acabam solicitando refúgio na fronteira, estas saem de um grave contexto de vulnerabilidade na Venezuela, porém ao chegar no Brasil as vulnerabilidades podem acentuar-se.

Na pesquisa realizada por Viviane Oliveira (2020) com mulheres venezuelanas em Roraima, foi demonstrado o quão difícil era para as participantes deixarem seu país de origem e passarem por um processo de deslocamento cheio de dores. Para elas, migrar tem um sentido de desprender-se de uma idealização da vida para começar tudo do zero, contudo um recomeçar do zero sem nada certo. Estas saem do seu país com apenas alguns materiais pessoais e a vontade de recuperar sua dignidade, após muito sofrimento na Venezuela.

Por mais que as circunstâncias no país de origem sejam as mais difíceis, muitas delas, ainda, não queriam vir para o Brasil pelo fato de ter que ficar longe do local onde

colheram muitos frutos e formaram as mulheres que elas são hoje. Contudo, por mais que elas amem a Venezuela, a nação não ofereceu condições para elas ficarem. O que as motiva mudar de nação são, primeiro, as condições precárias na Venezuela; segundo, os familiares com situações graves de saúde; e, terceiro, reencontrar familiares que já migraram para o Brasil (Ibidem).

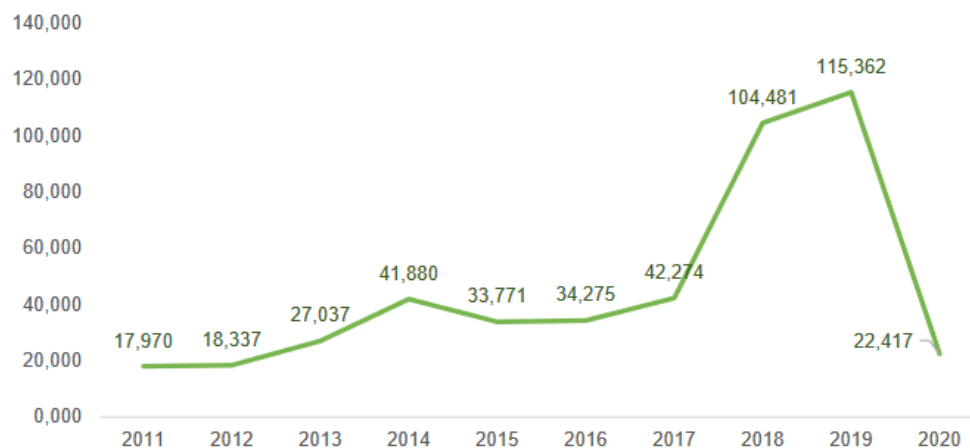
Nesse sentido, pelo alto custo para uma longa viagem, as venezuelanas acabam migrando sozinhas ou com uma parte da família por meio de ônibus, carona ou a pé. As entrevistadas de Oliveira (2020) relataram que o percurso até Roraima foi muito difícil sem ter o que comer, onde dormir e caminhar muito. Além disso, as venezuelanas foram percebendo a importância delas cada vez mais no processo migratório, pois a participação delas era uma nova possibilidade de mudança da realidade, a busca por melhorias junto às figuras masculinas que também estavam migrando.

As venezuelanas têm conseguido articular suas ideias junto aos seus parceiros, consequentemente interferindo na decisão final do processo migratório. Ao buscar quebrar com as ideias machistas: o homem, provedor da casa (ele que migra) e a mulher como doméstica da casa (ela que fica), a participação delas na migração têm sido fundamental para aumentar as oportunidades no Brasil de conseguir dinheiro, comida e abrigo para os filhos. Cada vez mais a sobrevivência física está vinculada à sobrevivência relacional, pois o desmonte na Venezuela tem feito com que elas lutem pelos seus, pela sua família (Ibidem).

Ao chegar em Roraima, ainda, enfrentam uma série de dificuldades, mas sempre com a esperança de conseguir melhores condições de vida. O sentimento de perda, ao deixar tudo para trás na Venezuela, apresenta-se muito forte em cada uma delas, assim como ficam tristes quando vivenciam situações discriminatórias e xenofóbicas. Por vezes, a dor da fome e desespero vai para além da violência e humilhação sofrida no Brasil, tendo em vista que elas saem de um país em crise para outro, que sofre também das mesmas mazelas sociais (Ibidem).

Até o início dos anos 2000, tinha-se um quantitativo de zero mulheres venezuelanas entrando no Brasil. Mas, a partir de 2013 subiu de zero para 18.832 em 2019. Como observado no gráfico a seguir, as venezuelanas tiveram três picos de entrada no Brasil, a saber: primeiro em 2014, com a entrada de 41.880, 36% a mais do que 2013, em 2018, com um quantitativo de 104.481 e em 2019 com 115.362. Cabe considerar que no ano de 2020, ocorreu uma queda, significativa do fluxo de entrada, em razão da pandemia de COVID-19 com as fronteiras fechadas (TONHATI; PEREDA, 2021).

Gráfico 1. Entradas de mulheres venezuelanas no território brasileiro nos pontos de fronteira, Brasil, 2011 - 2020



Fonte: OBMigra (2020) *apud* Tonhati e Pereda (2021).

No que se refere à solicitação de refúgio de mulheres venezuelanas no Brasil, as venezuelanas lideram no pedido de refúgio, sobretudo, entre os anos de 2016 e 2020. Até o ano de 2015, as haitianas lideravam nas solicitações, porém em 2016 as venezuelanas passaram as haitianas e permaneceram com mais pedidos. Nos anos de 2017 e 2018 ocorreu um crescimento de 73,7% de solicitações de refúgio das mulheres venezuelanas e em 2019 permaneceu um quantitativo de 26.026, aproximado de 2018, com 26.550. Já em 2020, com as fronteiras fechadas em razão da pandemia, ocorreu uma queda de - 68,4% das solicitações de refúgio das mulheres venezuelanas (Ibidem).

Sobre as localidades das solicitações de refúgio das mulheres venezuelanas desde 2016, o estado de Roraima tornou-se a principal porta de entrada, e com um número expressivo de pedidos de refúgio. Constatou-se em Roraima, no ano 2016, um quantitativo de 1.182 solicitações, e em 2019 subiu para 32.104. Já em 2020, por mais que as fronteiras estivessem fechadas, os pedidos de refúgio ainda tinham o número expressivo de 10.545. Um total de 102.196 solicitações de refúgio de mulheres venezuelanas em diferentes Unidades Federativas do Brasil e, especificamente, 78.760 para Roraima (Ibidem).

Os municípios roraimenses com maior destaque para a solicitação de refúgio das mulheres venezuelanas foram Pacaraima, cidade roraimense fronteira com a Venezuela, com 52.200 pedidos nos anos de 2018 e 2019 e, ainda, a cidade brasileira de Bonfim, fronteira com a República Cooperativista da Guiana, com 5.446 em 2019. Sobre o estado

civil e idades dessas mulheres, a partir de 2016 os dados apontam que um número expressivo de venezuelanas solteiras migraram para o Brasil, com idade entre 25 e 40 anos. Por mais que tenha ocorrido uma queda no ano de 2020 em virtude da pandemia, constatei um perfil de venezuelanas jovens migrando e com um maior quantitativo de solteiras frente às casadas (Ibidem).

Em relação à inserção laboral das mulheres venezuelanas no Brasil, percebi que o cenário foi modificado a partir dos anos de 2016 e 2017 quando as venezuelanas tiveram mais oportunidades de emprego. Os estados brasileiros que mais admitiram as venezuelanas no ano de 2020 foram: São Paulo (3.099), Paraná (2.627), Roraima (2.248), Rio Grande do Sul (1.771) e Amazonas (1.240). Com um perfil de escolaridade no mercado de trabalho formal, em sua maioria, de ensino médio completo no ato da admissão, a empregabilidade delas é voltada ao agronegócio, frigoríficos, atendentes, vendedoras e cozinheiras (Ibidem).

Além de considerar que as atividades laborais exercidas por venezuelanas são caracterizadas por jornadas de trabalho acima de 40 horas semanais, riscos de acidentes laborais e alta insalubridade, cabe considerar sobre os seus salários baixos comparado ao gênero masculino (MARQUES; SOUZA, 2021):

Em relação ao rendimento médio diário por pessoas migrantes e refugiadas, no que se refere ao gênero, os homens recebem no mercado formal por suas atividades em média R\$ 37,81, sendo que no mercado informal esse valor é reduzido para R\$ 24,08. Em relação às mulheres, os valores são, respectivamente, R\$ 23,27 e R\$ 19,77, ou seja, no mercado formal as mulheres chegam a receber quase 40% a menos comparado aos homens, sendo que no mercado informal, apesar do valor inferior, essa diferença de remuneração percentual não chega a 20% (p. 60).

Com base nesses dados, é possível perceber o quanto a desigualdade de gênero perpassa a realidade das mulheres venezuelanas no Brasil. As políticas públicas de inserção das venezuelanas no território brasileiro não acompanham a transversalidade de gênero, classe, raça e nacionalidade, dificultando, ainda mais, a inclusão de mulheres em condições socioeconômicas adequadas no país. As venezuelanas estão mais expostas às condições de sobrevivência no Brasil que reafirma e naturaliza os aspectos de gênero e as condições de exploração, aumentando os riscos do trabalho informal e diversos outros abusos.

O estado de Roraima, através das suas fronteiras com a Venezuela, Guiana e estado do Amazonas, é considerado uma das principais áreas no território brasileiro de tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial, sendo a prostituição a

principal atividade realizada para fins de sobrevivência (OLIVEIRA, 2008). Fernanda Fernandes (2022) explica para o contexto migratório que a prostituição tem sido cada vez mais um meio de sobrevivência para mulheres venezuelanas que sustentam as suas famílias, uma vez que o salário mínimo no Brasil não tem sido suficiente para sustentar os parentes em Roraima e na Venezuela. Esse processo é chamado de “economia das remessas” porque as mulheres submetem-se à prostituição não apenas para se sustentar, mas também ajudar muitos da família, como explica a pesquisadora Márcia Oliveira, entrevistada por Fernandes (2022).

Desde 2016, a prostituição de venezuelanas cada vez mais crescente na zona oeste da cidade de Boa Vista, especificamente, no bairro Caimbé (bairro que moro na capital), ponto forte de prostituição da cidade, é perceptível pelos moradores locais. Por vezes, as mulheres em contexto de migração não escolhem essa profissão por espontânea vontade, a prostituição tornou-se uma alternativa de sobrevivência, e não um projeto de vida. Muitas delas relatam o medo e a violência que sofrem durante os seus trabalhos e sentem dificuldades para acessar os serviços de denúncia da cidade (FERNADES, 2022).

Outro grupo a considerar são de mulheres indígenas provenientes de sete etnias venezuelanas, e que vivem em Boa Vista e Pacaraima. Em um estudo realizado com 3.328 indígenas venezuelanos, a sua maioria warao (2278) e pemón (747), 52% do gênero masculino e 48% do gênero feminino, constatei um perfil jovem entre 0 e 25 anos morando, em sua maioria (64%), em abrigos das cidades roraimenses. São pessoas em situação de vulnerabilidade, pois apenas 42% dessas pessoas têm acesso aos benefícios do governo brasileiro e, ainda, as áreas de interesse para o trabalho são o artesanato e a agricultura (BRASIL, 2021a).

Das mulheres indígenas mapeadas, aproximadamente, 4% delas estavam grávidas, 43% delas na faixa de 20 a 29 anos, 16% entre 13 e 19 anos e 20% entre 30 e 39 anos. Os serviços de saúde procurados são principalmente quanto à saúde da mulher, à saúde reprodutiva, à vacinação e à prevenção a COVID-19. Além disso, preocupadas em aprender a língua portuguesa, 29% das mulheres indígenas venezuelanas estão matriculadas em instituições de ensino brasileiro, enquanto os homens apresentam um percentual de 18,5% (Ibidem).

Outra pesquisa realizada com 530 mulheres (brasileiras e venezuelanas) da faixa etária de 18 a 49 anos nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, vivendo em casas, abrigos, ocupações e ruas de ambas as localidades, a maioria se declarou parda, seguidas de brancas, pretas e indígenas (etnias macuxi, quixiri, wapichana, warao, kariña e e'nepa), e

tinham, em sua maioria, o ensino médio completo. Dentre os tipos de violência de gênero (física, psicológica, sexual, moral e patrimonial), a violência psicológica (insulto, humilhação ou intimidação) foi a mais presente entre as entrevistadas, com 30,3% (135 mulheres), depois a violência física (empurrão, tapa, soco, chute, ameaça com arma de fogo ou estrangulamento), com 20% (89 mulheres) e seguida de violência sexual (sexo forçado, com medo ou degradante) com 7,4 % (33 mulheres) (UNFPA, 2020).

Dentre as 89 mulheres que sofreram violência física, 24 delas (28,9%) tiveram lesões e ferimentos decorrentes da violência, e um quarto das vítimas precisaram procurar serviços de saúde por conta das agressões: “16,7% das mulheres procuram os serviços mais de uma vez, mas apenas 30% receberam assistência todas as vezes em que foram às unidades de saúde” (p. 21). A prevalência das lesões é maior entre as brasileiras, semelhante às abrigadas e residentes em domicílio, porém, a ocorrência é maior entre venezuelanas e abrigadas. Os principais fatores desencadeadores da violência realizada pelos seus parceiros são identificados pela embriaguez e ciúmes, assim como 15,7% delas relataram que os companheiros batiam sem motivo aparente (Ibidem).

A pesquisa explica que 67,5% das mulheres revidaram a agressão e 22,9% agrediram o seu parceiro pelo uma vez: “Os filhos ou filhas presenciaram todas as agressões sofridas por 12,3% das mulheres e cerca de 10% das mulheres foram estupradas em pelo menos uma ou duas situações de violência física”. Vale destacar que o estudo também explana que mais da metade das mulheres sentem que a sua saúde mental foi afetada pelas agressões: 16,9% perderam a confiança em si mesma, 4,8% sentem que são incapazes de se concentrar e trabalhar, afastando-se do trabalho por recomendação médica (Ibidem).

Pensando no grupo de mulheres venezuelanas que também participaram da pesquisa supracitada, Eberhardt e Miranda (2017) destacam que as pessoas refugiadas estão mais propensas a patologias e riscos quanto à saúde mental, uma vez que são expostos à situações estressantes no dia a dia, tais como: isolamento social, condições precárias de vida, discriminação, violência física, sexual, moral e/ou psicológica. Essas situações geram, muitas vezes, dificuldades de integração social, inserção territorial e impasses na recriação de territórios em Roraima.

A pesquisa desenvolvida pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2020) concluiu que a prevalência da violência baseada em gênero entre mulheres da cidade de Boa Vista e Pacaraima é alta, porém a situação é mais grave entre as venezuelanas abrigadas e em situação de rua. O contexto migratório faz com que elas

tenham uma maior precariedade socioeconômica e a sua saúde física e emocional agravada pela violência. Conseqüentemente, é fundamental as políticas de prevenção e de enfrentamento da violência baseada em gênero no estado de Roraima.

As redes de proteção às mulheres em Roraima são desenvolvidas pela Secretaria de Estado do Trabalho e Bem-Estar Social (SETRABES), Coordenação Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres (CEPPM), Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), Defensoria Pública Especializada a Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher, Ronda Maria da Penha - Polícia Militar, Tribunal de Justiça de Roraima - Juizado Especializado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, Ministério Público do Estado de Roraima - 1ª e 2ª Promotorias Especializadas em Violência Doméstica e Familiar Contra Mulher, Casa da Mulher Brasileira e as organizações como UNFPA, FSF, SJMR, OIM e ACNUR com o desenvolvimento de seus projetos em abrigos e comunidades com o público feminino.

Sobre a Casa da Mulher Brasileira localizada em Boa Vista, tive a oportunidade de entender melhor o seu funcionamento através do meu trabalho como psicóloga comunitária no SJMR, ao levar um grupo de mulheres venezuelanas para conhecer o serviço. Por mais que a denominação do local seja “Brasileira”, a Casa é destinada para mulheres de qualquer nacionalidade com intuito de desenvolver ações que venham prevenir a violência, acolher as mulheres, promover a cidadania e libertá-las do ciclo de violência (Figura 12). Nas frentes de trabalho humanizado, justiça e segurança existem: o acolhimento (estabelecimento de confiança e encaminhamento para os serviços especializados); apoio psicossocial (equipe multidisciplinar); promoção de autonomia econômica; Defensoria Pública (orientação, prestação de assistência jurídica e acompanhamento do processo); e Delegacia Especializada (Unidade da Polícia Militar) (BRASIL, 2021d).

Figura 12 - Casa da Mulher Brasileira em Boa Vista - RR



Fonte: elaboração própria (2022).

Além disso, na Casa da Mulher Brasileira são oferecidos os serviços de alojamento de passagem (abriga por 48h vítimas em situação de violência acompanhada de filhos ou não), serviço de saúde (casos de violência sexual, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e acompanhamento médico e psicossocial), central de transportes (deslocamento de mulheres para demais serviços de atendimento), brinquedoteca (acolhe crianças de 0 a 12 anos de idade das mulheres em atendimento) e Ronda Maria da Penha (Serviço da Polícia Militar encaminhando às Delegacias). Lembrando que a Casa faz parte do “Programa Mulher Viver sem Violência”, como estratégia de enfrentamento à violência de gênero preconizada na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) (BRASIL, 2021d).

Com base nessas informações, exponho que o estado de Roraima é uma nova realidade para a mulher venezuelana, a qual enfrenta uma série de desafios e adaptações, não só de ordem prática e comportamental, mas também de mudanças no modo de viver, gerando, possivelmente, impactos sociais e psicológicos. A venezuelana, no seu novo destino, busca criar novas histórias e/ou novos sentidos, bem como ela, nestas condições, necessita reconstruir a sua vida e, ao mesmo tempo, reconstruir a si mesmo.

Desta forma, levando em consideração tal necessidade de interação da venezuelana e o seu novo meio social, a Psicologia Social é uma área científica que pode contribuir para a compreensão da migração de mulheres venezuelanas em seu novo espaço social, assim como a categoria da afetividade, a estima de lugar e a construção dos mapas afetivos serão caminhos para entender os impactos da migração para as participantes da pesquisa (LANE, 1981; SAWAIA, 2009; BOMFIM, 2010).

2.4 Psicologia Social e Afetividade: suas bases teóricas

Na perspectiva de Silvia Lane (1981), os estudos da Psicologia Social visam refletir como o homem se introduz na história, tornando-se agente dessa realidade, bem como influencia e é influenciado por ela. Ao compreender o comportamento humano, possibilitará a produção de um conhecimento. Assim, esta produção traz transformações para a sociedade: no campo das desigualdades sociais, violência, sofrimento psicológico, dentre outros aspectos, na interação com o meio social ao longo da história.

Tal influência histórica-social se faz presente na vida do ser humano por meio da linguagem. As palavras atribuídas por uma cultura e/ou grupo social determinam uma perspectiva de mundo, valores, ações, sentimentos e emoções. Desse modo, as emoções

são respostas do organismo influenciadas pela visão de mundo na qual o homem adquire por meio dos significados das palavras, por exemplo, de alegria, tristeza e medo (Ibidem).

Bader Sawaia (2014a) apresenta que as emoções, como fenômenos históricos e sociais, são a base da constituição humana e formuladores dos pensamentos e ações do homem. Ao considerar o âmbito emocional, a autora traz a categoria da afetividade como um importante campo de estudo na perspectiva da Psicologia Social de base histórico-cultural (SAWAIA, 2009).

A afetividade, como uma função psicológica superior na sua natureza social, levanta uma discussão fundamental acerca do sofrimento ético-político presente na sociedade. O sofrimento ético-político retrata a dor do homem ao ser visto como inferior, este demonstra as maneiras que os indivíduos tratam os seus semelhantes, promovendo exclusão social, inclusão perversa, injustiças e desigualdades sociais (SAWAIA, 2014a).

Assim, para melhor entender as bases da Afetividade, enquanto categoria de análise na Psicologia Social na perspectiva histórico-cultural, pretende-se levantar conceitos sobre afetos na visão de Spinoza (2015), Vygotsky (2004) e Heller (2004). Para, posteriormente, compreender a contribuição da Psicologia Social atrelada à Psicologia Ambiental, para a construção dos mapas afetivos por Bomfim (2010).

O filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677), também conhecido como Espinosa ou Spinoza, foi um filósofo holandês considerado um dos principais estudiosos na área da teologia e da política e ao escrever sobre ambos os temas em uma de suas principais obras, *Ética*, ele defende na literatura que as emoções não deveriam ser combatidas ou criticadas, porém deveriam ser compreendidas, visando entender a natureza humana (SAWAIA, 2009).

Contrapondo a perspectiva cartesiana, a visão espinosana entende o corpo humano não como um agregado de partes, mas um indivíduo complexo, constituído de diversidades, pluralidades e corpúsculos fluidos. O corpo apresenta a capacidade de relacionar-se entre órgãos internos, bem como relacionar-se com outros corpos externos por meio das *afecções*. Isto é, na sua capacidade de afetar outros corpos e por eles ser afetado (CHAUÍ, 1995).

Para Espinosa, corpo e alma estão sob as mesmas leis e os mesmos princípios, rompendo com o pensamento cartesiano de uma união substancial entre corpo e alma, a ideia platônica da alma como piloto do corpo e a aristotélica do corpo como instrumento da alma: “A alma é, pois, atividade pensante que se realiza como imaginação, querer e

reflexão” (Ibidem, p. 58). Portanto, corpo e alma são a mesma coisa, sem hierarquia e relação causal, demonstrando que as afecções do corpo são as mesmas afecções da alma.

Dentro do processo de afecções, existe um grau de potência e força interior no homem de perseverar, na própria existência, o que o filósofo chama de *conatus*. Este impulsiona o indivíduo para a autoconservação, promovendo autonomia e proporcionando a potência do agir (GLEIZER, 2005). No corpo, o *conatus* é chamado de apetite e na alma de desejo, assim, dizer que o homem é apetite corporal e desejo psíquico é dizer que as afecções do corpo são imagens da alma realizando ideias afetivas ou sentimentos (CHAUÍ, 1995).

Sobre a transição de intensidades do *conatus* do ser humano, existe o afeto (*affectus*) definido como a passagem de um estado de potência a outro, através das afecções (*affections*) que o corpo e mente recebem na existência. Por isso, a distinção entre afecção e afeto, o primeiro são afetações neutras, enquanto o segundo apresenta uma dimensão afetiva, ou seja, o afeto decorrente do corpo e com potência de aumentar ou diminuir no ser humano (SPINOZA, 2015):

Nosso ser é definido pela intensidade maior ou menor da força para existir - no caso do corpo, da força maior ou menor para afetar outros corpos e ser afetado por eles (...) A variação da intensidade da potência para existir depende da qualidade de nossos apetites e desejos e, portanto, da maneira como nos relacionamos com as forças externas, sempre muito mais numerosas e mais poderosas do que a nossa. A força do desejo aumenta ou diminui conforme a natureza do desejado, e a intensidade do desejo aumenta ou diminui conforme ele seja ou não conseguido, havendo ou não satisfação (CHAUÍ, 1995, p. 64-65).

Desse modo, na capacidade do ser humano de afetar e ser afetado, Spinoza (2015) trouxe a definição de paixões tristes e paixões alegres para explicar como a afecção que um corpo sofre por outro corpo. Mais precisamente, a transformação que um corpo tem em sua potência, sua capacidade de existir. O filósofo aponta que os afetos podem ser de ordem potencializadora (felicidade) ou ordem despotencializadora (tristeza), os demais afetos (amor, ódio, medo e esperança) são ramificações de uma carga exterior associada ao afeto. Sawaia (2009), ao falar sobre a teoria espinosana, complementa que a alegria é o sentimento que surge quando a capacidade de existir do homem aumenta, conseqüentemente, a tristeza é o resultado da afecção que diminui a capacidade de existir e o ser humano torna-se passivo.

Gleizer (2005) afirma, ainda, que paixões alegres são importantes para o desenvolvimento da potência da razão, enquanto as paixões tristes inibem o

desenvolvimento e são prejudiciais. Portanto, Espinosa, em sua teoria, traz a importância da alegria e busca afastar paixões tristes como medo, humilhação e arrependimento. Ao desenvolver a razão no homem será possível tornar o ser humano menos submisso nas suas interações sociais e permitir satisfazer os seus desejos passionais.

A teorização espinosana dos afetos foi fundamental para um dos autores da Psicologia, que buscava explicações na dimensão da afetividade: Lev Vygotsky, a partir do estudo “Teoria das Emoções”, trouxe importantes contribuições para as ciências humanas. Vygotsky (1896-1934), nascido na Rússia, graduado em Direito, História e Filosofia, dedicou os seus estudos na Psicologia para a área da aprendizagem, linguagem, deficiências congênicas e adquiridas (BENTO; LIMA, 2021).

O seu interesse pelas funções psicológicas superiores - alicerçada pela linguagem e cultura - e por processos cerebrais levou o teórico a trabalhar com os neurofisiologistas Alexander Luria (1902-1977) e Alexei Leontiev (1903-1979). As funções psicológicas superiores estudadas por Vygotsky (1991) na esfera do funcionamento psicológico humano tratam do campo do planejamento, memória e imaginação por serem mecanismos intencionais, ações controladas e com possibilidades de se relacionar com o meio.

As ideias defendidas por Vygotsky têm uma relação dialética entre o ser humano e o meio no qual ele vive, compreendendo este espaço como dinâmica na qual transforma o homem e o homem transforma o espaço também (REGO, 2014). Por essa razão, sem negar as funções biológicas humanas e o processo de desenvolvimento humano, a teoria histórico-cultural (ou sócio-histórica) do psiquismo humano, conhecida também como uma abordagem sociointeracionista, elaborada por Vygotsky (1991) tem por objetivo entender comportamentos humanos formados ao longo da história humana e como se desenvolve na vida de cada sujeito.

Importante destacar que, a mediação entre os homens e o meio social ocorre por meio de instrumentos técnicos e sistemas de signos. Vygotsky, influenciado pelo teórico Karl Marx (1818-1983), desenvolve o conceito de mediação simbólica através do instrumento com a função de regular as ações sobre objetos e o signo para regular as ações do psiquismo dos indivíduos. Nesse processo, a cultura é uma parte constitutiva da natureza humana, assim, a internalização de práticas e costumes culturais durante a mediação simbólica ocorre por intermédio de instrumentos e signos, estes fundamentais para a formação da consciência humana (VYGOTSKY, 1991; REGO, 2014).

Durante esse processo de interação com o meio, a linguagem tem um papel fundamental de comunicação social, enunciação e compreensão. A criança, por meio da

interação social e com o conhecimento das palavras, vai aprendendo a pensar sobre o seu entorno. Por isso a relação entre pensamento e linguagem, pois a linguagem tem o papel de determinar como a criança vai aprender a pensar, tendo em vista as formas avançadas do pensamento transmitidas por meio das palavras (Vygotsky, 2001).

Nesse sentido, o processo de desenvolvimento humano para cada indivíduo será de uma forma diferente, pois os instrumentos e signos da mediação, formação do pensamento e linguagem dependerá das vivências experienciadas e informações internalizadas pelo sujeito. A vivência, enquanto categoria de análise na Psicologia Social, tem sido estudada para compreender o campo da afetividade (LIMA; BENTO; BOMFIM, 2020). A concepção de vivência para Vygotsky vem do russo *pereživát* (viver) para originar a palavra *pereživânie* que significa vivência, esta apresenta uma dimensão interna por conta das singularidades do sujeito, mas também a dimensão sociocultural em razão do desenvolvimento humano atrelada a interação social (VYGOTSKY, 2006; 2010):

A vivência é percebida como fundamental para o desenvolvimento humano em razão dos impactos que o sujeito sofre e ao mesmo tempo transforma o meio. Quando o ser ajusta uma pereživânie (vivência) nada é como antes, pois a atitude do homem muda em relação ao contexto vivido. Assim, o indivíduo passa a manifestar outro sentido na dialética com a situação experienciada (LIMA; BENTO; BOMFIM, 2020, p. 100).

Cada indivíduo, na sua forma de viver, tem a sua maneira de experienciar o mundo e, conseqüentemente, de se constituir enquanto sujeito sócio-histórico. Portanto, as vivências estão relacionadas ao meio social, personalidade e consciência do ser humano constantemente em desenvolvimento (TOASSA; SOUZA, 2010). Para esse processo, é possível considerar as intersecções entre as vivências e a afetividade, uma vez que as afecções podem influenciar nas vivências do ser (LIMA; BENTO; BOMFIM, 2020).

Durante a vivência, na visão de Vygotsky, os sentimentos são sócio-históricos, pois são considerados em um contexto social e na composição da subjetividade humana não existe uma hierarquia entre afeto e pensamento. Influenciado por Espinosa no seu caráter monista, para Vygotsky o homem é tido em sua integralidade, na medida em que todos os aspectos que o constituem são valorizados (TOASSA, 2011).

Além disso, o pensamento é afetivo e a afetividade ocorre de maneira consciente (Ibidem). Já a linguagem vem com a função de mediação entre os afetos e o meio social, uma vez que oportuniza a comunicação dos sentimentos entre os sujeitos e possibilita a

internalização dos sentidos expressos durante a comunicação com o outro. Assim, Vygotsky traz a emoção como uma função psicológica superior e a afetividade em uma perspectiva histórica-dialética para a construção e mudanças dos sentimentos no meio social (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011).

Nesse sentido, os primeiros trabalhos de Vygotsky sobre as emoções ocorreram por meio das reflexões realizadas acerca da teoria das emoções do médico e psicólogo dinamarquês Carl Lange (1834-1900) e filósofo e psicólogo americano William James (1842-1910), na quais, juntos, criaram a teoria de James-Lange das emoções. Tal teoria sugere que as emoções são sentimentos subjetivos apoiados no reconhecimento de mudanças internas do sistema nervoso associadas às ações, contudo, a teoria não considerava os aspectos psicossociais da emoção, apenas princípios fisiológicos das emoções (Vygotsky, 2004).

Desse modo, Vygotsky (2004) na “Teoria das Emoções” traz a sua importante inspiração com Espinosa ao considerar as emoções e afetos integrados ao corpo e mente e suas relações sociais. As emoções são processos históricos e culturalmente determinados dos organismos humanos, tornados funções psicológicas superiores. Enquanto as emoções trazem uma satisfação no que diz respeito às sensações e necessidades orgânicas do homem, os sentimentos correspondem às necessidades culturais e espirituais que vão depender do desenvolvimento histórico da humanidade (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011).

Com o início da obra “Teoria das Emoções” em 1930, em 1934 ocorreu o falecimento de Vygotsky aos 38 anos de tuberculose. A sua morte precoce fez com que a sua última obra ficasse incompleta para melhor compreensão dos estudos de Espinosa na abordagem do desenvolvimento das emoções (Ibidem). Porém, outra filósofa também bastante referenciada na área da Psicologia Social, para compreender a categoria da afetividade, tem sido Ágnes Heller.

A filósofa húngara Heller (1929-2019), ao escrever a “Teoria dos Sentimentos”, explica que os sentimentos estão ligados ao contexto na qual eles são manifestados, tendo em vista que sentir corresponde a estar implicado em algo. Tal implicação pode ser em relação a pessoas, ao próprio sujeito, objetos, lugares, momentos ou qualquer outra situação que possa envolver o ser humano. A intensidade desse envolvimento dependerá do contexto social, portanto não é determinada e passível de mudanças (HELLER, 2004).

A partir de uma perspectiva antropológica do ser humano, Heller (2004) classifica os sentimentos como impulsivos, afetos, orientativos, emoções, de caráter e personalidade

e predisposições emocionais. Os sentimentos impulsivos apresentam a sua natureza impulsiva, mas também não são neutros em razão de um contexto social. A base deles podem formar os afetos, porém nem todos os afetos são de base impulsiva.

Os afetos são a base constitutiva do homem e podem ser diversos, para lugares e contextos diferentes. Diferente das emoções, os afetos são contagiosos e tornam-se perigosos quando quebram com normas éticas, por exemplo, afeto de “ódio” durante um conflito com um grupo de pessoas. Por isso, a importância dos sentimentos orientativos, uma vez que eles são formados ao longo da experiência humana - os chamados “instintos” - para nortear escolhas, experiências, contatos interpessoais e formação do bom senso (HELLER, 2004).

Já os sentimentos como emoções são considerados cognoscitivas-situacionais, devido a estarem passíveis de aprendizagens e influenciados por um contexto no qual o indivíduo se encontra. Percebe-se, então, a diferença entre afetos e emoções: afetos não estão direcionados ao sujeito, pois são inerentes à constituição humana, enquanto as emoções têm a sua perspectiva social e podem ser aprendidas nas relações interpessoais (Ibidem).

No que tange aos sentimentos de caráter e personalidade emocional, Heller (2004) explica que os sentimentos de caráter não julgam situações para formações sentimentais, já o de personalidade emocional necessita julgar contextos a partir de suas percepções morais para criar hábitos sentimentais. Por fim, sentimentos de predisposições emocionais abarcam habilidades do homem de ser mais predeterminado a sentimentos específicos, com base em suas experiências e trajetórias da vida.

Nesse sentido, levando em consideração a importância de compreender a categoria da afetividade a partir dos afetos, sentimentos e emoções, explicados pelos teóricos Spinoza (2015), Vygotsky (2004) e Heller (2004), será possível entender que o estudo sobre as emoções não é meramente descritivo. Deve ser pesquisado também com base no contexto no qual surgem e suas motivações. Dessa forma, para chegar a esse quesito, optei por utilizar o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) criado por Zulmira Bomfim (2010) a ser explicado também com base na Psicologia Socioambiental.

2.4.1 Psicologia Socioambiental e a construção dos Mapas Afetivos

A autora Sawaia (2014a), inspirada na perspectiva espinosana, levanta a importância de os psicólogos sociais fomentarem os “bons encontros” capazes de promover felicidade e libertação aos sujeitos, vítimas de exclusão social. O

fortalecimento da potência de agir favorece o rompimento dos estados de fatalismo e servidão, alimentados por estimas despotencializadoras, assim um *conatus* coletivo (afetos potencializadores em conjunto) darão forças para que um grupo desenvolva atividades libertadoras.

Nesse sentido, Martín-Baró (2011) explica a relevância e urgência da Psicologia Social dentro da visão latino-americana da libertação, a recuperação da memória histórica, a desideologização do senso comum e da experiência cotidiana e a potencialização das virtudes populares. Na recuperação da memória histórica, retrata memórias coletivas capazes de defender interesses das classes exploradas e que se voltam a objetivos de luta e conscientização.

Já a desideologização do senso comum e da experiência cotidiana demonstra o resgate da experiência de grupos sociais e permite a participação crítica na vida dos setores populares. Finalmente, a potencialização das virtudes populares traz a capacidade de entrega e sacrifício pelo bem coletivo, na capacidade humana de transformar o mundo através de tradições populares (Ibidem). Trazendo a relevância de fortalecer discussões na Psicologia Social sobre a potência de comunidades populares para romper com sistemas de opressão e desigualdades sociais, surge a Psicologia Ambiental como uma importante aliada, ao compreender o campo dos afetos e a construção dos mapas afetivos.

Desse modo, a afetividade como categoria de análise na construção dos mapas afetivos pode ser entendida também a partir da visão da Psicologia Socioambiental. Tal Psicologia busca não apenas o contexto de opressão na sociedade, mas também a partir de uma visão sócio-histórica trazer a perspectiva emocional com base nos afetos, e os seus significados criados pelos sujeitos envolvidos (BOMFIM, 2010).

A Psicologia Ambiental é um importante campo de compreensão acerca da afetividade, pois esta ciência tem como centro a pessoa em sua relação com o ambiente. Ou seja, essa área estuda a pessoa no seu contexto físico e social com o objetivo de desembaraçar a lógica das relações entre indivíduos e ambiente, com base em percepções, atitudes, avaliações e representações ambientais (MOSER, 2018).

Essa Psicologia tanto se interessa pelos efeitos e condições ambientais, pelo comportamento e conduta das pessoas, quanto pela maneira através da qual os sujeitos percebem e agem sobre o ambiente. Diversas outras áreas como a História, Geografia, Arquitetura, Engenharias e Sociologia, têm criado campos de discussão com a Psicologia Ambiental para melhor entender a dimensão física e social junto ao homem (Ibidem).

Dentro de uma perspectiva transacional, na qual são consideradas as interações entre variáveis situacionais e vulnerabilidades individuais, a Psicologia Ambiental traz as suas proximidades com a Psicologia Social (Ibidem). Para uma perspectiva de Psicologia Socioambiental, levanta-se alguns conceitos fundamentais para compreender a afetividade atrelada ao estudo de populações em um ambiente.

Primeiramente, o ambiente é um meio físico concreto na qual o homem vive, natural ou construído, indissociável de questões sociais, políticas, econômicas e psicológicas. Tudo que vive no ambiente, inclusive as pessoas, é parte constituinte dele. O ambiente como original e puro é um espaço para se conhecer, habitar, cuidar, criar seus componentes socioculturais e históricos, um meio vivencial partilhado com outras pessoas e com várias percepções de mundo (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Além do ambiente, é importante entender o que é espaço e lugar no qual sujeitos estão inseridos. Segundo Cavalcante e Nóbrega (2011), o espaço como neutro, por não atribuir significado a ele, pode ser pensado como uma área geométrica entre dois pontos com uma extensão infinita. Contudo, quando o espaço ganha importância, e a sua identificação vai para além dos limites físicos, surge o lugar. O lugar é onde o homem mora, trabalha, diverte-se, portanto, seus limites são definidos, são atribuídos significados, valores pela vivência e pelos sentimentos.

Yi-Fu Tuan, importante geógrafo chinês, traz o entendimento de espaço e lugar a partir das experiências singulares e comuns dos seres humanos. Desde o nascimento da pessoa, por mais que venham a ser confusas as suas primeiras imagens ópticas, sob influências culturais e fatores biológicos do crescimento, irão formar-se as curvas crescentes da aprendizagem para um entendimento de espaço e lugar (TUAN, 2013):

A ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce. A pergunta “onde gosta de brincar?”, uma criança de dois anos provavelmente dirá “casa” ou “fora”. Uma criança mais velha responderá “no meu quarto” ou “no quintal”. As localizações tornam-se mais precisas. “Aqui” e “lá” são ampliadas por “aqui mesmo” e “lá mesmo”. Aumenta o interesse por lugares distantes e a consciência de distância relativa (Ibidem, p. 44).

Desse modo, com o desenvolvimento da criança é possível que ela venha explorar espaços com a finalidade de conhecer o seu meio e os pais e/ou responsáveis tornam-se guias dessa exploração, para que ela ocorra de forma segura. Assim, na perspectiva de Tuan, à medida que a criança cresce tem uma formação da fala e pensamento, vai se apegando a objetos e pessoas. Será possível o entendimento de lugares como algo

importante, especial e com sentimento de pertencimento, tal ponto importante a ser pensado em pesquisas científicas.

Outro aspecto interessante a ser estudado sobre o lugar e o campo afetividade é o conceito de apego ao lugar. O apego ao lugar, ou vínculo com o lugar, é uma relação afetiva a um determinado lugar no qual pessoas estão interligadas emocionalmente e/ou culturalmente com o local. Tal relação pode gerar tanto bem-estar e produtividade quanto frustração e estresse, bem como existe um conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que ajudará o sujeito no relacionamento pessoa-ambiente (ELALI; MEDEIROS, 2013).

Assim, o apego ao lugar fortalecerá com o tempo para um sentimento de comunidade quando nós nos sentimos pertencentes a um grupo ou lugar específico (Ibidem). Arelado à compreensão de apego ao lugar, é possível trazer a compreensão de topofilia (grego *tópos* - lugar + *philia* - afinidade), também criado pelo geógrafo Tuan (2012) para explicar sentimentos criados em relação a locais:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada (p. 135-136).

Os sentimentos e imagens topofílicas são formadas com base na relação do sujeito estabelecida com o meio social (Ibidem). Desta forma, será possível entender a apropriação estabelecida com o entorno, uma vez que o conceito de apropriação consiste em um processo psicossocial de interação do sujeito com o meio, onde o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento da pessoa, criando “um lugar seu” (CAVALCANTE; ELIAS, 2011, p. 63).

Pol (1996) destaca que os elementos estruturais e complementares do processo de apropriação são apropriação por ação/transformação e a apropriação por identificação simbólica. A primeira consiste em comportamento explícito de reivindicação, delimitação e defesa diante de ameaças percebidas em um território. Já a segunda são processos simbólicos, afetivos, cognitivos e interativos que transformam o espaço em lugar dotado de significado para pessoas ou grupo social.

Durante esse processo de interação entre sujeito e meio para surgir a apropriação, pode ser formada a identidade de lugar. Por exemplo, a identidade de uma pessoa corresponde a um conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais e a representação social que ela tem de si mesma. Como subestrutura da identidade pessoal, surge a identidade de lugar a partir da interação do ser humano com o seu entorno físico e social. Espaços de pertencimento, vivência e vínculos emocionais são fundamentais para a formação de lugares que abrigam e acolhem pessoas, trazendo segurança e proteção aos indivíduos envolvidos (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

Nesse sentido, partindo da ideia de Valera e Pol (1994) na qual observaram que a Psicologia Social não se preocupou em entender a afiliação entre grupos sociais, a Psicologia Ambiental surge com o conceito de identidade social urbana, explanada por Mourão e Bomfim (2011). As autoras explicam que a identidade social urbana se manifesta como uma extensão da identidade de lugar, porém mais relacionada ao ambiente urbano e teorias pautadas em grupos sociais.

Valera e Pol (1994) destaca que a identidade social urbana busca definir em que medida as categorias urbanas, cidade, bairro ou região, são compartilhadas simbolicamente por um grupo de indivíduos. As dimensões dessa identidade são compreendidas, a saber: territorial, psicossocial, temporal, de conduta, social e ideológica. Na territorial, corresponde aos limites geográficos de uma categoria urbana e a psicossocial relaciona-se à imagem que um grupo social cria acerca de suas próprias características (MOURÃO; BOMFIM, 2011).

No que se refere à dimensão temporal, considera-se a história do grupo e suas relações com o meio, já a dimensão de conduta trata da forma como os sujeitos usam e transformam um determinado lugar. A dimensão social é a composição social da comunidade na qual é construída a identidade da pessoa e, por fim, a dimensão ideológica, com os valores e cultura construída por uma categoria urbana, podendo refletir em formas ideológicas do local (Ibidem).

Além disso, existe na Psicologia Ambiental as reflexões em torno do território. Este, na perspectiva do geógrafo brasileiro Milton Santos (2005), é uma produção socioespacial do homem em relação ao espaço, onde surgem relações de poder entre opressores e oprimidos. Nesse sentido, Higuchi e Theodorovitz (2018) destaca as territorialidades como o conjunto de representações que agrega comportamentos, investimentos pessoais e coletivos, espaços sociais, culturais e cognitivos. As

territorialidades designam aos territórios os acordos sociais estabelecidos entre aqueles que têm direitos e aqueles que não têm ou não aceitam.

Partindo da interlocução entre os estudos de Psicologia Ambiental transacionalista e de Psicologia Social de vertente sócio-histórica, desenvolvidas no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus), vejo a importância da investigação no campo dos afetos de mulheres venezuelanas em Boa Vista (RR). A afetividade, enquanto categoria de análise da inter-relação entre ser humano e ambiente, tornou-se fundamental para estudar o fenômeno da migração para as venezuelanas.

A afetividade atrelada à migração de mulheres venezuelanas é um caminho para entender a concepção dialética das vivências destas e suas potencialidades e/ou capacidades de enfrentar as adversidades. Segundo Feitosa *et al.* (2018), esta potência de enfrentamento é entendida a partir das vulnerabilidades positivas, isto é, o sujeito é capaz de criar formas de resistência e enfrentamento frente às dificuldades. A afetividade abarca as vulnerabilidades, mas também as potencialidades em razão das afecções que podem ser promotoras de potência de padecimento ou potência de ação no seu dia a dia (SAWAIA, 2014b; BOMFIM, 2015).

Nesse sentido, apoiada nos estudos histórico-culturais de Vygotsky, na filosofia de Espinosa e Heller, o entendimento de Sawaia acerca dos afetos e emoções e os conceitos da Psicologia Ambiental, Zulmira Bomfim (2010) cria na sua tese de doutorado a teoria da construção dos Mapas Afetivos e da aferição da Estima de Lugar para saber da relação das pessoas com as cidades de São Paulo e Barcelona. Os Mapas Afetivos são procedimentos teóricos-metodológicos entendidos a partir de aspectos cognitivos e afetivos, que abarcam implicações do sujeito com a sua cidade, comunidade, bairro ou outro ambiente desejado para análises (BOMFIM, 2010).

Para elaboração do instrumento, Bomfim (2010) traz como referência a teoria dos Mapas Cognitivos de Kelvin Lynch (2008), que tem por intuito conhecer o ambiente criado pelo homem através de suas experiências, para expressão da orientação espacial e geográfica. Já os Mapas Afetivos trouxeram também uma possibilidade de revelar os significados dos ambientes por meio dos afetos, onde a construção dar-se-á pela inter-relação entre pesquisador e respondente, mediada por um instrumento de pesquisa.

O afeto é ilustrado por Bomfim (2010) como componente importante para compreender a dinâmica de determinado lugar, sendo esse composto no processo de ação-transformação. Levando em consideração a implicação do habitante com seu local de vivência, a autora afirma que este afeto pode ser um indicador de ação, ética ou da

racionalidade ético-afetiva, gerada a partir do encontro. Os afetos permitem que conheçamos os sentidos, significados, percepções, sentimentos, emoções e representações sociais sobre um determinado ambiente.

Desse modo, os Mapas Afetivos trazem uma representação do espaço e podem relacionar-se com qualquer espaço como território emocional, assim utilizam como estratégia de sistematização dos afetos acerca dos ambientes a Estima de Lugar. Esta, como categoria de mediação da avaliação dos lugares, pode manifestar-se de maneira potencializadora (aumentando a capacidade de agir do homem para o seu próprio benefício ou do outro) ou despotencializadora (diminuindo a capacidade de agir do homem para o seu próprio benefício ou do outro) (BOMFIM, 2010).

Ainda segundo Bomfim (2010), a Estima de Lugar pode ser categorizada em cinco imagens afetivas, tais como pertencimento, agradabilidade, insegurança, destruição e contrastes, descritas a seguir por Lima (2019):

Quadro 1 - Descrição das Imagens Afetivas da Estima de Lugar

Caráter	Imagem afetiva	Descrição
Potencializadoras (aumentam a potência de ação)	Pertencimento	Manifesto por meio de sentimentos de pertença, de orgulho e de forte relação de identidade. O indivíduo tem dificuldade em se perceber distante e diferenciado do lugar. É comum a descrição do ambiente como o próprio lar e o desejo de permanência, bem como demonstrações de forte implicação com o lugar.
	Agradabilidade	Imagem de lugar agradável, valorado positivamente, ainda que sem forte relação de identidade ou desejo de permanência. Comumente relacionada a ambientes que promovem bem-estar (áreas verdes, espaços confortáveis, pontos de encontro) e/ou oportunidades (de desenvolvimento pessoal, material, profissional ou intelectual).
	Contraste potencializador	Confluência de fatores potencializadores e despotencializadores na relação com o ambiente marcada pela prevalência do aumento da potência de ação do sujeito.
Despotencializadoras (diminuem a potência de ação)	Contraste despotencializador	Confluência de fatores potencializadores e despotencializadores na relação com o ambiente marcada pela predominância do decréscimo da potência de ação do sujeito.
	Destruição	Imagem afetiva surgida da percepção do ambiente como abandonado (ausência de infraestrutura adequada, descuido e baixa ocupação/circulação). Comumente relacionada à percepção de sujeira e poluição (de qualquer ordem). A imagem é manifesta por sentimentos de vergonha e desprezo.
	Insegurança	Emerge do sentimento de insegurança do indivíduo, que se sente ameaçado. Imagem marcada por riscos, sendo

		comum o relato de que tudo pode acontecer no lugar. Pode haver dificuldade de interação social e ausência de confiança entre os sujeitos.
--	--	---

Fonte: Lima (2019, p. 28).

Além disso, para construir os Mapas Afetivos e aferir a Estima de Lugar, Bomfim (2010) criou o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA). Portanto, o instrumento é composto por um desenho a ser realizado pela participante no que tange ao ambiente pesquisado, perguntas livres acerca do desenho e o respectivo ambiente e uma bateria de escalas *Likert* pontuadas de 1 a 5 para 41 itens acerca do ambiente, sobre os quais a participante deverá responder.

Os desenhos e metáforas são recursos imagéticos para revelar os afetos, assim como a linguagem escrita das participantes darão uma síntese aos sentimentos. O desenho funciona como um aquecimento para expressão das emoções e sentimentos, e a escrita traz a dimensão afetiva do desenho. Já as metáforas são sínteses na relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos (Ibidem).

Em virtude das configurações supracitadas apresento o fenômeno da migração a partir de como ele é vivido pela mulher venezuelana, tendo em vista que tal situação implica sair do seu espaço onde foi construída a sua história para inserir-se em um local de pouca ou nenhuma vinculação. Além disso, a pesquisa possibilitou para que novas reflexões, planejamentos, ações e/ou estratégias sociais possam ser pensadas e, posteriormente, efetivadas com o intuito de acolher mulheres migrantes no Brasil, de melhorar a sua qualidade de vida e, conseqüentemente, da sua família.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

Nos caminhos escolhidos para a minha pesquisa, descrevo a seguir a natureza do estudo, a inserção e o contato com o campo, os critérios utilizados para selecionar as participantes, os fundamentos éticos e legais da pesquisa, os instrumentos utilizados, bem como a aplicação da pesquisa e os procedimentos de análise dos dados. Vejamos:

3.1 Natureza do estudo

Na visão de Feitosa *et al.* (2018) a Psicologia Social e Ambiental compreende que no seu campo de estudo e análise é importante considerar impactos afetivos para entender o território e as suas vulnerabilidades, objetivando, além disso, não dicotomizar as

relações entre o homem e o ambiente, porém possibilitar o desenvolvimento de potencialidades de ação e/ou produtoras de desigualdades sociais dentro de um território.

Partindo de tais pressupostos, a pesquisa é caracterizada por ser exploratória e de base qualitativa, pois optou-se pelo modelo metodológico intitulado pesquisa participante. Brandão e Borges (2007) explicam que este modelo de pesquisa deve considerar os aspectos históricos, culturais e sociais do local de intervenção, bem como respeitar a lógica de estudo sujeito-sujeito, ou seja, o pesquisador não é o detentor do saber no processo da pesquisa, mas a sua interação com os participantes do estudo são partilháveis e complementares durante a construção do conhecimento.

Nesse processo de interação com o campo foi possível aplicar o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) que apresenta uma análise estatística complementar por conta da sua escala tipo *Likert*, mas também um questionário estruturado e aprofundado, posteriormente, com uma entrevista semiestruturada complementar. A entrevista semiestruturada consiste em uma entrevista guiada a partir dos objetivos do estudo, visando uma interação entre participante e pesquisador. Assim, o pesquisador pode elaborar algumas perguntas prévias, criando novas durante a entrevista (MINAYO, 2014).

3.2 Cuidados éticos da pesquisa

A pesquisa respeitou os princípios éticos da Resolução nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde quanto aos estudos que envolvam seres humanos (BRASIL, 2012; 2016b); e após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa foram realizadas a aplicação do estudo com os seus instrumentos de pesquisa (ver ANEXO A).

Desta forma, para participar da pesquisa, foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi traduzido para o espanhol com o intuito de facilitar a compreensão das participantes a respeito do objetivo, riscos e benefícios da pesquisa (ver APÊNDICE A e B)¹⁶. O estudo não ofereceu riscos à integridade das participantes, porém poderia gerar desconforto ao responder perguntas sobre a afetividade com relação ao lugar, que não foram prejudiciais às venezuelanas nem impediram o andamento da pesquisa.

¹⁶ Nos apêndices A e B optei por colocar o TCLE em português e espanhol para conhecimento dos leitores do termo nas duas línguas.

O anonimato das participantes foi respeitado quando solicitado que as mesmas escolhessem seus nomes fictícios na pesquisa, bem como os TCLEs como únicos documentos identificados com os dados originais das participantes foram guardados separados dos instrumentos de pesquisa. Vale ressaltar que os instrumentos e TCLEs estão recolhidos em um espaço seguro e de acesso restrito apenas aos responsáveis do estudo.

3.3 Inserção e contato com o campo de pesquisa

A pesquisa aconteceu na cidade de Boa Vista, Roraima, a partir do contato que tive enquanto psicóloga voluntária do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR-Boa Vista) e na Escola Estadual Maria dos Prazeres Mota, na qual minha mãe é professora há 31 anos e, desde 2018, apresenta um número expressivo de migrantes venezuelanas na instituição. Cabe considerar que a minha participação nas atividades desenvolvidas pela Equipe de Proteção do SJMR-Boa Vista durante os anos de 2021-2022 trouxe a possibilidade de conhecer novas comunidades, novas ocupações urbanas, outras organizações das Nações Unidas e sociedade civil que estão trabalhando com migração e refúgio na capital de Roraima.

Durante conversas com os trabalhadores do SJMR-Boa Vista tive o conhecimento da existência de um voluntário, dono de um sebo de livros, o qual realiza no espaço da sua biblioteca particular um trabalho de orientação socioeducativa e cursos profissionalizantes para mulheres migrantes e brasileiras. Entre as mulheres migrantes atendidas pelo seu projeto, existem profissionais do sexo, migrantes que era do meu interesse também entrevistar. Assim, foi uma oportunidade para conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelo voluntário e convidar também esse perfil de participantes para pesquisa. Ao lado dessa biblioteca, existe uma praça de alimentação, ambas localizadas no Terminal de Integração do Caimbé, em Boa Vista (RR).

Além disso, o meu trabalho voluntário possibilitou o contato com a Comunidade João de Barro e a Ocupação Coronel Monteiro, ambas em Boa Vista. A primeira surgiu em 2009, através de um loteamento doado pela Prefeitura de Boa Vista, e foi declarado em 2013 Área Especial de Interesse Social. Assim, com cerca de quatro mil famílias no local já apresenta alguns serviços de transporte público, iluminação e pavimentação (SANTIAGO, 2022). Já a ocupação, anteriormente, era um local abandonado de ponto de drogas e com a chegada da migração venezuelana em 2018, o espaço em 2019 começou a ter um apoio da população local, polícia e organizações da sociedade civil para as 150

pessoas (45 famílias), todas de nacionalidade venezuelana. Cabe considerar que o nome “Coronel Monteiro” é em razão de que a ocupação se encontra na rua Coronel Monteiro, bairro Treze de Setembro, entrada da cidade de Boa Vista¹⁷.

Sobre a Escola Maria dos Prazeres Mota, localizada no bairro periférico da cidade de Boa Vista, a instituição com os seus 33 anos de idade oferta o ensino médio para a comunidade estudantil. Por meio do contato já estabelecido com a minha mãe e professora no local, foi possível melhor conhecer o perfil de migrantes na instituição e convidar uma estudante maior de idade da escola para participar da pesquisa.

Assim, o contato estabelecido com a equipe SJMR-Boa Vista, comunidade, ocupação, Escola Maria dos Prazeres Mota e a biblioteca particular de um voluntário fez com que as ideias dos convites surgissem para as participantes da pesquisa. Portanto, a maioria das entrevistas aconteceram na residência (alugada, casa própria ou ocupação) das próprias participantes, por exemplo, na Comunidade João de Barro (Figura 13), na Ocupação Coronel Monteiro (Figura 14), na Escola Estadual Maria dos Prazeres Mota (Figura 15), em uma praça de alimentação pública (Figura 16) ou nas instalações de uma biblioteca particular (Figura 17).

Figura 13 - Entrevista na Comunidade João de Barro, Boa Vista-RR



Fonte: elaboração própria (2022; 2023)¹⁸.

¹⁷ As informações prestadas sobre o surgimento da Ocupação Coronel Monteiro foram a partir da entrevista com a participante Margarita.

¹⁸ Fotos autorizadas pelas participantes.

Figura 14 - Entrevista na Ocupação Coronel Monteiro, Boa Vista-RR



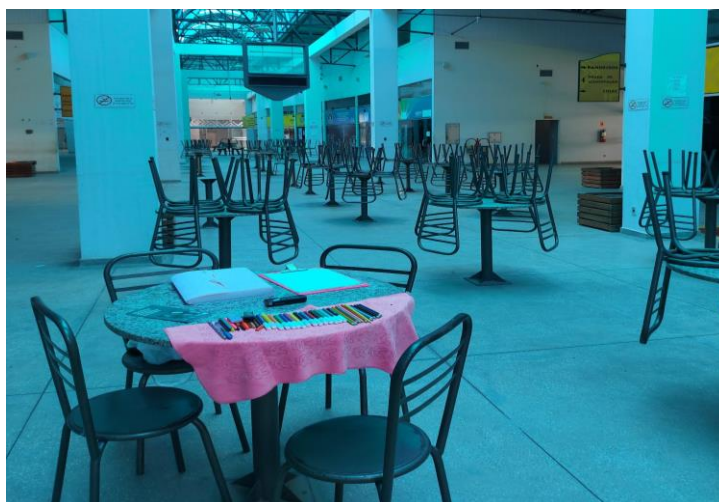
Fonte: elaboração própria (2022)¹⁹.

Figura 15 - Entrevista na Escola Maria dos Prazeres Mota, Boa Vista-RR



Fonte: elaboração própria (2023)²⁰.

Figura 16 - Entrevista em uma praça de alimentação pública, Boa Vista-RR



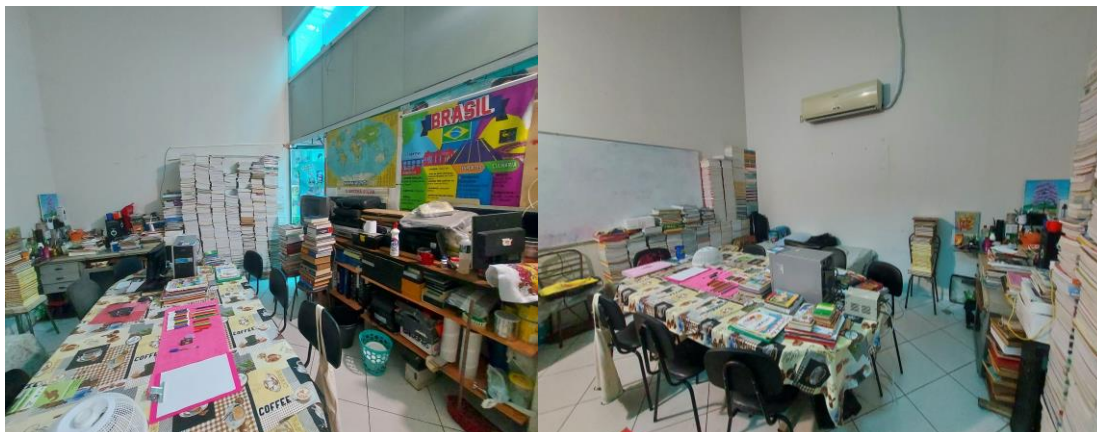
Fonte: elaboração própria (2022)²¹.

¹⁹ Fotos autorizadas pelas participantes.

²⁰ Fotos autorizadas pelas participantes e pelos(as) responsáveis da instituição.

²¹ Fotos autorizadas pelas participantes.

Figura 17 - Entrevista em uma biblioteca particular, Boa Vista-RR



Fonte: elaboração própria (2022)²².

3.4 Critérios para seleção das participantes

Como mencionado no tópico anterior, as participantes da pesquisa foram mulheres venezuelanas maiores de idade que vivem na capital do estado de Roraima, Boa Vista. Sejam elas solteiras, “mães solo” e/ou em família, sem distinção de orientação sexual, foram contatadas através de projetos sociais desenvolvidos pelo SJMR-Boa Vista e um voluntário nas comunidades e ocupações urbanas para migrantes e refugiadas, com horário e local acordado pelas participantes.

Para participar da pesquisa, utilizou-se os critérios de inclusão, tais como: venezuelanas com regularização migratória de residente, refugiada e/ou solicitante de residente e refúgio no Brasil, maiores de idade e ter 6 (seis) meses morando em Boa Vista (RR). Como exclusão, os critérios são mulheres sem processo de regularização migratória no território brasileiro, menores de idade e do gênero masculino. Optei pelas mulheres maiores de 18 anos por questões normativas, não precisar de autorização dos pais e/ou responsáveis para participar do estudo e, ainda, com seis meses vivendo em Boa Vista, para melhor entender esse processo de integração local.

Partindo da ideia de que não teria um número de participantes a priori, optou-se por uma amostragem não-probabilística chamada Bola de Neve. Segundo Vinuto (2014), após um levantamento de possíveis participantes da pesquisa, as participantes indicaram outras pessoas para o estudo. Esta escolha de amostragem se deu por conta da flutuação do número de mulheres migrantes em Boa Vista (RR), sendo difícil realizar uma abordagem amostral mais precisa. Posteriormente, foi utilizado o critério de saturação,

²² Fotos autorizadas pelas participantes e pelo(a) responsável do espaço.

pois “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com um certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar repetições em seu conteúdo” (TURATO, 2003, p. 363).

Portanto, através da indicação de contatos do SJMR-Boa Vista e voluntário da biblioteca particular, foi possível entrar em contato com algumas participantes e lideranças comunitárias que indicavam outras mulheres e, posteriormente, as entrevistadas já indicavam outras participantes.

3.5 Instrumentos de pesquisa utilizados

Com base nos objetivos do estudo, foram escolhidas duas maneiras de levantamento de dados: aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) e entrevista semiestruturada, ambos em língua portuguesa. O Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), criado por Bomfim (2010), tem por finalidade apreender os afetos das participantes em relação ao ambiente vivenciado. Norteado pelos mapas cognitivos de Lynch e do entendimento de Vygotsky sobre constituição dos afetos no subtexto da linguagem, o IGMA investigará os afetos com relação ao espaço em que o sujeito vive. O IGMA tem como base também a Psicologia Ambiental, na qual traz uma visão integrativa que prioriza a compreensão do espaço como uma dimensão da identidade do indivíduo, levando em consideração aspectos psicossociais, históricos culturais, sociais e físicos.

Além disso, ao trazer a afetividade como a categoria de análise principal, essa metodologia tem o intuito de levantar reflexões sobre o desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade e desvela aspectos afetivos em estruturas de mapas cognitivos ou simbólicos (BOMFIM 2010). Desse modo, o instrumento é composto dos seguintes elementos: representação gráfica (desenho), uma pergunta norteadora sobre a forma que o sujeito interpreta e vivencia o espaço pesquisado, palavra-síntese, os recursos metafóricos, o traçado dos caminhos percorridos pelo sujeito para chegar a seu local de origem, perguntas sobre participação social, levantamento de dados sociodemográficos e a escala tipo *Likert* (ver APÊNDICE C).

Quadro 2 – Componentes do IGMA

Componente	Descrição
Desenho	O respondente é convidado a desenhar o que para si representa o lugar em questão. O sujeito deve ser estimulado a desenhar o que desejar, sem se preocupar com a qualidade do traço ou com a fidedignidade da representação.
Significado	O participante deve declarar detalhadamente o que significa seu desenho.
Sentimentos	O respondente é convidado a narrando detalhadamente quais sentimentos seu desenho lhe evoca. A seguir, o sujeito deve sintetizar os sentimentos que narrou em seis palavras.
Qualidades	O sujeito responde a respeito do que diria caso lhe perguntassem sobre o lugar em questão.
Metáfora	O respondente é convidado a estabelecer uma comparação entre o lugar e algo. O sujeito deve ser estimulado a comparar o ambiente com o que desejar, seja com outro lugar, com um objeto, com uma pessoa ou com uma situação.
Caminhos	O participante deve descrever dois caminhos que costuma percorrer no lugar. Para isso, deve listar ordenadamente as coordenadas, que podem ser desde ruas até quaisquer outros pontos de referência, sejam naturais ou construídos.
Engajamento em grupos	O respondente deve responder se participa/pertence ou não de/a algum grupo no lugar e, caso a resposta seja afirmativa, descrever tal grupo.
Escala de Estima de Lugar	O sujeito deve responder a uma bateria de 41 escalas do tipo <i>Likert</i> . Cada escala é composta por um item que é uma afirmação sobre o lugar sobre a qual o respondente deve posicionar-se de acordo com seu grau de concordância marcando um número entre 1 e 5 em uma escala numérica (onde 1 representa sua completa discordância e 5 a plena concordância).
Perfil da amostra	O participante responde a questões adicionadas pelo pesquisador com a finalidade de obter dados que caracterizem a amostra e/ou sirvam para testar correlações com os aspectos dos Mapas Afetivos e/ou da Estima de Lugar.

Fonte: adaptado de Bomfim (2010; 2014) *apud* Lima (2019, p. 41).

Cabe considerar que o quadro anterior é o instrumento original de Bomfim (2010; 2014), porém passou por algumas adequações para que pudesse atender à realidade e objetivos da minha pesquisa. O tópico “Engajamento em grupo” foi retirado por ser contemplado nas perguntas restantes do questionário e na entrevista semiestruturada.

Para que o questionário com as perguntas abertas do IGMA não ficasse tão extenso, optei por uma entrevista semiestruturada complementar (ver APÊNDICE D) para abordar com mais detalhes a história das participantes migrantes, experiências e formas de lidar com os seus desafios vivendo no Brasil.

Além disso, por se tratar da aplicação do IGMA e entrevista semiestruturada com mulheres que falam e entendem, majoritariamente, apenas o espanhol, optei por fazer a tradução dos instrumentos para a língua espanhola²³ com uma professora de línguas venezuelana e um psicólogo espanhol, para ter um apoio durante as aplicações caso surgissem dúvidas sobre o significado das palavras em português (ver APÊNDICE E).

3.6 Procedimentos de aplicação do estudo

Através do contato já estabelecido anteriormente pelo SJMR-Boa Vista, escola, comunidade, ocupação e bibliotecário sobre a pesquisa, foi possível marcar visitas presenciais nos locais, realizar ligação telefônica e/ou mandar mensagem para apresentar os objetivos da minha dissertação para as mulheres venezuelanas e saber do interesse delas em participarem do estudo. Assim, durante os meses de julho e agosto 2022 foram realizadas as visitas na comunidade, ocupação, escola e biblioteca, bem como nos meses de setembro, outubro e novembro 2022 a aplicação do IGMA e entrevistas com dia e horário marcado. Cabe considerar que o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos e a entrevista semiestruturada foram aplicados juntos e com uma duração média de uma hora para a aplicação de ambos os instrumentos.

Visando apoiar as participantes durante a aplicação da pesquisa enquanto pesquisadora, ter o conhecimento do espanhol ajudou para ter uma comunicação clara no contato com o campo e com as participantes. Desse modo, durante a aplicação do instrumento auxiliei todas as participantes na leitura do IGMA em língua portuguesa e/ou tirei dúvidas quando elas não compreendiam algumas palavras em português.

Além disso, na aplicação do IGMA foram ofertados materiais, como: lápis, borracha, caneta, lápis de cor e giz de cera, para que elas pudessem utilizar nos seus desenhos. Mesmo oferecendo os papéis do instrumento, todas as participantes preferiram que eu anotasse as respostas em espanhol nas folhas, porém na aplicação da entrevista semiestruturada optei, com o consentimento de todas, pela utilização de um gravador de voz para, posteriormente, ouvir com maior clareza e transcrever as respostas das entrevistas em língua espanhola.

²³ Como o IGMA já foi validado em língua portuguesa, para a pesquisa não pode ser aplicado na língua espanhola.

3.7 Análise dos dados

Após aplicação do instrumento e entrevistas, todos os IGMA foram digitalizados, as respostas das participantes digitadas para o quadro categórico e as entrevistas semiestruturadas transcritas em espanhol²⁴. Todas as respostas livres do IGMA (desenho, significado, sentimentos, qualidades e a metáfora) tiveram como análise conteúdo categorial. Segundo Bardin (2009), é um método que considera a totalidade do texto, por meio de classificação e recenseamento dos termos frequentes, ou também ausentes, de sentido. Desta maneira, permite ao pesquisador coordenar os elementos de significação presentes no instrumento, proporcionando uma maior organização dos itens pesquisados.

Tal escolha justifica-se a partir da utilização do quadro categorial, criado por Bomfim (2010), no processo de análise dos dados obtidos no IGMA. Nesse processo, a autora parte de três fases: pré-análise, codificação e categorização, que possibilita a criação de um quadro categórico composto por sete itens: identificação da respondente; estrutura do desenho; significado; qualidade; sentimentos; metáfora e o sentido.

Quadro 3 - Modelo de quadro categorial

Identificação	Desenho		Significado
Nome fictício da participante; IEL; Imagem Afetiva predominante; Estrutura do desenho.	Imagem digitalizada do desenho realizado pela participante. É classificado de acordo com sua estrutura, que pode ser cognitiva (se aludir a aspectos apreensíveis pelos órgãos dos sentidos) ou metafórica (caso se refira a elementos representacionais e simbólicos).		Significado do desenho declarado pela pessoa.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Significado
Síntese dos sentimentos e das emoções listadas e descritas pela pessoa.	Avaliação e valoração do ambiente pela pessoa a partir de atributos.	Comparação estabelecida pela participante entre o lugar em questão e algo.	Articulação de sentidos realizada pela investigadora que caracteriza a relação sujeito-lugar a partir dos elementos anteriores.

Fonte: adaptado de Lima (2019).

Assim, nas quatro primeiras etapas foram analisados os recursos imagéticos, isto é, os sentidos e significados expressos pelo sujeito e as relações estabelecidas com a pergunta norteadora. Na escala *Likert* foi efetuada a análise categorial dos conteúdos no IGMA através de 41 itens respondidos em uma escala de 1 a 5, onde 1 é discordo

²⁴ Optei na pesquisa deixar todas as respostas das participantes em espanhol para preservar a originalidade da aplicação do instrumento.

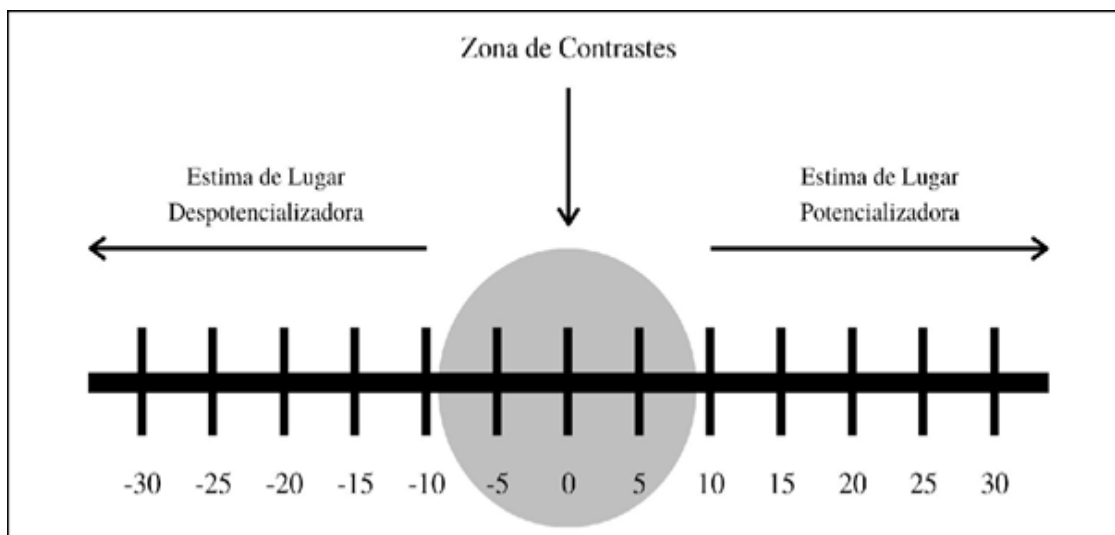
totalmente e 5 concordo totalmente, e são correspondentes à cinco categorias de estima de lugar: afetos relacionados à identidade de lugar (pertinência/pertencimento), sentimentos contraditórios (contraste), vinculação positiva (agradabilidade) e vinculação negativa (insegurança). As etapas finais são dados sobre a relação da participante e o espaço através dos “caminhos percorridos” e informações sociodemográficas (BOMFIM, 2010).

Quanto aos resultados do IGMA, foi possível encontrar a Estima de Lugar das participantes. Quando potencializadora, é promotora do sentimento de pertença e afetos que aumentam a potência de ação do sujeito no ambiente, promovendo bem-estar e ações de viés comunitário; caso seja negativa, pode promover sentimento de repulsa e afetos despotencializadores, gerando desconforto às participantes no ambiente (BOMFIM, 2010).

Explicando melhor, na Escala de Estima de Lugar os 41 itens dividem-se em dois fatores: Fator I, na qual agrega a Estima de Lugar potencializadora (Imagens Afetivas de Agradabilidade e Pertencimento), e Fator II, com a Estima de Lugar despotencializadora (Imagens Afetivas de Insegurança e Destruição). Assim, com as respostas da escala, foi possível calcular o Índice de Estima de Lugar (IEL) para medir a avaliação do sujeito acerca do ambiente e sua implicação com o local. Para calculá-lo, foi realizada a subtração entre o somatório dos escores obtidos das respostas do Fator II do somatório dos escores alcançados do Fator I, a fórmula a seguir: $IEL = \Sigma \text{Fator I} - \Sigma \text{Fator II}$ (LIMA, 2019):

Quando o IEL é maior que zero, há a prevalência de uma Estima potencializadora. Se o IEL for menor que zero, trata-se de uma Estima despotencializadora. Há ainda a possibilidade de, sendo um número próximo a zero, o IEL apontar Contrastes nos quais a classificação em Estima potencializadora e Estima despotencializadora é imprecisa por conta da confluência de aspectos potencializadores e despotencializadores (p. 48).

A seguir, uma representação gráfica da classificação da Estima de lugar, por Lima (2019, p. 48):



A partir da elaboração dos quadros categóricos das participantes e transcrição das entrevistas das participantes, as entrevistas semiestruturadas foram analisadas atreladas às bases teóricas da Psicologia Social, na vertente sócio-histórica (VYGOTSKY, 2006; SAWAIA, 2014a; LANE, 1984) e da Psicologia Ambiental (MOSER, 2018). Portanto, junto a análises do IGMA foram apresentados trechos das entrevistas para melhor compreender os objetivos da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no caminho metodológico traçado na minha pesquisa, apresento a seguir os resultados e discussões obtidas, conforme as interpretações e intersecções traçadas entre a aplicação do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) e as entrevistas semiestruturadas. Assim, nos subtópicos são apresentados os perfis e características das participantes, os Índices de Estima de Lugar (IEL) e as Imagens Afetivas, a elaboração dos Mapas Afetivos, as vulnerabilidades e as estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades das venezuelanas. Analisemos:

4.1 Perfil e características das participantes

No estudo, participaram 16 (dezesesseis) venezuelanas maiores de idade, na faixa etária entre 18 (dezoito) e 52 (cinquenta e dois) anos; maioria com casa alugada, ensino médio completo e solteiras; consideradas todas heterossexuais, pardas (06), pretas (05), indígenas (03) e brancas (02). Na Venezuela exerciam as profissões de professoras, cozinheira, atendente, doméstica, cabeleireira, gerente, médica e pintora. Abaixo, os dados sumarizados:

Tabela 1 - Informações gerais sobre as participantes da pesquisa

Nome ²⁵	Idade	Cor	Profissão	Estado Conjugal	Escolaridade ²⁶	Moradia
Yei	18	Preta	Estudante	Solteira	Ens. Méd. Incomp.	Alugada
Escarcha	20	Parda	Estudante	União Estável	Ens. Méd. Comp.	Alugada
Margarida	21	Branca	Pintora	Solteira	Ens. Méd. Comp.	Ocupação
Sara	22	Indígena	Professora	Solteira	Ens. Méd. Comp.	Alugada
Emilia	23	Preta	Estudante	União Estável	Ens. Sup. Incomp.	Ocupação
Victoria	26	Parda	Doméstica	União Estável	Ens. Méd. Comp.	Alugada
Maria	34	Preta	Atendente	Solteira	Ens. Fund. Comp.	Própria
Ana	34	Parda	Professora	Solteira	Ens. Méd. Comp.	Alugada
Anaís	36	Indígena	Professora	Solteira	Ens. Sup. Comp.	Alugada
Mariza	38	Parda	Doméstica	Solteira	Ens. Méd. Incomp.	Alugada
Lismarie	38	Indígena	Professora	Solteira	Ens. Sup. Comp.	Alugada
Margarita	45	Branca	Médica	União Estável	Ens. Sup. Comp.	Alugada
Carolina	45	Parda	Gerente	União Estável	Ens. Méd. Comp.	Própria
Maribel	48	Preta	Cozinheira	União Estável	Ens. Sup. Incomp.	Própria
Lali	48	Parda	Professora	Solteira	Pós-grad.	Alugada
Daniela	52	Preta	Cabeleireira	Solteira	Ens. Méd. Comp.	Alugada

Fonte: elaboração própria (2023).

Além disso, com 7 (sete) meses à 6 (seis) anos morando em Boa Vista (RR), 8 (oito) participantes estão na condição de refugiadas e as outras 8 (oito) como residentes no Brasil. A maioria está desempregada e com apenas 1 (um) salário mínimo (cotado no ano de 2022 em R\$ 1.212,00). A seguir, as informações mais detalhadas por participante (ver tabela 2):

²⁵ Todos os nomes são fictícios e escolhidos pelas próprias participantes da pesquisa.

²⁶ Ensino Fundamental Completo (Ens. Fund. Comp); Ensino Médio Incompleto (Ens. Méd. Incomp.); Ensino Médio Completo (Ens. Méd. Comp.); Ensino Superior Incompleto (Ens. Sup. Incomp.); Ensino Superior Completo (Ens. Sup. Comp); e Pós-graduação (Pós-grad.).

Tabela 2 - Informações migratórias e renda das participantes da pesquisa

Nome	Condição de migrante	Tempo no Brasil	Trabalho em Roraima	Renda <i>per capita</i> (em R\$)
Yei	Refugiada	11 meses	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Escarcha	Residente	4 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Margarida	Residente	3 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Sara	Residente	3 anos	Atendente	2 a 4 salários mínimos
Emilia	Residente	5 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Victoria	Refugiada	4 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Maria	Refugiada	2 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Ana	Residente	3 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Anaís	Residente	2 anos	Intérprete	2 a 4 salários mínimos
Mariza	Refugiada	4 anos	Desempregada	Nenhuma
Lismarie	Refugiada	7 meses	Empregada doméstica	2 a 4 salários mínimos
Margarita	Refugiada	4 anos	Farmácia	2 a 4 salários mínimos
Carolina	Refugiada	5 anos	Desempregada	Até 1 salário mínimo
Maribel	Refugiada	4 anos	Desempregada	2 a 4 salários mínimos
Lali	Residente	5 anos	Vendedora ambulante	2 a 4 salários mínimos
Daniela	Residente	6 anos	Profissional do sexo	Até 1 salário mínimo

Fonte: elaboração própria (2023).

Sobre os locais de origem das participantes na Venezuela, a maioria são dos estados de Vargas, Bolívar, Anzoátegui, Aragua, Monagas, Caracas e Delta Amacuro. Lembrando que essa última localização corresponde à área indígena na Venezuela, principalmente da etnia warao, como é o caso das entrevistadas Lismarie, Anaís e Sara (município de Tucupita e Antonio Díaz).

Lismarie e Anaís, a primeira é empregada doméstica e a segunda, intérprete por uma organização não-governamental em Boa Vista. São irmãs em uma família de oito filhos na Comunidade Curian e, desde muito cedo, foram para a cidade estudar e trabalhar para ajudar os pais. Ambas com ensino superior em Educação, foram professoras em Tucupita e relataram xenofobia na cidade enquanto buscavam melhores condições de vida. Já Sara, com ensino médio completo e atendente de supermercado no Brasil, entre

a sua comunidade e o município Antonio Díaz, apenas aos dezesseis anos mudou-se de vez para a cidade, a fim de concluir a sua formação no ensino médio.

Emilia e Margarida, desempregadas em Boa Vista, são moradoras da Ocupação Coronel Monteiro, e as duas tinham o desafio de conseguir diárias para sustentar a família. Emilia estava gestante de oito meses, já é mãe de uma menina e, ainda, Margarida, mãe de um menino. Já Maria e Carolina são residentes na Comunidade João de Barro, ambas desempregadas. Antes de comprar o terreno no devido loteamento, foram moradoras de rua nas proximidades na Rodoviária Internacional de Boa Vista.

Margarita é médica por formação na Venezuela e passou muitos anos da sua vida trabalhando em comunidades indígenas. Após um grave quadro de saúde de dengue hemorrágica e pneumonia, migrou para Boa Vista com as suas duas filhas e começou a trabalhar em uma farmácia. Sobre a participante Lali, a qual estava com malária e histórico de violência doméstica na Venezuela, era professora e passou a morar no Brasil sendo vendedora ambulante, tentando com um advogado particular tirar o filho preso em Roraima por tráfico de drogas.

O filho de Lali é casado com a participante Escarcha, e juntos têm uma filha de dois anos. Escarcha com histórico de tentativa de suicídio na Venezuela, conheceu o filho de Lali em Boa Vista e, após inúmeras tentativas de conseguir um emprego, ele se envolveu com vendas de drogas e foi preso. Com o companheiro preso, Escarcha com o ensino médio completo tem se dedicado a cuidar da filha e fazer cursos de português, empreendedorismo, atendimento ao público e cuidadora infantil.

Maribel e Ana, ambas donas de casa e com casas alugadas no Brasil, a primeira, apresenta histórico de violência doméstica na Venezuela, viveu em situação de rua nas proximidades do Terminal de Integração do Caimbé e mantém um relacionamento com um brasileiro; a segunda, já tinha o seu pai morando em Boa Vista e, de imediato, foi possível conseguir um emprego e um local para morar com o marido e filha.

Ainda sobre migrantes em situação de rua, Mariza é pedinte junto com a sua filha de dois anos e um filho de dez anos com síndrome de down. Com relatos de humilhações em Boa Vista, a venezuelana supracitada já passava por situações de humilhação na Venezuela, quando trabalhava como auxiliar de limpeza e cozinha. A participante Yei também apresentou histórico de racismo e discriminação em Boa Vista e está grávida de quatro meses.

As duas últimas participantes são Victoria e Daniela. Victoria, ao chegar em Boa Vista, começou a trabalhar como profissional do sexo para conseguir dinheiro e trazer o

filho de cinco anos para o Brasil. Depois de conhecer um companheiro venezuelano, deixou de “trabalhar na rua”²⁷ e passou a cuidar apenas da casa e do filho. Já Daniela, mãe de cinco filhos, dona de salão e com histórico de violência doméstica na Venezuela, após iniciar o seu trabalho como profissional do sexo em Roraima descobriu ser soropositivo²⁸. Mesmo com todo abalo psicológico ao descobrir a doença, iniciou o tratamento, continuou trabalhando como profissional do sexo com os devidos cuidados e conseguiu abrir um salão de beleza para os filhos.

A partir dessas informações e histórico das participantes, será possível melhor aprofundar as análises sobre os seus Índices de Estima de Lugar (IEL) e as suas Imagens Afetivas, a elaboração dos seus Mapas Afetivos, as vulnerabilidades e as estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades das venezuelanas. Vejamos.

4.2 Índice de Estima de Lugar (IEL) e Imagens Afetivas

Os resultados dos cálculos da IEL das participantes da pesquisa apontaram uma prevalência de Estima de Lugar Potencializadora ($IEL > 0$). Ou seja, 8 (oito) venezuelanas apresentam um aumento da potência de ação comparado a apenas 2 (duas) migrantes com Estima de Lugar Despotencializadora ($IEL < 0$) para diminuição da potência de ação. Da IEL Potencializadora, 5 (cinco) foram de pertencimento e 3 (três) de agradabilidade; bem como, da IEL Despotencializadora, 1 (uma) foi insegurança e 1 (uma) para destruição.

Tabela 3 - Índice de Estima de Lugar (IEL) e Imagens Afetivas das participantes da pesquisa

Nome	Fato I	Fator II	IEL	Imagem Afetiva
Yei	47	57	-10	Contraste Despotencializador
Escarcha	67	48	19	Pertencimento
Margarida	53	58	-5	Contraste Despotencializador
Sara	76	66	10	Contraste Potencializador
Emilia	74	78	-4	Insegurança
Victoria	64	58	6	Contraste Potencializador
Maria	55	75	-20	Destruição
Ana	80	33	47	Pertencimento

²⁷ Definição feita pela própria participante Victoria, sobre o seu trabalho como profissional do sexo: “trabajo en la calle”.

²⁸ Soropositivo é a pessoa com os anticorpos no sangue em razão da presença do vírus HIV, causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), na qual, ainda, não apresenta cura, mas apenas tratamento para controle da doença (BRASIL, 2017c).

Anaís	60	60	0	Contraste Potencializador
Mariza	83	77	6	Contraste Potencializador
Lismarie	74	57	17	Agradabilidade
Margarita	84	51	33	Pertencimento
Carolina	72	47	25	Agradabilidade
Maribel	80	32	48	Pertencimento
Lali	68	57	11	Agradabilidade
Daniela	75	38	37	Pertencimento

Fonte: Elaboração própria (2023).

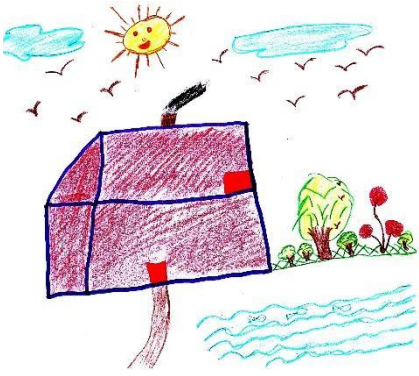
Ao considerar as zonas de Contrastes, o intervalo de IELs entre -10 e 10, 4 (quatro) participantes obtiveram Contraste Potencializador e 2 (duas) o Contraste Despontencializador. Além do valor numérico, foi importante também observar a caracterização dos desenhos elaborados pelas venezuelanas para definir a imagem afetiva, uma vez que algumas podem apresentar várias Imagens Afetivas, porém foi considerada a Imagem prevalente de cada Mapa.

4.3 Elaboração dos Mapas Afetivos

A elaboração dos Mapas Afetivos das venezuelanas participantes da pesquisa permitiu que fosse melhor compreendida a relação delas com a cidade de Boa Vista, suas percepções, sentimentos e emoções. A apresentação dos mapas teve início com a imagem afetiva de maior prevalência entre os desenhos, ou seja, de *Pertencimento* (Potencializadora). Esta ficou bastante vinculada nas representações gráficas da capital de Roraima como um lugar de recordações e memórias da Venezuela, uma vez que as vivências estabelecidas com o novo local possibilitam interações sociais e, conseqüentemente, a formação de aspectos afetivos e socioculturais (VYGOTSKY, 2006; 2010).

Assim, os sentimentos de amor, alegria, felicidade, saudade, acolhimento, respeito e paz surgem como fator de forte implicação com o lugar, isto é, a construção de um apego ao lugar através de uma interligação emocional e cultural com o local (ELALI; MEDEIROS, 2013). Como exemplo disso, apresento o Mapa Afetivo de Maribel (Quadro 4):

Quadro 4 - Mapa Afetivo Maribel

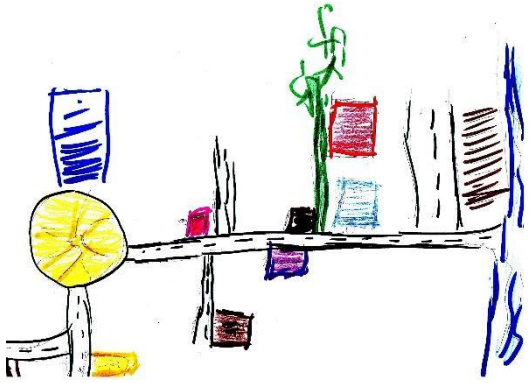
Identificação	Desenho		Significado
Maribel (48 anos) IEL: 46 Imagem: Pertencimento Estrutura do desenho: Metafórico			“Mi dibujo fue recreado en recuerdo de mi niñez que fue bonita. Yo adoro las plantas, fuente de energía que es sol y fuente de la sobrevivencia que es el agua. Así veo Boa Vista, la misma protección de casa.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Amor; Gratitud; Virtud; Pasión; Valor; Aceptación.	“Boa Vista me abrió las puertas, es mi segunda casa donde yo me siento bien.”	“Mi casa, aquí hay muchas cosas igual que mi casa en Venezuela.”	Boa Vista é a recordação da infância, do lar na Venezuela. A imagem de <i>Pertencimento</i> é marcada pela descrição do próprio lar.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Dentre os sentimentos também de proteção, prosperidade, esperança, segurança, respeito, conquistas, oportunidades, apoio e ajuda, refletem a possibilidade de Boa Vista ser um local de recomeço para elas. Daniela (Quadro 5) relatou na sua entrevista: “*Aquí nos ayudan, tenemos oportunidades y más apoyo. Creo que en Boa Vista valoran más a las mujeres y buscan ayudarlas más que en mi país*”²⁹. Por mais que as dificuldades em um novo país possa acontecer, as participantes trazem a relevância de continuar lutando, buscando melhores condições de vida e conquistando os novos objetivos de vida:

²⁹ Tradução: “Aqui nos ajudam, temos oportunidades e mais apoio. Acredito que em Boa Vista valorizam mais as mulheres e buscam ajudá-las mais do que o meu país”.

Quadro 5 - Mapa Afetivo Daniela


Identificação	Desenho		Significado
Daniela (52 anos) IEL: 37 Imagem: Pertencimento Estrutura do desenho: Metafórico			“Aquí es cuando yo entre a Boa Vista. Yo vi el shopping, matas, supermercado, restaurante y terrenos. Vivía en esta casa cerca de la peluquería donde trabajaba.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Felicidad; Prosperidad; Conquista; Tristeza; Depresión; Alegría.	“Boa Vista me recibió con los brazos abiertos, me dio muchas oportunidades.”	“Con un paraíso porque mis hijos y yo estamos logrando nuestros objetivos.”	Boa Vista é um local de oportunidades, para conseguir alcançar os objetivos. A imagem de <i>Pertencimento</i> é vinculada ao desejo de permanecer.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nesse processo de recomeço, a participante Margarita (Quadro 6) traz a reflexão que Boa Vista como um lugar novo, trouxe para ela um processo de evolução pessoal e novas aprendizagens: “*Debemos tener fuerza para aprender, hasta adaptarnos para ver si es bueno o malo este nuevo lugar*”³⁰. Assim, percebe-se um processo de apropriação desse lugar por meio de uma identificação simbólica, que transforma essas mulheres migrantes (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

³⁰ Tradução: “Devemos ter força para aprender, até nos adaptarmos para ver se é bom ou ruim esse novo lugar”.

Quadro 6 - Mapa Afetivo Margarita


Identificação	Desenho		Significado
<p>Margarita (45 anos)</p> <p>IEL: 33</p> <p>Imagem: Pertencimento</p> <p>Estrutura do desenho: Metafórico</p>			<p>“Es un lugar nuevo, con nuevas esperanzas, un río de cosas nuevas. Un sol radiante que va a iluminar nuestras vidas para seguir conquistando el futuro.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Paz; Amor; Gratitud; Fidelidad; Esperanza; Respeto.</p>	<p>“Ciudad maravillosa porque ha acogido a venezolanos, dado abrigo, amor y cariño. Tengo mucha gratitud.”</p>	<p>“La naturaleza vá evoliundo todos los días, tiene frutos nuevos, plantas nuevas.”</p>	<p>Boa Vista é como a natureza que está evoliundo e possibilitando novas experiências. Esse novo recomeço traz o sentimento de orgulho como da imagem de <i>Pertencimento</i>.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nas experiências relatadas pelas participantes, Ana (Quadro 7) discute a importância que Boa Vista trouxe para a sua família por meio de cursos, escola para os filhos e proteção através da polícia: “*Estoy aprendiendo, estoy haciendo cursos*”³¹.

31 Tradução: “Estou aprendendo, estou fazendo cursos”.


Quadro 7 - Mapa Afetivo Ana

Identificação	Desenho		Significado
Ana (34 anos) IEL: 47 Imagem: Pertencimento Estrutura do desenho: Cognitivo			“Es una ciudad con un clima muy bueno, hay mucha proteccion, seguridad por la policia, una educacion buena para los niños.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Amor; Seguridad; Proteccion; Acogimiento; Apoyo; Ayuda.	“Es una ciudad acogedora. Con muchas oportunidades de estudio, escuelas y seguridad.”	“Con otros Estados más grandes. Aquí es una ciudad pequeña, con pocas posibilidades de trabajo.”	Boa Vista é uma cidade de segurança e oportunidades. Assim, a imagem de <i>Pertencimento</i> tem uma forte implicação com o local.

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Escarcha (Quadro 8) também apresenta nos seus relatos a importância que Boa Vista tem na sua vida para as oportunidades com os estudos. Mesmo com a situação do marido preso, a capital de Roraima não deixou de ser a sua casa, o seu espaço de pertencimento:


Quadro 8 - Mapa Afetivo Escarcha

Identificação	Desenho		Significado
Escarcha (20 anos) IEL: 19 Imagem: Pertencimento Estrutura do desenho: Cognitivo			“Boa Vista es mi segundo hogar con mi hija y mi marido. Aquí de este lado yo diseñe mi casa en Venezuela.”
Sentimientos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Tristeza; Oportunidades; Amor; Comprensión; Alegría; Miedo.	“Es una ciudad muy buena por las oportunidades, por los estúdios.”	“Con mi segundo hogar. La única diferencia es que no esta toda la familia.”	Boa Vista é a segunda casa, mas também um local de oportunidades. A imagem de <i>Pertencimento</i> surge com a descrição do próprio lar.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Para a segunda imagem afetiva, *Agradabilidade*, esta trouxe muito presente sentimentos de perseverança, disciplina, esforço e superação. Especificamente, nos mapas afetivos de Carolina (Quadro 9), Lali (Quadro 10) e Lismarie (Quadro 11) levantaram nas discussões esse processo de luta pela família, superar as dificuldades e aproveitar as oportunidades que estão sendo dadas em Boa Vista. Os próprios espaços utilizados por elas e demais participantes como praças (Praça das Águas, Portal do Milênio e Parque do Rio Branco), rios, locais de trabalho e cursos, escolas e postos de saúde possibilitou com que as mesmas tivessem uma construção afetiva com a cidade de Boa Vista a partir das suas experiências e desenvolvimento pessoal, social, intelectual e profissional.

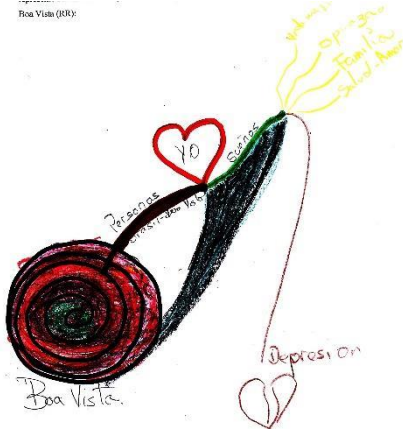
Quadro 9 - Mapa Afetivo Carolina

Identificação	Desenho		Significado
Carolina (45 anos) IEL: 25 Imagem: Agradabilidade Estrutura do desenho: Metafórico			“En este momento Brasil está con una economía mejor, con una política mejor que en Venezuela. A bandera do Brasil está protegiendo a bandera de Venezuela.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Respeto; Solidaridad; Amor; Esperanza; Superación; Protección.	“Es una ciudad pequeña, pero buena para oportunidad de estudio y superación.”	“La salud porque aquí te brindan medicinas, te curan.”	Boa Vista apresenta uma melhor condição socioeconômica comparada à Venezuela. Portanto, a imagem de <i>Agradabilidade</i> surge das oportunidades que são oferecidas no Brasil.

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Lali apresenta, nos seus relatos, as dificuldades com o filho preso no Brasil, porém mesmo com essa situação, tem buscado superar com muito trabalho lidar com esses desafios. Feitosa *et al.* (2018) explica que o indivíduo na sua potência de ação é capaz de criar formas de resistência frente às dificuldades:

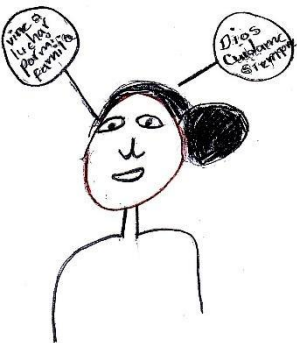
Quadro 10 - Mapa Afetivo Lali

Identificação	Desenho		Significado
<p>Lali (48 anos)</p> <p>IEL: 11</p> <p>Imagem: Agradabilidade</p> <p>Estrutura do desenho: Metafórico</p>			<p>“Entre lágrimas y sufrimientos, he tenido algunas alegrías. Es como remolino porque vuelve esperanza, sueños de una mejor vida, salud y amor. Ya un corazón lleno de fé, pero puede caer en depresión.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Tristeza; Estres; Odio; Amor; Depresión; Alergia.</p>	<p>“He podido trabajar, estudiar y ayudar a mi familia. Lo único malo son algunas personas.”</p>	<p>“El estado venezolano donde yo estaba, el ritmo de vida es parecido.”</p>	<p>Boa Vista é uma local parecido com a Venezuela anteriormente por oferecer oportunidades. A imagem afetiva de <i>Agradabilidade</i> é marcada por promover o desenvolvimento e bem-estar da participante.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

Já a indígena Lismarie aponta que por mais que tenha tido dificuldades quanto à língua portuguesa ao chegar em Roraima, Boa Vista foi uma porta de entrada para a informação e conseguir aprender:

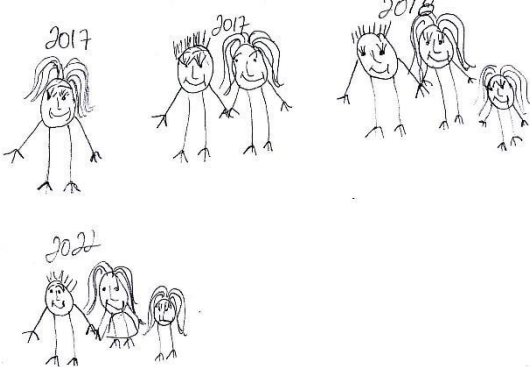
Quadro 11 - Mapa Afetivo Lismarie

Identificação	Desenho		Significado
<p>Lismarie (38 anos)</p> <p>IEL: 17</p> <p>Imagem: Agradabilidade</p> <p>Estrutura do desenho: Cognitivo</p>			<p>“Una mujer luchadora que sale todos los días a luchar por mi familia, por mí y por todas las personas que dejen en Venezuela.”</p>
Sentimientos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Amor; Dedicación; Esfuerzo; Esperanza; Perseverancia; Disciplina.</p>	<p>“Boa Vista es la entrada de información para seguir adelante y también de aprendizaje.”</p>	<p>“Es un lugar más tranquilo, no hay tanta delincuencia.”</p>	<p>Boa Vista é uma cidade para conseguir informações e aprender. A imagem de <i>Agradabilidade</i> encontra-se no desenvolvimento pessoal da participante.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

Sobre as imagens de *insegurança e destruição* (despontencializadoras), estas foram apresentadas, respectivamente, por Emília (Quadro 12) e Maria (Quadro 13). Por mais que os seus sentimentos estivessem voltados ao amor, carinho, alegria, responsabilidade, tranquilidade e igualdade, pensando nos cuidados com a família no Brasil, suas vivências em Roraima trazem relatos difíceis de situação de rua, dificuldades com o idioma, preconceito e o desafio de ficar distante do restante da família da Venezuela.

Quadro 12 - Mapa Afetivo Emilia


Identificação	Desenho		Significado
<p>Emilia (23 anos)</p> <p>IEL: - 4</p> <p>Imagem: Insegurança</p> <p>Estrutura do desenho: Cognitivo</p>			<p>“Es mi familia. Este dibujo para mim es que aqui encuentre a mi familia.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Amor; Cariño; Responsabilidad; Tranquilidad; Compañerismo; Igualdad.</p>	<p>“Es una ciudad muy buena, he tenido trabajo. Estoy con mi familia, conseguí mis cosas por mis propios medios.”</p>	<p>“La diferencia. Aquí todo es diferente, el idioma, la calidad de vida.”</p>	<p>Boa Vista é um lugar que apresenta as suas diferenças comparada à Venezuela. A imagem de <i>Insegurança</i> surge nesse espaço que pode apresentar dificuldades.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Maria deixa muito claro nos seus relatos os preconceitos que enfrenta em Boa Vista: “*No me gustan las personas de aquí porque a veces cuando voy a algún lugar me señalan por ser venezolano*”³².

32 Tradução: “Não gosto que aqui as pessoas às vezes quando vou para algum lugar e te apontam por ser venezuelano”.


Quadro 13 - Mapa Afetivo Maria

Identificação	Desenho		Significado
Maria (34 anos) IEL: - 20 Imagem: Destruição Estrutura do desenho: Cognitivo			“Mi casa porque desde que llegué aquí a Boa Vista fue con la intención de trabajar para mis hijos, para mi familia.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Cariño; Alegría; Amor; Responsabilidad; Humildad; Respeto.	“Es una linda ciudad, me gusta como tratan los niños en las escuelas, los estudios que dan a ellos.”	“La responsabilidad que le dan, no me gustan las personas que a veces te señalan por ser venezolano.”	Boa Vista é uma cidade que cuida das pessoas, porém também existe preconceito. A imagem de <i>Destruição</i> surge dos maus tratos e descuidos.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os preconceitos e discriminações ficam mais evidentes, ainda, nas imagens de *Contraste Despontencializador* das participantes Yei (Quadro 14) e Margarida (Quadro 15). Yei é uma mulher negra e Margarida moradora da Ocupação Coronel Monteiro. Mesmo com os sentimentos de respeito, carinho, honestidade, empatia e sabedoria muito presentes, trouxeram experiências de racismo, xenofobia e dificuldades de conseguir emprego em Boa Vista.


Quadro 14 - Mapa Afetivo Yei

Identificação	Desenho		Significado
<p>Yei (18 anos)</p> <p>IEL: -10</p> <p>Imagem: Contraste Despontencializador</p> <p>Estrutura do desenho: Metafórico</p>			<p>“Boa Vista fue solo una puerta para nuevas oportunidades. Para tener un mejor empleo, para conseguir sustentar mejor, de una forma humana que las personas merecen.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Fortaleza; Esperanza; Tranquilidad; Sabiduria; Paciencia; Empatia.</p>	<p>“Es un lugar bueno que necesita de mejores personas, la mayoría son racistas, discriminadoras.”</p>	<p>“Con una cebolla porque siempre descubro coberturas diferentes. Unas coberturas podridas en el camino.”</p>	<p>Boa Vista como uma cebola representa as várias camadas de oportunidades, mas também de discriminações. A imagem de <i>Contraste Despontencializado</i> traz essa diminuição da ação da pessoa.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Margarida traz a sua percepção sobre Boa Vista muito vinculada a novas oportunidades, assim como apresenta dificuldades de conseguir emprego. Além disso, a sua percepção sobre a realidade do migrante e refugiado perpassa para pessoas de outras nacionalidades, como os haitianos e ucranianos.

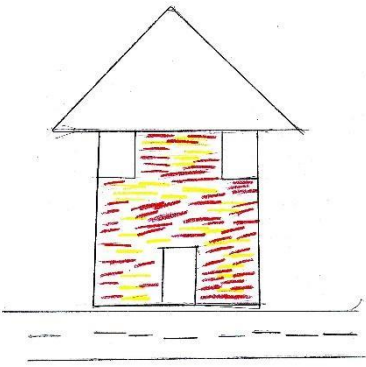
Quadro 15 - Mapa Afetivo Margarida

Identificação	Desenho		Significado
<p>Margarida (21 anos)</p> <p>IEL: -5</p> <p>Imagem: Contraste Despotencializador</p> <p>Estrutura do desenho: Cognitivo</p>			<p>“Brasil nos dio las puertas abiertas para nosotros entrar y tener otra vida, aprendiendo nuevo idioma, nuevas personas, nuevas nacionalidades y nuevas fiestas. Nos sentimos como en casa.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Cariño; Amor; Respeto; Honestidad; Igualdad; Alegria.</p>	<p>“Boa Vista es bien a pesar de la dificultad de que no se consigue trabajo.”</p>	<p>“Con mi casa en Venezuela por el apoyo que me ha dado Brasil. Apoyo de comida, alimentos y papeles.”</p>	<p>Boa Vista é um local de apoio, mas apresenta as suas dificuldades. A imagem de <i>Contraste Despotencializad</i> or surge como fator de diminuição de potência ao não conseguir um trabalho.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

Sobre a imagem de *Contraste Potencializador*, as participantes Anaís (Quadro 16), Sara (Quadro 17), Mariza (Quadro 18) e Victoria (Quadro 19) trazem os sentimentos de felicidade, esperança, valentia, união, alívio, carinho e paixão como potências para que elas venham a lidar com os desafios vivendo em Boa Vista. A nova cidade possibilita recomeço e esperança, mas também dificuldades e vulnerabilidades. A exemplo, o Mapa Afetivo de Anaís:


Quadro 16 - Mapa Afetivo Anaís

Identificação	Desenho		Significado
Anaís (36 anos) IEL: 0 Imagem: Contraste Potencializador Estrutura do desenho: Cognitivo			“Esta casa sería como nuestra segunda casa que nos ha abierto las puertas para nosotros, los venezolanos.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Felicidad; Tristeza; Fuerza; Valentía; Esperanza; Unión.	“Es una ciudad donde he tenido la oportunidad de conocer personas de muchas culturas, acogedoras y muy gratas. Las personas son bastante amigables.”	“Aquí las personas (brasileñas) son más comunicativas, incluso con barrera lingüística.”	Boa Vista é a segunda casa e onde apresenta as oportunidades. A imagem de <i>Contraste Potencializador</i> surge quando esse lugar (Boa Vista) tem as suas barreiras, mas também possibilita melhorias.

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Sara explica o quanto a cidade de Boa Vista, nas semelhanças com a sua comunidade indígena warao, possibilitou uma reconexão com a sua história deixada na Venezuela. Uma história marcada por um povo e muito contato com a natureza, assim representado no Quadro 17 com o Parque do Rio Branco, da capital de Roraima:

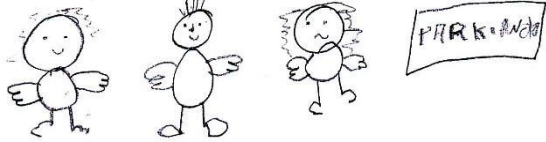
Quadro 17 - Mapa Afetivo Sara

Identificação	Desenho		Significado
<p>Sara (22 anos)</p> <p>IEL: 10</p> <p>Imagem: Contraste Potencializador</p> <p>Estrutura do desenho: Cognitivo</p>			<p>“Es un lugar especial en Boa Vista donde me hace conectar de nuevo de donde yo soy. El Parque de Río Branco me hace recordar mi comunidad indígena, mi pueblo con el río, la playa, el viento.”</p>
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Tranquilidad; Amor; Alivio; Esperanza; Paz; Nostalgia.</p>	<p>“Boa Vista es un lugar de nuevas oportunidades, acogida hacia el inmigrante.”</p>	<p>“Con la alegría de las fiestas, familiaridad, hermandad, la fraternidad.”</p>	<p>Boa Vista é um lugar de oportunidades e acolhimento, mas também de lembranças e recordações. A imagem de <i>Contraste Potencializador</i> aparece quando Boa Vista traz uma potência de ação a participante.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

A participante Mariza (Quadro 18) traz no instrumento e narrativas as oportunidades que Boa Vista trouxe para ela e os seus filhos no campo da educação e segurança, porém, ainda existem barreiras para conseguir uma renda fixa e segura.

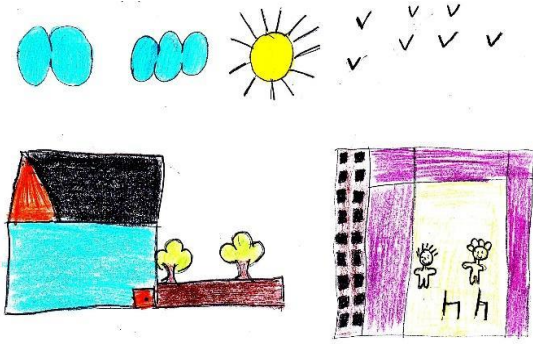
Quadro 18 - Mapa Afetivo Mariza

Identificação	Desenho		Significado
<p>Mariza (38 anos)</p> <p>IEL: 6</p> <p>Imagem: Contraste potencializador</p> <p>Estrutura do desenho: Cognitivo</p>			<p>“Somos nosotros tres cuando salimos a parquear. A trabajar mi hija, mi hijo y yo.”</p>
Sentimientos	Qualidades	Metáfora	Sentido
<p>Depresión; Amor; Ternura; Cariño; Comprensión; Cuidado.</p>	<p>“Estoy muy agradecida con Boa Vista. He tenido muchas ayudas. Cuando voy a trabajar me abren su confianza.”</p>	<p>“La educación para mis hijos, la seguridad.”</p>	<p>Boa Vista é uma cidade que possibilita melhorias na segurança e educação, porém existem as dificuldades socioeconômicas. A imagem <i>Contraste Potencializador</i> surge na necessidade de buscar superar os desafios e seguir com as novas oportunidades.</p>

Fonte: Elaboração própria (2023).

Por fim, o último quadro categórico de Victoria (Quadro 19) aborda também questões de identificação com a cidade de Boa Vista, contudo com a problemática de escassez de emprego.

Quadro 19 - Mapa Afetivo Victoria

Identificação	Desenho		Significado
Victoria (26 anos) IEL: 6 Imagem: Contraste potencializador Estrutura do desenho: Cognitivo			“El sol es muy caliente aquí en Boa Vista. Me gusta el shopping, los árboles, tiene muchos pajaritos.”
Sentimentos	Qualidades	Metáfora	Sentido
Afecto; Amor; Cariño; Honestidad; Respeto; Pasión.	“Me gusta, muchas personas ayudan a los venezolanos. Solo que no tiene muchas oportunidades de trabajo.”	“Boa Vista es pequeña, pero tiene muchas plazas bonitas, tiene muchos lugares para ir a disfrutar con sus familias.”	Boa Vista é uma cidade pequena e bonita, porém tem seus problemas de poucas oportunidades de emprego. Assim, o <i>Contraste Potencializador</i> surge nesse contexto de confluência entre ajuda e desafios.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Levando em consideração as observações trazidas em cada um dos Mapas Afetivos, entendendo as percepções, sentimentos e emoções das mulheres venezuelanas da pesquisa, podemos aprofundar outros campos de vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento, que foram relatadas pelas participantes nas entrevistas.

4.4 O campo das vulnerabilidades e as estratégias de enfrentamento

As participantes nos seus Mapas Afetivos também levantaram os sentimentos de depressão, tristeza, medo, estresse e ódio. Estes podem ser entendidos a partir de alguns relatos trazidos por elas ao tratar do campo das vulnerabilidades sociais. Algumas vulnerabilidades já foram expostas no tópico anterior, mas essas e outras serão discutidas a seguir.

As vulnerabilidades já expostas foram, a saber: desemprego, viver em situação de rua, prisão, desafios com o idioma, preconceito e racismo. Outras trataram sobre violência doméstica vivenciada na Venezuela, assédio no Brasil, dificuldade de inserção da comunidade indígena warao em Roraima, perda de familiares por condições críticas de saúde, descobrir uma infecção sexualmente transmissível e ser profissional do sexo para conseguir uma renda.

Dentro de um contexto de migração por sobrevivências em países com crise política, social e econômica, as vulnerabilidades podem surgir das mais diversas formas (BETTS, 2010). Assim, quando Lali (48 anos) afirma: “*Pase 4 años con ese sufrimiento de violencia y muchas humillaciones, cuando llegué a Brasil comencé un relacionamiento y resulto ser ese mismo tipo de hombre que no tiene respeto por las mujeres*”³³, retrata um grave problema de violência baseada em gênero já vivenciada pela migrante venezuelana no seu país de origem e, ao chegar em Roraima, pode acentuar-se essa vulnerabilidade em razão de uma problemática também vivenciada de forma local (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

Outra situação de violência baseada em gênero foi na situação de Sara (22 anos), ao catar latinhas na rua para conseguir um dinheiro e foi assediada:

*Éramos dos mujeres solteras que recogíamos las latas por la calle y entonces se nos acercaban hombres en carro ofreciéndonos dinero a cambio de sexo, y fue muy difícil para nosotras sentir esa inseguridad, sentir que nadie nos respetaba porque éramos mujeres.*³⁴

Cabe, ainda, considerar que as situações de humilhações, racismo e preconceito aconteceram diretamente com as participantes autodeclaradas pretas (Yei e Maria) e parda (Mariza): “*Fui humillada, maltratada tanto por personas de mi familia y fuera de ella. Aquí (Boa Vista) también me ha acontecido lo mismo*”³⁵. A opressão étnico-racial é também presente no contexto da migrante venezuelana e intensificada pela xenofobia (NOGUEIRA, 2007; CORTINA; 2020).

Desse modo, a situação de rua e pedinte, exposta pela participante Maribel (48 anos) ao chegar em Boa Vista, levanta um contexto de dificuldades que ela e outras venezuelanas migrantes estão vivendo:

33 Tradução: “Passei 4 anos com esse sofrimento de violência e muitas humilhações, quando cheguei ao Brasil comecei um relacionamento e resultou ser esse mesmo tipo de homem que não tem respeito pelas mulheres”.

34 Tradução: “Éramos duas mulheres solteiras que pegávamos latas na rua e então homens se aproximaram de carro oferecendo dinheiro por sexo e foi muito forte para nós sentir essa insegurança, sentir que não nos respeitam porque somos mulheres”.

35 Tradução: “Fui humilhada, maltratada tanto por pessoas da minha família e fora dela. Aqui (Boa Vista) também tem acontecido isso”.

*cuando llegamos aqui, llegamos practicamente en la calle sin orientacion alguna. Hay dormimos en aquel parque de los taxis en Caimbé y recuerdo muy bien cuando andabamos pidiendo en la calle porque no teniamos comida, no teniamos trabajo.*³⁶

Sobre o desemprego, exceto Margarita (45 anos, médica), todas as demais participantes relataram as poucas oportunidades de emprego e a dificuldade de conseguir um trabalho em Boa Vista. O próprio desafio de aprender a língua portuguesa explicado por Ana (34 anos) e Lismarie (38 anos) foi um dos motivos para que não conseguissem de imediato um trabalho com carteira assinada.

Ainda no que tange às dificuldades quanto ao idioma, a participante Anaís (36 anos), como trabalhadora humanitária em uma organização não-governamental para população indígena em abrigo, reforça esse desafio do público warao aprender uma terceira língua (warao, espanhol e português):

*Nos hace difícil porque la primera barrera que nosotros sabemos que nos vamos a encontrar cuando llegamos es el idioma y es un tema bastante fuerte para nosotros los indígenas, es todo porque nuestra lengua es warao, la segunda español y esta sería una tercera. Se la hecho a nosotros el indígena difícil entender el español, imagínese esta porque el portugués es muy complicado.*³⁷

Na própria pesquisa da OIM sobre Monitoramento da População Indígena Venezuelana no Brasil (BRASIL, 2021a), o número de mulheres indígenas inscritas em aulas de língua portuguesa, ainda, é baixo. Portanto, uma série de fatores precisam ser considerados para que a integração local com a população indígena migrante possa acontecer de modo satisfatório, respeitando as particularidades e diferenças entre as nações.

Outro ponto importante a ser considerado nas discussões foram as situações de doenças vividas por Margarita e Anaís com familiares próximos, o que as levaram a migrar para Roraima, conseguir um dinheiro e trazer os filhos. A respeito de filhos, Victoria (26 anos) e Daniela (52) tomaram a decisão de serem profissionais do sexo para conseguir, emergencialmente, condições financeiras e ajudar os filhos. Victoria, depois de alguns meses, deixou de exercer a profissão, porém Daniela continuou, para trazer todos os filhos da Venezuela para o Brasil e abrir um salão de beleza.

36 Tradução: “Quando chegamos aqui, chegamos praticamente na rua sem orientação nenhuma. Dormimos no terminal de táxis do Caimbé e recorde muito bem quando chegamos pedindo na rua porque não tínhamos comida, não tínhamos trabalho”.

37 Tradução: “Nós achamos difícil porque a primeira barreira que nós sabemos que vamos encontrar quando chegamos é o idioma e é um tema bastante forte para nós indígenas porque nossa língua é o warao. A segunda língua é o espanhol e o português seria a terceira. É difícil para nós indígena entender o espanhol, imagina o português é muito mais complicado”.

Além disso, Daniela, ao descobrir que era soropositivo no Brasil, trouxe-lhe um grande abalo psicológico em sua vida, contudo buscou reerguer-se para que não deixasse com que os seus sonhos e objetivos fossem interrompidos. O seu conhecimento e inserção nas políticas públicas de saúde no território brasileiro fez com que ela tivesse a oportunidade de seguir com os seus planos de vida. Isso reforça a necessidade de fortalecer as redes de proteção local à mulher, com vista a garantir direitos à população migrante e refugiada (UNFPA, 2020).

Fora isso, ainda existe a realidade do companheiro de Escarcha (20 anos), que não conseguia emprego e passou a vender drogas até ser preso. Como mecanismo de enfrentamento a essa realidade, essa participante começou a fazer cursos e preparar-se para vagas de emprego. Além disso, as outras estratégias utilizadas pelas participantes para lidar com os seus desafios têm sido criar suas redes de apoio junto às pessoas que migram com elas (familiares, amigos, etc.) e criar suas estratégias de sobrevivência, seja compartilhando uma casa para dividir as contas, seja por meio do trabalho informal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender os impactos afetivos da migração de mulheres venezuelanas na cidade de Boa Vista, Roraima. Dentre os principais impactos afetivos potencializadores destacamos: a capital de Roraima como um lugar de recordações da Venezuela; um recomeço para a histórias das participantes; de aprendizagens e de crescimento pessoal. Há também impactos afetivos contrastantes que podem ser potencializadores ou não, tais como: Boa Vista como um lugar de desafios da situação de rua, preconceito, xenofobia, racismo, assédio, obstáculos com o idioma e emprego, a perda de membros familiares e o fato de ficar longe do restante da família.

Realizou-se também uma discussão sobre a Estima de Lugar e as Imagens Afetivas das participantes buscando entender o campo das vulnerabilidades como migrantes no Brasil e suas consequentes estratégias de enfrentamento no novo território.

A partir da utilização do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) e entrevista semiestruturada, como ferramentas metodológicas para o levantamento das informações necessárias para o estudo, tendo a Afetividade, como categoria de observação e de análise, compreendeu-se a dinâmica e o impacto da migração na história das participantes venezuelanas no que diz respeito às oportunidades, bem como as dificuldades que também trouxeram uma potência de ação implicando na busca por melhorias de vida.

Constatou-se um predomínio de Estima de Lugar Potencializadora entre as dezesseis mulheres venezuelanas, com prevalência de Imagem Afetiva de Pertencimento e Agradabilidade. Já nas entrevistas complementares, foi possível melhor entender nas suas narrativas o campo das vulnerabilidades, dificuldades e estratégias de enfrentamento relacionados às suas vivências, enquanto migrantes em Boa Vista, Roraima.

Tais resultados demonstraram que apesar dos desafios voltados às questões de idioma, saúde, segurança, moradia, alimentação, renda e emprego em Boa Vista, as mulheres venezuelanas participantes da pesquisa, apresentaram o desejo de permanecer e pertencer à capital do estado de Roraima. Comparada a localização de outros estados e cidades brasileiras, Boa Vista trouxe a vantagem da zona de proximidade territorial com a Venezuela (entrar e sair de forma rápida no país de origem), mas também apresentou recordações e espaços vividos de modo muito especial pelas participantes da pesquisa na Venezuela.

Por fim, com base no caminho metodológico criado para efetuar a minha pesquisa, percebo que os mecanismos estratégicos utilizados para compreender a realidade da mulher venezuelana migrante é possível ser orientada para outros públicos de migrantes e refugiados no território brasileiro, buscando entender sua inserção nas políticas públicas e melhorias dos serviços oferecidos.

Finalizo a minha pesquisa afirmando que existe, ainda, muito o que melhorar para que possamos de fato garantir os direitos humanos à população migrante refugiada no Brasil. Os desafios, dificuldades e problemas são inúmeros, mas como pesquisadora e trabalhadora humanitária, levantar reflexões como essas e práticas mais integrativas a partir da afetividade, pode dar alguns indicadores que estamos no caminho de mudanças para o acolhimento destas populações. Espero ter contribuído para orientar futuras políticas públicas para estas populações a partir deste estudo e da minha prática diária com migrantes e refugiados nas comunidades de Boa Vista (RR).

REFERÊNCIAS

- ACCORSSI, A. **Materializações do pensamento social sobre a pobreza**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4781/1/000431097-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). Uma em cada cinco refugiadas é vítima de violência sexual no mundo. **UNHCR**, 2017. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2017/06/23/uma-em-cada-cinco-refugiadas-e-vitima-de-violencia-sexual-no-mundo/>. Acesso em: 2 out. 2022.
- ACNUR. Global Trends Forced Displacement in 2019. **UNHCR**, 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021.
- ACNUR. Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas e refugiados migrantes. **UNHCR**, 2021a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- ACNUR. Resposta à COVID-19. **UNHCR**, 2021b. Disponível em: <https://reporting.unhcr.org/sites/default/files/Brazil%20COVID-19%20update%20-%20February%202021%20PRT.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- ALVES, T. A. L. **Os refugiados venezuelanos no Brasil: os novos desafios trazidos pela pandemia de COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://integri.com.br/wp-content/uploads/2020/08/9I7DgrFP08iMxi84GO1je.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.
- ARRUDA-BARBOSA, L. *et al.* Aspectos gerais da vida de imigrantes em abrigos para refugiados. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 33, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/10734>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 745-772, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2021.
- AZEVEDO, A. Situação dos refugiados no Brasil entra em pauta no Senado federal. **ACNUR**, 12 jul. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/12/situacao-dos-refugiados-no-brasil-entra-em-pauta-no-senado-federal/>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASTOS, J. P. B.; OBREGÓN, M. F. Q. Venezuela em crise: o que mudou com Maduro. **Derecho y Cambio Social**, 1 abr. 2018. Disponível em: https://www.derechoycambiosocial.com/revista052/VENEZUELA_EM_CRISE.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

BENTO, H. C. P. “**Es muy difícil ser una persona emigrante en otro país**”: da Venezuela para o Brasil, a experiência de ser jovem e imigrante em contexto de vulnerabilidade na cidade de Boa Vista - RR. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

BENTO, H. C. P.; SILVA, T. L. M. **Maternidade na Adolescência**: uma leitura compreensiva das relações entre as adolescentes e suas mães em Boa Vista, Roraima. *In*: ONE, G. M. C. Saúde: os desafios da pesquisa na atualidade. João Pessoa: IMEA, 2020.

BENTO, H. C. P.; LIMA, A. C. Lev Vygotsky. **Colaborpédia**, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.sites.google.com/view/colaborpedia/%C3%ADndice/v/vygotsky-lev>. Acesso em: 6 jan. 2022.

BENTO, H. C. P.; BOMFIM, Z. A. C. Um olhar socioambiental sobre a imigração venezuelana no Brasil: da situação de rua para o acolhimento institucional. *In*: XIMENES, V. M.; ESMERALDO, A. F. L.; FILHO, C. E. E. **Viver nas ruas**: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.

BENTO, H. C. P.; PEREZ, A.; MAIA, L. S. Projeto “Moro No Brasil” com as Pessoas Migrantes e Refugiadas Venezuelanas. *In*: JUBILUT, L. L. *et al.* **Direitos Humanos e vulnerabilidade e Migrações Forçadas**. Boa Vista : Editora da UFRR, 2022. p. 849-872.

BETTS, A. Survival Migration: A New Framewor. **Global Governance**, v. 16, p. 361–382, 2010.

BILGE, S. “Théorisations féministes de l’intersectionnalité”. **Diogène**, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251061656_Theorisations_feministes_de_l'intersessionnalite. Acesso em: 14 mai. 2021.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, v. 20, n. 2, p. 27-55, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130753/mod_resource/content/1/Biroli%282015%29%20Genero%20raca%20classe.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e Afetividade**: Estima e Construção de Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM, Z. A. C. Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. *In*: LIMA, A F; ANTUNES, D C; CALEGARE, M G A. (org.). **A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015. p. 375-389.

BOMFIM, Z. A. C.; DELABRIDA, Z. N. C.; FERREIRA, K. P. M. Emoções e afetividade ambiental. *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 60-74.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A Pesquisa Participante: um momento da Educação Popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, p. 51-62, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662>. Acesso em: 18 jul. 2021.

BRASIL. Decreto nº 4.247, de 6 de janeiro de 1921. Regula a entrada de estrangeiros em território nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 8 jan. 1921. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4247-6-janeiro-1921-568826-publicacaooriginal-92146-pl.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Decreto nº 16.761, de 31 de dezembro de 1924. Proíbe a entrada no território nacional de imigrantes (passageiros de 2ª e 3ª classe) nos casos e condições previstos nos arts. 1º e 2º da lei n. 4.247, de 6 de janeiro de 1921. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 mar. 1925. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-16761-31-dezembro-1924-503902-republicacao-88581-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934**. Brasília: Casa Civil, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Decreto nº 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 mai. 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Decreto nº 7.967, de 18 de setembro de 1945. Dispõe sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1945. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del7967.htm. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980**. Estatuto do Estrangeiro. Brasília, DF: Casa Civil, 1980. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16815.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado n° 288, de 11 de julho de 2013.** Institui a Lei de Migração e regula a entrada e estada de estrangeiros no Brasil. Brasília: Casa Civil, 2013. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113700/pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. **O papel da assistência social no atendimento aos migrantes.** Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2016a. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Guia/guia_migrantes.pdf. Acesso em: 9 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n° 510, de 7 de abril de 2016.** Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016b. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n° 13.445, de 24 de maio de 2017.** Lei de Migração. Brasília: Congresso Nacional, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto n° 9.199, de 20 de novembro de 2017.** Regulamenta a Lei n° 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração. Brasília: Congresso Nacional, 2017b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9199.htm. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica:** manual para a equipe multiprofissional, Brasília: Ministério da Saúde, 2017c. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_integral_hiv_manual_multiprofissional.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n° 13.684, de 21 de junho de 2018.** Medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária. Brasília: Congresso Nacional, 2018. Disponível em: [//www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13684.htm). Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Operação Acolhida.** Brasília: Governo Federal, 2019. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/operacao-acolhida>. Acesso em: 29 dez. 2021.

BRASIL. **Atlas da Violência.** Ministério da Economia, Brasília: IPEA, 2020a. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 8 out. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 120, de 17 de março de 2020.** Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Ministério da Saúde, 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-120-de-17-de-marco-de-2020-248564454>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BRASIL. **Matriz de Monitoramento de Deslocamento (DTM) Nacional sobre a População Indígena Refugiada e Migrante Venezuelana.** Brasília: Organização Internacional Para as Migrações (OIM), 2021a. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/node/88920>. Acesso em: 6 out. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 655, de 23 de junho de 2021.** Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. Brasília: Ministério da Saúde, 2021b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-655-de-23-de-junho-de-2021-32767415>. Acesso em: 9 out. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 641, de 9 de julho de 2021.** Dispõe sobre o repasse emergencial de recursos federais para a execução de ações socioassistenciais nos municípios que recebem contingente de imigrantes e refugiados oriundos de fluxo migratório provocado por crise humanitária agravada pela situação de emergência em saúde pública decorrente do novo coronavírus, COVID-19. Brasília: Ministério da Cidadania, 2021c. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mc-n-641-de-9-de-julho-de-2021-331302437>. Acesso em: 9 out. 2021.

BRASIL. **Casa da Mulher Brasileira:** espaço integrado e humanizado de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Boa Vista: Governo de Roraima, 2021d.

BRASIL. **Operação Acolhida.** Brasília: Governo Federal, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/>. Acesso em: 12 out. 2022.

BRASIL. **Coronavírus.** Brasília: Ministério da Saúde. 2023b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CADH (Convenção Americana sobre Direitos Humanos). **Conferência Especializada Interamericana sobre Direitos Humanos**, 1969. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm. Acesso em: 25 jun. 2021.

CARVALHO, M. I. C.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Ambiente. *In:* CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 28-43.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 63-69.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F.; NÓBREGA, L. M. A. Espaço e lugar. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 182-190.

CHAUÍ, M. S. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

CIDADE, E. C.; JUNIOR, J. F. M.; XIMENES, V. M. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latinoamericano. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 68, p. 87-98, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20087>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CORTE IDH (Corte Interamericana de Direitos Humanos). **Estatuto da Corte Interamericana de Direitos Humanos**. 1979. Disponível em: <<https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/v.estatuto.corte.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CORTINA, A. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EBERHARDT, L.; MIRANDA, A. Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. **Saúde Debate**, v. 41, n. especial, p. 299-312, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/m9YSxwrnsWh9k9kWtjWnBsM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2021.

QEDU. **Lista completa de escolas, cidades e estados**. QEDU, 2020. Disponível em: <https://qedu.org.br/busca/123-roraima/3142-boa-vista>. Acesso em: 10 out. 2022.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 53-62.

FEITOSA, M. Z. S. *et al.* Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 196-203, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/FVQPHfrwtSSmZGwdxKwNCWD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FERNANDES, V. Sozinhas e sem dinheiro, mães venezuelanas se arriscam em rotas clandestinas para chegar ao Brasil: 'luz no fim do túnel'. **G1 Roraima**, Boa Vista, 9 mai. 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/09/sozinhas-e-sem-dinheiro-maes-venezuelanas-se-arriscam-em-rotas-clandestinas-para-chegar-ao-brasil-luz-no-fim-do-tunel.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2021.

FERNANDES, V. Roraima registra média de 11,92 mulheres vítimas de violência doméstica por dia em 2020. **G1 Roraima**, Boa Vista, 14 jan. 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/01/14/roraima-registra-media-de-1192-mulheres-vitimas-de-violencia-domestica-por-dia-em-2020.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2021.

FERNANDES, F. Prostituição vira meio de sobrevivência para mulheres migrantes que sustentam família na Venezuela. **Amazon**, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://www.redeamazon.org/post/prostitui%C3%A7%C3%A3o-vira-meio-de-sobreviv%C3%Aancia-para-mulheres-imigrantes-que-sustentam-fam%C3%ADlia-na-venezuela>. Acesso em: 5 out. 2022.

FGV (Fundação Getúlio Vargas). **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas**. Diretoria de Análise de Políticas Públicas. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.

FGV. **Mapa da Nova Pobreza**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2022. Disponível em: <https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza>. Acesso em: 10 out. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Brasília: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima**. 8. ed. Boa Vista: IAF, 2009.

JÚNIOR, J. F. *et al.* Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 341-352, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19553/1/2014_art_vmximenes.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

GARAVITO, J. **Venezuela: la diáspora del siglo XXI**. Arizona: Pixabay, 2020.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GOTT, R. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

HELLER, A. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona: Editora Fontamara, 2004.

HIGUCHI, M. I. G.; THEODOROVITZ, I. J. Territorialidade(s). *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. (org.). **Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 228-236.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

- IBGE. **População de Roraima**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>. Acesso em: 9 out. 2022.
- ISA. Terras indígenas no Brasil. São Paulo, 2020.
- LANE, S. **O que é psicologia social?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LANE, S. Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. *In*: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984. p. 10-19.
- LIMA, A. C. **Estima de Lugar e Território: construção de mapas afetivos de moradores do Timbó em Maracanaú-CE**. 2019. Graduação (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55634>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- LIMA, A. C.; BENTO, H. C. P.; BOMFIM, Z. A. C. A vivência como unidade de análise em Psicologia Social: uma proposta decolonial a partir da Psicologia Sócio-Histórica. *In*: ROCHA, W. H. A. (org.). **Descolonizando a Psicologia: contribuições para uma prática popular**. São Paulo: Pimental Cultural, 2020. p. 103 – 125.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- LYNCH, K. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1998.
- MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/?format=pdf&lang=pt>. 8 dez. 2021.
- MARCHAO, T. Transporte caro ou dias a pé: como é a travessia dos venezuelanos para viver no Brasil. **Uol São Paulo**, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/02/26/fronteira-venezuela-pacaraima.htm>. Acesso em: 9 out. 2022.
- MARANDOLA, J. E.; GALLO, P. M. D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/rzmFzZWXRMzVHZhFGWSR6wn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- MARTÍN-BARÓ, I. Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana. *In*: GUZZO, R. S. L.; LACERDA, F. (org.). **Psicologia Social para América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2011. p. 199-220.

MARQUES, E. M.; SOUZA, T. M. C. Desigualdades socioeconômicas enfrentadas por mulheres migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 6, n. 12, p. 52-67, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/28317/19584>. Acesso em: 2 out. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MILESI, R.; COURY, P.; ROVERY, J. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, v. 10, n. 22, p. 53-70, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/83376/49791>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MIRANDA, J. **Mulheres Migrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida**. Lisboa: ACIDI, 2009.

MOSER, G. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2018.

MOURÃO, A. R. T.; BOMFIM, Z. A. C. Identidade Social Urbana. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 217-226.

MOURÃO, A. R. T.; BOMFIM, Z. A. C.; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 208-216.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, p. 287-308, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 28 jul. 2021.

OCHA (Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários). COVID-19 Data Explorer. **OCHA**, 2023. Disponível em: <https://data.humdata.org/visualization/covid19-humanitarian-operations/?c=VEN>. Acesso em: 29 jan. 2023.

OIM (Organização Internacional para as Migrações). **Glossary on migration**. 2. ed. Suíça: International Migration Law Series, 2011.

OIM. **População venezuelana refugiada e migrante fora de abrigos em Boa Vista e em Pacaraima**. Brasil: ONU Migração, 2022.

OLIVEIRA, R. S. Um olhar sobre as redes de prostituição e tráfico de mulheres na fronteira Brasil-Venezuela a partir das Rodovias BR-174 e Troncal 10. *In*: X COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 2008, Barcelona. **Anais eletrônicos [...]** Barcelona: Universidad de Barcelona. p. 1-15. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/222.htm>. Acesso em: 5 out. 2022.

- OLIVEIRA, M. M. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.
- OLIVEIRA, A. T. R. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.171-179, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/4CGSzkLL95ghtDhF8dwVbn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- OLIVEIRA, J. V.; COSTA, M. C. L. Expansão urbana de Boa Vista (RR) e os reflexos sobre a desigualdade socioespacial. **Revista GeoSaberes**, v. 9, n. 18, p. 1-18, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55705>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- OLIVEIRA, V. L. A. **Mulheres migrantes: trajetórias de venezuelanas em Boa Vista - RR**. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico Sociedade e Fronteiras) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2020.
- OLIVEIRA, W. A. **Operação Acolhida: um recorte sobre a maior crise migratória brasileira**. Dialética: São Paulo, 2021.
- OSO, L.; CATARINO, C. Femmes chefs de famille et migration. **Femmes du Sud, chefs de famille**, p. 73-77, 1996.
- PAZ, S. E. T.; RODRIGUES, F. S.; JÚNIOR, S. S. T. Dinâmica da cobertura e uso da terra em Pacaraima–Roraima. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 38347-38368, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/28170>. Acesso em: 9 out. 2022.
- POL, E. A apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-62.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico- cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- REUTERS, B. K. Fronteira entre Brasil e Venezuela é reaberta após dois anos. **Exame**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/fronteira-entre-brasil-e-venezuela-e-reaberta-apos-dois-anos/>. Acesso: 16 mar. 2022.
- R4V. **Plataforma Regional de Coordenação Inter-agencial para Refugiados da Venezuela**. 2023. Disponível em: <https://r4v.info/es/situations/platform>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- RODRIGUES, I. A.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E. Pandemia de COVID-19 e a saúde dos refugiados no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/KJshrr5QR8hXFFRqhy6Qv3g/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 7 out. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTIGO, I. Prefeitura e associação de moradores assinam termo de doação de terrenos para obras e regularização fundiária. **Prefeitura de Boa Vista**, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://boavista.rr.gov.br/noticias/2022/7/joao-de-barro-prefeitura-e-associacao-de-moradores-assinam-termo-de-doacao-de-terrenos-para-obras-e-regularizacao-fundiaria>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SANTORO, L. E. B. **O desenvolvimento econômico da Venezuela no governo de Hugo Chávez- 1999-2007**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5157/1/LEBSantoro.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, N. **O enfrentamento religioso em situação de migração**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

SAWAIA, B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/download/psicologia-e-desigualdade-social.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2022.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, B B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2014a. p. 97-118.

SAWAIA, B. Exclusão ou inclusão perversa? *In*: SAWAIA, B B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2014b. p.7-15.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SEELKE, C. R. **Venezuela: Overview of U.S. Sanctions**. CRS: Washington, 2020 Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF10715>. Acesso em: 29 set. 2022.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, T. L. M; BENTO, H. C. Os sentidos da maternidade para jovens de Roraima, o estado brasileiro com o maior índice de gravidez na adolescência do país. **Revista Zona de Impacto**, n. 20, v. 2, 2018, p. 88-101. Disponível em: http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/2018_2_silvabento.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

SILVA, T. L. M. *et al.* Voluntariação: intervenção realizada junto aos imigrantes venezuelanos em situação de vulnerabilidade social na cidade de Boa Vista Roraima. **Saúde Redes**, v. 5, n. 2, p. 279-288, 2019. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2211>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SILVA, T. L. M.; BENTO, H. C. P.; LIMA, A. C. B. Adolescência e sexualidade: uma intervenção educativa em uma escola pública de boa vista-roraima. **Revista Compartilhar-Reitoria**, v. 3, n. 1, p. 30-33, 2018. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/compartilhar/article/view/1033>. Acesso em: 5 set. 2022.

SILVA, G. J. *et al.* **Refúgio em números**. 6. ed. Brasília: OBMigra, 2021. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/06/Refugio_em_Numeros_6a_edicao.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

SIMÕES, G. A migração venezuelana para o Brasil e as ações desenvolvidas pela CSVN/UFRR em Roraima. *In*: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas: NEPO – UNICAMP, 2018. p. 957 – 961.

SPINOZA, B. **Ética**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TEIXEIRA, I. M.; SILVA, E. P. História da eugenia e ensino de genética. **História da Ciência e Ensino: Construindo Interfaces**, v. 15, p. 63-80, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/view/28063/22596>. Acesso em: 21 set. 2022.

TOASSA, G.; SOUZA, M. P. R. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 757-779, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/bPxr5fZsGdMtYv9XtNHTGdP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2021.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

TONHATI, T.; PEREDA, L. A feminização das migrações no Brasil: a inserção laboral de mulheres imigrantes (2011-2020). *In*: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 (2011-2020)**: uma década de desafios para a imigração e refúgio no Brasil. Brasília: OBMigra, 2021. p. 155-183.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológicos, discussão comparativa e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

UDUWANAGE, C. P. **Os impactos da crise da Venezuela na região norte do Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Altos Estudos de Política e Estratégia) - Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://repositorio.esg.br/handle/123456789/1150>. Acesso em: 29 set. 2022.

UNFPA (United Nations Population Fund). **A Passage to Hope – Women and International Migration: State of World Population.** Genebra, 2006. Disponível em: <https://unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/sowp06-en.pdf>.

UNFPA. **Situação da População Mundial: Um Trabalho Inacabado.** Brasil, 2019. Disponível em: [situacao_da_populacao_mundial_final.pdf](#). Acesso em: 2 out. 2022.

UNFPA. **Violência de Gênero, Nacionalidade e Raça/Etnia: em duas cidades de Roraima.** UNFPA Brasil, 2020. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/violencia_de_genero_nacionalidade_e_raca-etnia_em_duas_cidades_de_roraima.pdf. Acesso em: 5 out. 2022.

VALERA, S.; POL, E. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. **Revista Anuario de Psicología**, v. 62, p. 5-24, 1994.

VASCONCELOS, I. S. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 26, n. 53, 2018, p. 135-151. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v26n53/2237-9843-remhu-26-53-135.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 26 dez. 2021.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. **Teoría de las emociones.** Madrid: Akal, 2004.

VYGOTSKY, L. **Obras escogidas.** Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.

VYGOTSKY, L. Quarta aula: a questão do meio na pedologia (tradução de Márcia Pileggi Vinha e Max Welcman). **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42022/45690>. Acesso em: 7 jan. 2022.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção psicopedagógica**, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v26n27/04.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

WILLIAMSON, E. **História da América Latina**. Lisboa: Edições 70, 2013.

ZLOTNIK, H. **Migration Information Source**:The Global Dimensions of Female Migration. 2003. Disponível em: <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ANEXO A - APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AFETIVIDADE E ESTIMA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS AFETIVOS DE VENEZUELANAS REFUGIADAS EM BOA VISTA-RR

Pesquisador: HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58975522.0.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.494.929

Apresentação do Projeto:

No ano de 2015, o estado de Roraima - por estabelecer fronteira com a cidade de Santa Elena do Uairén, na Venezuela - tem sido via de ingresso de mulheres venezuelanas em busca de refúgio devido à crise econômica, política e social que aflige o país bolivariano. Assim, a sociedade civil em parceria com instituições públicas e privadas organizam-se, emergencialmente, no intuito de receber a população venezuelana em terras brasileiras.

Contudo, mudanças significativas precisam ser efetuadas para que se acolha, de forma digna, um alto contingente migratório, visto que venezuelanas refugiadas enfrentam desafios diários como adquirir moradia, alimentação, vestimentas, trabalho e acesso a serviços de saúde em Roraima. Desse modo, percebe-se a necessidade de ser estudado tal fenômeno a partir da percepção da refugiada venezuelana. É notório que o refúgio também mobiliza aspectos psicossociais, afetivos, culturais e linguísticos que carecem ser entendidos. Nesse sentido, este projeto busca compreender a afetividade, sentimentos e emoções de venezuelanas refugiadas em Boa Vista (RR) a partir da relação destas com seus territórios de origem e atual e seus impactos na Estima de lugar. Para isto, fundamentada na Psicologia Social e Ambiental e considerando o contexto sócio-histórico na qual as refugiadas estão inseridas, esta pesquisa utilizará de observação participante, diário de campo e o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA). As informações serão tratadas e, posteriormente, analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo. Assim,

com os resultados desta pesquisa, além de promover um maior aprofundamento sobre a temática

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 5.494.929

apresentada, proporcionará reflexões para profissionais de diferentes áreas que se dedicam à questão da mulher e refúgio internacional. Desta forma, poderá oferecer suporte na criação de ações que atendam este público e proporcionar melhores condições de vida em outro país.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a afetividade, sentimentos e emoções de venezuelanas refugiadas em Boa Vista (RR) a partir da relação destas com seus territórios de origem e atual e seus impactos na Estima de lugar.

Objetivo Secundário:

- A) Entender como a condição de ser mulher e venezuelana refugiada reflete nas suas vivências em Boa Vista (RR);
- B) Identificar as vulnerabilidades vivenciadas por venezuelanas refugiadas antes e depois da pandemia da COVID-19 em Boa Vista (RR);
- C) Verificar possíveis estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades com base nas potencialidades expressas pelas venezuelanas refugiadas em Boa Vista (RR).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto indica quanto aos riscos:

Durante a execução desta pesquisa acredita-se que podem ocorrer riscos mínimos. Como riscos mínimos, é possível que a aplicação do instrumento possa mobilizar conteúdos conflitivos, tais como desconforto psicológico ao responder as perguntas solicitadas, incômodo ou a preocupação gerada pela reflexão a respeito da problemática, que não são prejudiciais as participantes nem impedem o andamento da pesquisa.

Indica quanto aos benefícios:

Além de possibilitar o acesso compreensivo da realidade social para qual esse projeto de pesquisa se inclina, o estudo colaborará para que novas ações e/ou estratégias sociais possam ser pensadas e, posteriormente, efetivadas com o intuito de acolher a venezuelana refugiada no Brasil, melhorar a sua qualidade de vida e, conseqüentemente, da sua família. Tais fatos poderão minimizar as estratégias de exclusão das venezuelanas refugiadas, pois o território é um lugar de contrastes, da mesma forma que pode proporcionar sociabilidades afetivas e libertárias, pode ser também gerador de sofrimento. Portanto, espera-se contribuir com reflexões que possibilitem ao psicólogo e a outros profissionais que trabalham diretamente e/ou indiretamente com as refugiadas venezuelanas, a enriquecer sua atuação profissional de maneira crítica, bem como suscitar o interesse pelo estudo desta temática.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 5.494.929

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os objetivos e o encaminhamento metodológico da pesquisa demonstram observância dos princípios éticos a serem considerados na realização de pesquisas na área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com as exigências deste Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A relatoria emite parecer favorável à execução da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1936628.pdf	16/05/2022 17:45:52		Aceito
Outros	CARTA_PENDENCIA.pdf	16/05/2022 17:43:24	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_DO_LOCAL_DE_REALIZACAO_DA_PESQUISA.pdf	16/05/2022 17:42:43	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PROJETO.pdf	09/05/2022 13:05:24	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Outros	CARTA_SOLICITANDO_APRECIACAO_CEP_UFC.pdf	09/05/2022 13:05:05	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Orçamento	DECLARACAO_DE_ORCAMENTO_FINANCEIRO.pdf	09/05/2022 13:02:16	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Outros	CURRICULO_PESQUISADORA.pdf	09/05/2022 13:01:43	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DOS_PESQUISADORES_ENVOLVIDOS_NA_PESQUISA.pdf	09/05/2022 13:00:15	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS.pdf	09/05/2022 12:57:45	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_ESPANHOL.pdf	09/05/2022 12:56:19	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_PORTUGUES.pdf	09/05/2022 12:56:07	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	PROJETO_COMPLETO.pdf	09/05/2022 12:55:18	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 5.494.929

Investigador	PROJETO_COMPLETO.pdf	09/05/2022 12:55:18	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ASSINADA.pdf	09/05/2022 12:53:56	HALAINE CRISTINA PESSOA BENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 28 de Junho de 2022

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** comepe@ufc.br

APÊNDICE A - TCLE EM PORTUGUÊS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidada pela Halaine Cristina Pessoa Bento para participar da pesquisa intitulada “**AFETIVIDADE E ESTIMA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS AFETIVOS DE VENEZUELANAS EM BOA VISTA-RR**”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender a afetividade, sentimentos e emoções de venezuelanas refugiadas em Boa Vista (RR) a partir da relação destas com seus territórios de origem e atual e seus impactos na Estima de Lugar.

Para tanto, será necessário realizar a aplicação do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) e de um questionário sociodemográfico para que, posteriormente, as devidas análises sejam realizadas.

Durante a execução desta pesquisa acredita-se que podem ocorrer riscos mínimos. Como riscos mínimos, é possível que a aplicação do instrumento possa mobilizar conteúdos conflitivos, tais como desconforto psicológico ao responder as perguntas solicitadas, incômodo ou a preocupação gerada pela reflexão a respeito da problemática.

Por fim, os benefícios da pesquisa envolvem uma melhor compreensão sobre a afetividade, sentimentos e emoções de venezuelanas refugiadas em Boa Vista (RR), possibilitando, assim, futuras ações e/ou estratégias que tenham por intuito melhorar o acolhimento das mulheres refugiadas no Brasil.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem o direito de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isso lhe traga qualquer prejuízo;
3. Não ser identificada e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade;
4. Será utilizado um gravador de voz para captar suas respostas nas perguntas do questionário sociodemográfico;
5. Os dados e/ou materiais levantados somente serão utilizado para esta pesquisa;
6. A divulgação das informações da pesquisa só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto;
7. Diante do caráter voluntário na pesquisa, você não receberá nenhum pagamento por participar do estudo.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Halaine Cristina Pessoa Bento

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Telefone para contato: + 55 (85) 3366-7651 / 3366-7661

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, _____ anos, CPF: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Boa Vista (RR), ____/____/____

Nome da participante da pesquisa:

Data:

Assinatura:

Nome da pesquisadora:

Data:

Assinatura:

Nome da testemunha:

Data:

Assinatura:

Nome da profissional:

Data:

Assinatura:

APÊNDICE B - TCLE EM ESPANHOL

CONSENTIMIENTO LIBRE Y ACLARADO - CLA

Usted está siendo invitada por Halaine Cristina Pessoa Bento a participar en la investigación titulada **“AFECTIVIDAD Y ESTIMACIÓN DE LUGAR: LA CONSTRUCCIÓN DE MAPAS AFECTIVOS DE LAS VENEZOLANAS EN BOA VISTA-RR”**. Usted no debe participar en contra de su voluntad. Por favor, lea atentamente la siguiente información y haga las preguntas que desee, para que todos los procedimientos de esta investigación sean aclarados.

Esta investigación tiene como meta comprender la afectividad, los sentimientos y las emociones de las refugiadas venezolanas en Boa Vista (RR) a partir de su relación con sus territorios de origen y actuales y sus impactos en la Estima de lugar.

Para ello será necesario realizar la aplicación del Instrumento Generador de Mapas Afectivos (IGMA) y un cuestionario sociodemográfico para que, posteriormente, se puedan realizar los análisis oportunos.

Durante la ejecución de esta investigación se cree que pueden ocurrir riesgos mínimos. Como riesgos mínimos, es posible que la aplicación del instrumento movilice contenidos conflictivos, como el malestar psicológico al responder las preguntas solicitadas, el malestar o la inquietud que genera la reflexión sobre el problema.

Finalmente, los beneficios de la investigación implican una mejor comprensión de la afectividad, los sentimientos y las emociones de las refugiadas venezolanas en Boa Vista (RR), posibilitando futuras acciones y/o estrategias que apunten a mejorar la acogida de las mujeres refugiadas en Brasil.

Después de leer y recibir explicaciones sobre la investigación, usted tiene derecho a:

1. Recibir respuesta a cualquier duda y aclaración sobre los procedimientos, riesgos, beneficios y otros relacionados con la investigación;
2. Retirar el consentimiento en cualquier momento y dejar de participar en el estudio sin causar ningún daño;
3. No ser identificada y se debe mantener la confidencialidad de la información relacionada con la privacidad;
4. Se utilizará una grabadora de voz para capturar sus respuestas;
5. Los datos y/o materiales colectados serán utilizados solamente para esta investigación;
6. La difusión de información de investigación sólo se hará entre profesionales que estudien la materia;
7. Debido al carácter voluntaria de la investigación, no recibirá ningún pago por participar en el estudio.

Dirección del responsable de la investigación:

Nombre: Halaine Cristina Pessoa Bento
Institución: Universidad Federal de Ceará (UFC)
Dirección: Av. da Universidad, 2762, Benfica - CEP: 60020-180 - Fortaleza/CE - Área 2 del Centro de Humanidades - Bloque Didáctico Prof. Ícaro de Sousa Moreira
Telefono para contacto: +55 (85) 3366-7651 / 3366-7661

ATENCIÓN: Si tiene alguna inquietud o pregunta sobre su participación en la investigación, comuníquese con el Comité de Ética en Investigación de UFC/PROPESQ – Calle Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, teléfono: 3366-8344/46. (Horario: 08:00-12:00 horas de lunes a viernes).

El CEP/UFC/PROPESQ es la instancia de la Universidad Federal de Ceará responsable por la evaluación y seguimiento de los aspectos éticos de toda investigación que involucre seres humanos.

El abajo firmante

, _____, años, CPF: _____, declara que participa en la investigación por su propia voluntad. Declaro que he leído atentamente este Formulario de Consentimiento Libre e Informado y que, luego de leerlo, tuve la oportunidad de hacer preguntas sobre su contenido, así como sobre la investigación, y recibí explicaciones que respondieron plenamente a mis dudas. También declaro que estoy recibiendo una copia firmada de este término.

Boa Vista - RR, ____/____/____

Nombre del participante de la investigación:

Fecha:

Firma:

Nombre del investigadora:

Fecha:

Firma:

Nombre del testigo:

Fecha:

Firma:

Nombre professional:

Fecha:

Firma:

APÊNDICE C – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS**INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS (IGMA)**

Primeiramente, agradeço a sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a cidade de Boa Vista (RR):

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas, sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

1	4
2	5
3	6

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre Boa Vista (RR). Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre Boa Vista (RR), o que você diria?

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre Boa Vista (RR) e algo, com o que você a compararia? Por quê?

3. Descreva dois lugares que você vai com frequência no seu dia-a-dia (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto/ou no lugar em que vai).

Lugar 1:

Lugar 2:

4. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre sua experiência e relação com Boa Vista (RR).

4.1 Em Boa Vista (RR), o que te alegra e o que te entristece?

4.2 Como você se sente no atual momento em Boa Vista (RR)?

4.3 Como gostaria que fosse viver em Boa Vista (RR) daqui alguns anos?

ESCALA DE ESTIMA DE LUGAR

5. As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca de diversos lugares. Pensando em BOA VISTA (RR), leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado. Por favor, procure não deixar sentenças em branco e, sabendo que não há respostas certas ou erradas, tente responder da forma mais sincera possível.

BOA VISTA (RR) é um lugar QUE/ONDE

Boa Vista (RR) é um lugar QUE/ONDE:	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Considero como algo meu.	1	2	3	4	5
2. Está poluída.	1	2	3	4	5
3. Tenho a sensação de que estou desamparada.	1	2	3	4	5
4. Me sinto sossegada.	1	2	3	4	5
5. Não trocaria por nada.	1	2	3	4	5

6. Considero parte da minha história.	1	2	3	4	5
7. Parece abandonada.	1	2	3	4	5
8. Desconfio das pessoas.	1	2	3	4	5
9. Me envergonha.	1	2	3	4	5
10. Há riscos.	1	2	3	4	5
11. Sinto medo.	1	2	3	4	5
12. É ruim.	1	2	3	4	5
13. O perigo é constante.	1	2	3	4	5
14. Acho feia.	1	2	3	4	5
15. Me indigna.	1	2	3	4	5
16. Tenho oportunidades.	1	2	3	4	5
17. Me sinto tranquila.	1	2	3	4	5
18. Com estruturas precárias.	1	2	3	4	5
19. Se não estou nela, quero voltar.	1	2	3	4	5
20. Me sinto identificada com ela.	1	2	3	4	5
21. Admiro por sua beleza.	1	2	3	4	5
Boa Vista (RR) é um lugar QUE/ONDE:	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
22. Me deixa com raiva.	1	2	3	4	5
23. Sinto que faço parte.	1	2	3	4	5
24. Me sinto sufocada.	1	2	3	4	5
25. As coisas que acontecem nela são importantes para mim.	1	2	3	4	5
26. Tenho prazer.	1	2	3	4	5
27. É atraente para mim.	1	2	3	4	5

28. Sinto que estou desprotegida.	1	2	3	4	5
29. Me deixa orgulhosa.	1	2	3	4	5
30. Me sinto insegura.	1	2	3	4	5
31. É desprezível.	1	2	3	4	5
32. Amo.	1	2	3	4	5
33. Devo estar alerta.	1	2	3	4	5
34. Me divirto.	1	2	3	4	5
35. Tem tudo a ver comigo.	1	2	3	4	5
36. Está destruída.	1	2	3	4	5
37. Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer.	1	2	3	4	5
38. Há sujeira.	1	2	3	4	5
39. Defenderia se necessário.	1	2	3	4	5
40. Tudo pode acontecer.	1	2	3	4	5
41. Me sinto apegada.	1	2	3	4	5

6. Dados Sociodemográficos

Nome:	
Idade:	Profissão:
Gênero:	
Orientação Sexual:	
Estado Conjugal:	
Casada ()	Solteira ()
União estável ()	Separada ()
Divorciada ()	Outros ()

Cor:	
Branca ()	Amarela ()
Preta ()	Indígena ()
Parda ()	Outra ()
Escolaridade:	
Sem estudos ()	Ensino médio completo ()
Ensino fundamental incompleto ()	Ensino superior incompleto ()
Ensino fundamental completo ()	Ensino superior completo ()
Ensino médio incompleto ()	Pós-graduação ()
Qual a sua cidade e estado de origem na Venezuela?	
Há quanto tempo chegou no Brasil?	
Há quanto tempo chegou em Boa Vista?	
Quantos membros migraram para Boa Vista - RR (incluindo você):	
Qual a sua condição jurídica de migrante no Brasil?	
Trabalhando em Roraima? () Sim () Não Qual o local de trabalho?	
Apresenta renda familiar?	
Nenhuma renda ()	De 5 a 7 salários mínimos ()
Até 1 salário mínimo ()	De 8 a 10 salários mínimos ()
De 2 a 4 salários mínimos ()	De 11 a 13 salários mínimos ()
Observações:	

APÊNDICE D - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Conte-me um pouco da sua história.
2. Você passa dificuldades em Boa Vista? Se sim, quais?
3. Quais meios têm buscado para lidar com as suas dificuldades?
4. Como é para você ser mulher vivendo em Boa Vista?

APÊNDICE E - PARECER E TRADUÇÕES DO IGMA E ENTREVISTA

PARECER DE LA TRADUCTORA

Yo, Maria Fátima Gabriela Fernandes Gonzalez, con CPF N° 705.917.722-13, nacionalidad venezolana, graduada en Licenciada en Idiomas, el año de 2015 en la Universidad Central de Venezuela (UCV), emito la traducción para la lengua española del IGMA (Instrumento Gerador de Mapas Afetivos), de la Escala de Estimación de Lugar e de la entrevista semiestructurada a la maestranda Halaine Cristina Pessoa Bento, del Programa de Posgrado en Psicología de la Universidad Federal de Ceará (UFC), sobre la orientación de la Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim. Fueron realizadas las traducciones de la lengua portuguesa para la lengua española de la frase inicial de orientación del instrumento, de las preguntas sobre el dibujo, de la Escala de estimación de Lugar con sus 41 elementos, de los datos socio-demográficos e de la entrevista semiestructurada. Los cuidados necesarios para la traducción fueron atendidos, una vez que algunas frases de la lengua portuguesa no tienen traducción literal para la lengua española, sin embargo, el sentido del mensaje se mantuvo.

Boa Vista, 30 de Mayo de 2022.


Maria Fátima Gabriela Fernandes Gonzalez
Traductora

INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFECTIVOS (IGMA)

Ante todo, agradezco su colaboración. En el espacio de abajo puedes hacer un dibujo que represente tu forma de ver, tu forma de representar o expresar como te sientes con relación a la ciudad de Boa Vista (RR):

1. Las siguientes preguntas se refieren al dibujo que hiciste en la página anterior. No existen respuestas correctas o equivocadas, buenas o malas, y si, sus opiniones e impresiones.

1.1 Explique de forma breve que significa el dibujo para ti:

1.2 Describa que SENTIMIENTOS te despierta ese dibujo:

1.3 Escriba seis palabras que resuman sus SENTIMIENTOS en relación al dibujo:

1	4
2	5
3	6

2. Abajo encontrarás algunas preguntas sobre Boa Vista (RR). Recuerda que no existen respuestas correctas o equivocadas, y si su opinión.

2.1 Si alguien te pregunta que piensas sobre Boa Vista (RR), ¿que dirías?

2.2 Si tuvieses que comparar a Boa Vista (RR) con algo, ¿con que la compararías? ¿Por qué?

3. Describe dos lugares a los que vas frecuentemente en tu cotidiano (utiliza nombres de lugares de origen, destino y detalles que llamen su atención durante el camino/o en el lugar al que vas).

Lugar 1:

Lugar 2:

4. Me gustaría hacerte algunas preguntas sobre tu experiencia e relación con Boa Vista (RR).

4.1 En Boa Vista (RR), ¿que te alegra y que te entristece?

4.2 ¿Como te sientes actualmente en Boa Vista (RR)?

4.3 ¿Como crees que vivir en Boa Vista (RR) te ha influenciado en tu día a día? ¿Y como crees que te influenciará en el futuro?

ESCALA DE ESTIMA DE LUGAR

5. Las frases escritas abajo se refieren a las evaluaciones, impresiones y sentimientos que puedes tener acerca de diversos lugares. Pensando en BOA VISTA (RR), lea atentamente cada una e indique su nivel de concordancia. Para eso, considere la escala de respuesta al lado. Por favor, intente no dejar frases en blanco y, sabiendo que no hay respuestas correctas o equivocadas, intente responder de la forma más honesta posible.

BOA VISTA (RR) es un lugar QUE/DONDE

Boa Vista (RR) es un lugar QUE/DONDE:	No estoy para nada de acuerdo	No estoy de acuerdo	Ni estoy de acuerdo ni estoy en desacuerdo	Estoy de acuerdo	Conuerdo totalmente
1. Considero como algo mío.	1	2	3	4	5
2. Está contaminado.	1	2	3	4	5
3. Tengo la sensación de que estoy desamparada.	1	2	3	4	5
4. Me siento pacífica.	1	2	3	4	5
5. No cambiaría por nada.	1	2	3	4	5
6. Considero parte da mi historia.	1	2	3	4	5

7. Parece abandonado.	1	2	3	4	5
8. Desconfío de las personas.	1	2	3	4	5
9. Me da vergüenza.	1	2	3	4	5
10. Hay peligros.	1	2	3	4	5
11. Me da miedo.	1	2	3	4	5
12. Es malo.	1	2	3	4	5
13. El peligro es constante.	1	2	3	4	5
14. Me parece fea.	1	2	3	4	5
15. Me da indignación.	1	2	3	4	5
16. Tengo oportunidades.	1	2	3	4	5
17. Me siento tranquila.	1	2	3	4	5
18. Con estructuras deficientes.	1	2	3	4	5
19. Si no estoy ahí, quiero regresar.	1	2	3	4	5
20. Me siento identificada con ella.	1	2	3	4	5
21. Admiro por su belleza.	1	2	3	4	5
Boa Vista (RR) es un lugar QUE/DONDE:	No estoy para nada de acuerdo	No estoy de acuerdo	Ni estoy de acuerdo ni estoy en desacuerdo	Estoy de acuerdo	Concuerdo Totalmente
22. Me molesta.	1	2	3	4	5
23. Me siento parte de ahí.	1	2	3	4	5
24. Me siento sofocada.	1	2	3	4	5
25. Las cosas que acontecen ahí son importantes para mi.	1	2	3	4	5
26. Tengo placer.	1	2	3	4	5
27. Me atrae.	1	2	3	4	5
28. Siento que estoy desprotegida.	1	2	3	4	5
29. Me da orgullo.	1	2	3	4	5
30. Me siento insegura.	1	2	3	4	5

31. Es despreciable.	1	2	3	4	5
32. Amo.	1	2	3	4	5
33. Debo estar alerta.	1	2	3	4	5
34. Me divierto.	1	2	3	4	5
35. Tiene todo que ver conmigo.	1	2	3	4	5
36. Está destruido.	1	2	3	4	5
37. Tengo la sensación de que algo malo puede suceder.	1	2	3	4	5
38. Está sucio.	1	2	3	4	5
39. Lo defendería si fuese necesario.	1	2	3	4	5
40. Todo puede acontecer.	1	2	3	4	5
41. Me siento apegada.	1	2	3	4	5

6. Datos Sociodemográficos

Nombre:	
Edad:	Profesión:
Género:	
Orientación Sexual:	
Estado Conyugal:	
Casada ()	Soltera ()
Con novio ()	Divorciada ()
Separada ()	Viuda ()
Educación:	
Bachillerato incompleto ()	Carrera universitaria completa ()
Bachillerato completo ()	Posgrado ()
Carrera universitaria incompleta ()	

¿Estas trabajando en Roraima? () Si () No	
¿Tienes ingreso familiar?	
Ningún ingreso ()	De 6 a 9 salarios mínimos ()
Hasta 1 salario mínimo ()	De 9 a 12 salarios mínimos ()
¿Cuántos miembros de tu familia inmigraron para Boa Vista - RR (incluyéndote a ti):	

ENTREVISTA SEMIESTRUCTURADA

1. ¿Cuéntame un poco de tu historia?
2. ¿Sientes dificultades viviendo en Boa Vista (RR)? Si tu respuesta es sí, ¿cuales son?
3. ¿Que medios haz buscado para lidiar con tus dificultades?
4. ¿Cómo es para ti ser una mujer que vive en Boa Vista?

PARECER DO TRADUTOR

Eu, Fernando Arnal Calvo, sob o número do CPF 709.116.052-58, nacionalidade espanhola, formação em Psicologia pela Universidade UNED (Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha), emito o parecer de tradução para a língua espanhola do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), da Escala Estima de Lugar e da entrevista semiestruturada à mestrande Halaine Cristina Pessoa Bento, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob orientação da Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim. Foram realizadas as traduções da língua portuguesa para a língua espanhola da frase inicial de orientação do instrumento, das perguntas sobre o desenho, da Escala de Estima de Lugar com os seus 41 itens, dos dados sociodemográficos e da entrevista semiestruturada. Os devidos cuidados com a tradução foram tomados, pois foram consideradas somente pessoas com língua materna o espanhol, tanto espanhóis como venezuelanos e colombianos na revisão final. Além disso, todas as dúvidas e esclarecimentos surgidos dos textos, assim como conceitos técnicos que precisaram de explicação, precisaram de uma conversa e ampliação adicional para garantir que a tradução se ajusta estritamente à intenção da ferramenta proposta.

Madrid, 27 de maio de 2022.



Fernando Arnal Calvo
Tradutor

INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFECTIVOS

(IGMA, en portugués)

Primeramente, agradezco su colaboración. Abajo usted deberá hacer un dibujo que represente su forma de ver, su forma de representar o su forma de sentir la ciudad de Boa Vista (RR):

1. Las siguientes preguntas hacen referencia al dibujo hecho por usted. No existen respuestas correctas o erróneas, buenas o malas, pero, si, sus opiniones e impresiones.

1.1 Explique brevemente que significado el dibujo tiene para usted:

1.2 Describa que SENTIMIENTOS el dibujo le despierta:

1.3 Escriba seis palabras que resuman sus SENTIMIENTOS en relación al dibujo:

1	4
2	5
3	6

2. Abajo usted encontrará algunas preguntas sobre Boa Vista (RR). Recuerde que no existen respuestas correctas o erróneas, pero si su opinión.

2.1 En el caso de que alguien le preguntase lo que piensa sobre Boa Vista (RR), ¿qué usted diría?

2.2 Si usted tuviese que hacer una comparación entre Boa Vista (RR) y algo, ¿con qué usted la compararía? ¿Por qué?

3. Describa dos lugares que usted va con frecuencia en su día a día (utilice nombres de lugares de origen y destino y detalles que llamen su atención durante el trayecto/o del lugar al que va).

Lugar 1:

Lugar 2:

4. Nos gustaría hacer algunas preguntas sobre su experiencia y relación con Boa Vista (RR).

4.1 En Boa Vista (RR), ¿qué te alegra y qué te entristece?

4.2 ¿Cómo usted se siente en momento actual en Boa Vista (RR)?

4.3 ¿Cómo vivir en Boa Vista (RR) influencia en su día a día? ¿Y en su futuro?

ESCALA DE ESTIMA DE LUGAR

5. Las frases abajo hablan respecto a evaluaciones, impresiones y sentimientos que usted puede tener acerca de diversos lugares. Pensando en BOA VISTA (RR), lea atentamente cada una e indique su nivel de acuerdo. Por eso, considere la escala de respuesta al lado. Por favor, intente no dejar frases en blanco y, sabiendo que no hay respuestas correctas o erróneas, intente responder de la forma más sincera posible.

BOA VISTA (RR) es un lugar QUE/DONDE

Boa Vista (RR) es un lugar QUE/DONDE:	Totalmente en desacuerdo	En desacuerdo	Ni de acuerdo, ni desacuerdo	De acuerdo	Totalmente de acuerdo
1. Considero como algo mío.	1	2	3	4	5
2. Está con polución.	1	2	3	4	5
3. Tengo la sensación de que estoy desamparada.	1	2	3	4	5
4. Me siento tranquila.	1	2	3	4	5
5. No cambiaría por nada.	1	2	3	4	5
6. Considero parte de mi historia.	1	2	3	4	5
7. Parece abandonado.	1	2	3	4	5

8. Desconfío de las personas.	1	2	3	4	5
9. Me avergüenza.	1	2	3	4	5
10. Hay riesgos.	1	2	3	4	5
11. Siento miedo.	1	2	3	4	5
12. Es mala.	1	2	3	4	5
13. El peligro es constante.	1	2	3	4	5
14. Considero fea.	1	2	3	4	5
15. Me indigna.	1	2	3	4	5
16. Tengo oportunidades.	1	2	3	4	5
17. Me siento tranquila.	1	2	3	4	5
18. Con estructuras precarias.	1	2	3	4	5
19. Si no estoy en ella, quiero volver.	1	2	3	4	5
20. Me siento identificada con ella.	1	2	3	4	5
21. La admiro por su belleza.	1	2	3	4	5
Boa Vista (RR) es un lugar QUE/DONDE:	Totalmente en desacuerdo	En desacuerdo	Ni de acuerdo, ni desacuerdo	De acuerdo	Totalmente de acuerdo
22. Me deja con rabia.	1	2	3	4	5
23. Siento que hago parte.	1	2	3	4	5
24. Me siento sofocada.	1	2	3	4	5
25. Las cosas que acontecen en ella son importantes para mí.	1	2	3	4	5
26. Me da placer.	1	2	3	4	5
27. Es atrayente para mí.	1	2	3	4	5
28. Siento que estoy desprotegida.	1	2	3	4	5
29. Me deja orgullosa.	1	2	3	4	5
30. Me siento insegura.	1	2	3	4	5
31. Es despreciable.	1	2	3	4	5
32. Amo.	1	2	3	4	5
33. Debo estar alerta.	1	2	3	4	5

34. Me divierto.	1	2	3	4	5
35. Tiene todo que conmigo.	1	2	3	4	5
36. Está destruida.	1	2	3	4	5
37. Tengo la sensación de que algo malo puede pasar.	1	2	3	4	5
38. Hay suciedad.	1	2	3	4	5
39. Defendería si fuese necesario.	1	2	3	4	5
40. Todo puede pasar.	1	2	3	4	5
41. Me siento apegada.	1	2	3	4	5

6. Datos Sociodemográficos

Nombre:	
Edad:	Profesión:
Género:	
Orientación Sexual:	
Estado Civil:	
Casada ()	Soltera ()
En una relación ()	Divorciada ()
Separada ()	Viuda ()
Escolaridad:	
Enseñanza media incompleta ()	Enseñanza media completa ()
Enseñanza superior completa ()	Posgraduación ()
Enseñanza superior incompleta ()	
¿Trabajando en Roraima? () Si () No	
¿Tiene renta familiar?	
Ninguna renta ()	De 6 a 9 salarios mínimos ()
Hasta 1 salario mínimo ()	De 9 a 12 salarios mínimos ()

¿Cuántos miembros migraron para Boa Vista - RR (incluyendo usted):

ENTREVISTA SEMIESTRUCTURADA

1. ¿Cuéntame un poco de tu historia?
2. ¿Usted siente dificultades para vivir en Boa Vista (RR)? Si sí, ¿qué dificultades?
3. ¿Qué medios ha buscado para lidiar con sus dificultades?
4. ¿Cómo es para ti ser una mujer que vive en Boa Vista?